

Legislativas

a 5 de Outubro
é a hipótese
mais provável

Na sequência das audiências de ontem, o Presidente da República recebe esta tarde os representantes dos quatro principais partidos com representação parlamentar, para os ouvir sobre a marcação de datas para as próximas eleições presidenciais e legislativas. Hoje, CDS, PCP, PS e PSD passarão sucessivamente por Belém. Desde já, a indicação mais provável será, para as eleições parlamentares, a do dia 5 de Outubro, que recolhe o apoio da maioria dos partidos. Ontem mesmo, o PPM mostrou-se favorável a esta hipótese, que não foi expressamente afastada por nenhum dos restantes partidos recebidos por Eanes — o MDP, a UDP e os Reformadores. Os contactos de Eanes deverão também estender-se a partidos que não têm representação parlamentar, mas que concorrerão às eleições, como a UEDS.

Pág. 5

Pedindo intervenção na libertação dos 15 do "Rio Vouga"

Eanes hoje em contacto com Luís Cabral e Aristides Pereira

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, contactará ainda hoje, telefonicamente, com os chefes de Estado de Cabo-Verde e da Guiné-Bissau, respectivamente Aristides Pereira e Luís Cabral, para lhes solicitar a sua intervenção junto da Frente Polisário, com vista à libertação dos 15 pescadores do «Rio Vouga» desde 5 de Junho prisioneiros daquele movimento.

Ao mesmo tempo, o Governo AD divulgou esta manhã uma nota oficiosa, garantindo que está a negociar com a Frente e que apresentou mesmo uma contraproposta a primeiros projectos de libertação apresentados pelos guerrilheiros. O Governo acrescenta que está a tratar do assunto «com o máximo empenho», mas avisa que a libertação dos pescadores poderá não vir a efectuar-se tão depressa.

Ontem, o presidente da Câmara de Matosinhos, Narciso Miranda, do PS, avistou-se em Belém com Ramalho Eanes, para lhe pedir uma intervenção directa no processo. Narciso Miranda deslocar-se-á ao Sara, provavelmente ainda esta semana, tendo pedido ao Presidente que lhe assegurasse meio de transporte, tudo indica que por meio da Força Aérea Portuguesa.

Os pescadores do Norte voltaram, esta noite, ao mar, mas prometem voltar a paralisar caso não seja obtida, a curto prazo, a liberdade para os seus camaradas.

Pág. 9



Aristides Pereira e Luís Cabral

Conferência Episcopal toma posição face às eleições:

A Democracia é um valor a garantir e a defender

«A democracia, apesar das deficiências dos regimes concretos que a praticam, é um valor de tal modo importante que exige ser sempre promovido e defendido» — proclamam os bispos portugueses na sua nota pasto-

ral, divulgada ontem à tarde.

Apelando para o voto consciente e livre, nos parâmetros dos princípios cristãos que não se compadecem com «projectos de colectivismo marxista ateu e puro capitalismo liberal», o epis-

copado português alerta o clero para a posição que deverá tomar nos próximos actos eleitorais, achando censurável que algum padre «utilizasse o exercício do ministério, designadamente o anúncio da Palavra, para fazer

política partidária».

Quanto aos candidatos e aos partidos devem ser considerados não só pelo que dizem mas sobretudo pelo que fazem e pelo que são.

Pág. 6

Mafia e separatismo 30 anos depois

O fantasma do "Turiddu"



Pippo Sciortino (em primeiro plano), sobrinho do mais conhecido bandido siciliano do pós-guerra, Salvatore Giuliano, participou ontem, em Montelepre, numa manifestação separatista organizada para evocar a morte de seu tio, ocorrida há trinta anos. Giuliano, suspeito de ter participado em inúmeros assassinios preparados pela Mafia, incluindo no massacre da Portella della Ginestra, no 1.º de Maio de 1947 (12 mortos e 56 feridos), foi encontrado morto em 5 de Julho de 1950, com 28 anos. O «Turiddu», como era conhecido, acabara por ser «coronel» num movimento cujo objectivo era a independência (pró-americana) da Sicília. (Telefoto UPI/Anop/DL)

Reunião quente do Conselho Nacional do Plano

Reúne hoje a partir das 15 horas, na Assembleia da República, o Conselho Nacional do Plano. A composição do Conselho e a natureza dos assuntos em discussão irão, segundo alguns membros do CNP, provocar «guerra».

Em anterior reunião tinham sido aprovadas as Grandes Opções do Plano, mas a discussão de hoje, se considerarmos que as forças progressistas, políticas e sociais poderão estar em maioria, prenuncia alterações sensíveis na direcção do voto.

Entretanto, o «Diário da República» publica hoje a resolução da Assembleia da República que nomeia Mário Adegas, do PSD, para vice-presidente do Conselho Nacional do Plano.



Hoje há "Exclusivo"

O significado e a importância para a Europa e o Mundo da «cimeira» Brejnev-Schmidt e desenvolvidos dados sobre a Organização de Unidade Africana (OUA) constituem assuntos de grande actualidade no «Exclusivo» de hoje. O nosso suplemento dedicado à vida Internacional, que já se apresenta com o número habitual de páginas, inclui ainda textos sobre a América do Norte, África do Sul, Sueste Asiático, etc., etc., bem como as secções habituais.

Após 40 horas de reunião na TAP

Sindicatos decidem negociar apesar da oposição do SPAC

As estruturas sindicais da TAP entregaram esta manhã no Ministério do Trabalho a contra-proposta sindical aprovada após reunião de 40 horas seguidas nas instalações do aeroporto à proposta governamental de intervenção na empresa, como consequência da sua declaração em situação económica difícil.

A proposta sindical tem o acordo de todos os sindicatos representativos dos trabalhadores da TAP, excepto dos pilotos, que segundo nos disseram cerca do meio-dia, «irão apresentar ao Ministro dos Transportes uma proposta que tenha em conta não só os problemas em litígio e a forma da sua superação, como também a necessidade de adoptar medidas excepcionais a título transitório em consequência e por força da declaração da empresa em situação económica difícil».

O SPAC decidira abandonar as conversações da estrutura sindical depois de rejeitada a sua proposta na reunião uma vez que «as posições defendidas pelos outros sindicatos representam o abandono das posições do SPAC sem que previamente se obtivesse qualquer espécie de garantia», segundo um porta-voz deste Sindicato, que mantém a ordem de greve aos seus filiados e, consequentemente, paralisada toda a frota da TAP.

Pág. 24

Jornalistas degolados na Guatemala

Dez jornalistas foram assassinados no princípio do ano na Guatemala depois de terem sido torturados, degolados e mutilados — afirmaram em S. José da Costa Rica dois jornalistas guatemaltecos exilados.

Numa entrevista ao diário «La Nación», Oscar Granados e Adolfo Zarazua, acrescentaram que quarenta e cinco jornalistas guatemaltecos tinham fugido do seu país para se exilarem no estrangeiro, principalmente no México.

Os dois jornalistas acusaram o Governo do general Romero de ser o causador da «repressão» de que são vítimas os jornalistas, e isso por «o Governo não querer que se saiba o que se passa no país».

Além disso, o Sindicato dos Trabalhadores dos Meios de Informação (SIMCOS) referiu-se num comunicado ao desaparecimento desde «alguns dias» de três jornalistas guatemaltecos.

No sábado passado, o jornalista Marco António Cação Munoz foi abatido na Guatemala.

«Nova China» volta ao Brasil

A agência noticiosa Xinhua («Nova China») voltou a funcionar no Brasil, sob a direcção do jornalista Phang Pin An.

A Xinhua abriu pela primeira vez escritórios no Brasil em 1961, e foi obrigada a suspender as actividades em 1964, quando do golpe militar que derrubou o

Governo democrático de João Goulart.

A agência decidiu reabrir o seu escritório brasileiro depois do restabelecimento das relações diplomáticas entre a República Popular da China e o Brasil, ocorrido nos começos de 1980.

«Diário do Minho»

— director em vias de se demitir

O diário bracarense «Correio do Minho», que, na passada segunda-feira, completou 54 anos de existência, afirma hoje em editorial que aguarda pacientemente que o secretário de Estado da Comunicação Social «cumpra finalmente as promessas feitas».

Essas promessas dizem respeito à resolução de problemas de carácter económico.

Ainda no editorial, o director, Jorge Cruz, declara que «se tal não suceder até ao fim do mês, é muito provável que peça a minha demissão».

«Perspectiva de equilíbrio» tónica do acordo celebrado entre Estado e RTP

Foi hoje assinado entre o Estado e a Radiotelevisão Portuguesa (o primeiro representado pelo ministro das Finanças e do Plano e pelo secretário de Estado da Comunicação Social, e a segunda pela Comissão Administrativa) um acordo de saneamento económico e financeiro para aquela empresa pública, nos moldes definidos pelo Decreto-Lei 353-C, de 29 de Agosto de 77.

Com a assinatura deste documento, a RTP passa a dispor, segundo se salienta no preâmbulo do próprio acordo, «dos meios que lhe permitam desenvolver a sua actividade numa perspectiva de equilíbrio».

Sublinha-se, no entanto, que a recuperação da empresa «impõe a observância de uma política de austeridade nos gastos, nomeadamente quanto a novos planos de investimento, e uma racional utilização do conjunto de meios de que dispõe».

O acordo, para vigorar até 31 de Dezembro de 1984, determina que a RTP hierarquize «os seus objectivos estratégicos» da forma seguinte:

Manter as redes primárias de cobertura radiotelevisiva quer do continente (1.º e 2.º canais), quer das Regiões Autónomas dos Açores, e Madeira; manter as condições da rede complementar do continente; melhorar qualitativa e quantitativamente o nível dos programas a emitir, visando um acréscimo do serviço prestado; e aumentar progressivamente o índice de produtividade.

«Melhoria concreta da programação»

O referido acordo implica que a RTP passe a pautar a sua gestão pelos seguintes princípios de política empresarial:

Prossecução do equilíbrio económico da exploração nas condições definidas no acordo; promoção do serviço público de radiotelevisão que a empresa presta, através da melhoria concreta da sua programação e difusão; melhoria da produtividade por forma a atingir níveis crescentes de produção; valorização

do estatuto do pessoal, formação, reconversão e definição de carreira para os efectivos da empresa; promoção dos meios necessários à implantação na estrutura da empresa de um órgão de planeamento global a médio e longo prazo.

Quanto a política financeira, preconiza-se, que «a partir do terceiro ano de vigência do acordo, os investimentos a realizar anualmente serão cobertos, pelo menos em 30% através de autofinanciamento».

Relativamente a aumentos de capital, estabelece o acordo que o capital estatutário da RTP será aumentado em 1980 e 1981 de 40 000 e 300 000 contos, respectivamente (...), por força das verbas atribuídas à SECS, pelo OGE, para aumentos de capital.

Finalmente, a RTP, num prazo máximo de seis meses, apresentará esquemas de regularização das suas dívidas com a Direcção-Geral das Contribuições e Impostos (80,6 mil contos), Fundo Nacional de Abono de Família (11 mil contos) e Fundo de Desemprego (78 mil contos).

Economia e Socialismo

Está em distribuição o n.º 9, referente ao mês de Maio, da revista **Economia e Socialismo**. Neste fascículo além da habitual «Análise Trimestral da Conjuntura», destacam-se os textos assinados por António Rodrigues («A política económica do Governo AD»), E.S. («A 3.ª Conferência Geral da ONUDI»), Celso Ferreira («As Empresas que integram o Sector público Empresarial»), Christian Sigrist («Sistemas políticos acéfalos e libertação nacional»).

No editorial é feito um breve

balanço da situação política e económica do país. Transcrevemos: «A crise continua e já lá vão sete anos. Depois da crise do petróleo de 1973-74 a economia mundial e em particular as economias capitalistas industrializadas permanecem em estado latente de crise». Este dado conjuntural nem sempre é tido em devida conta pelos analistas políticos e pelos dirigentes políticos portugueses. E quando se aponta a Europa como saída, não se tem, realmente, em consideração que: «A Europa

da CEE não podia deixar de sentir os efeitos desta crise... Hoje a única verdadeira política comum, a Política Agrícola Comum (PAC), está em causa. E em matéria de política externa cada um faz o que quer».

Artigo editorial é de grande interesse apesar de sintético. A revista **Economia e Socialismo** continua a ter um lugar de relevo entre as publicações especializadas que fornecem aos leitores informação e matéria de reflexão acessível mas com rigor científico.

e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 6\$50. Se não o fizer, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio: acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio.

QUANTO AO ENVIO o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope, e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 6\$50 no caso de desejar a devolução do talão recibo.

CONCURSO DL

N.º

BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO DO CONCORRENTE

NOME _____

MORADA _____

TELEFONE _____

VENDEDOR OU ESTABELECIMENTO ONDE ADQUIRIU OS JORNAIS

NOME _____

MORADA _____

CONCURSO DL

N.º

TALÃO-RECIBO

NOME _____

MORADA _____

Este talão serve apenas para informação do concorrente no que respeita ao número que lhe foi atribuído, não constituindo prova de que a colecção de cupões enviada esteja nas condições previstas no regulamento, o que só será apurado na altura do sorteio.

ENVIE AS COLECÇÕES ATÉ 26 DE AGOSTO

• **PARA SE HABILITAR AO SORTEIO** o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das duas séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;

• **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquiriu o seu jornal;

• **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido

• **O PRAZO DE ENVIO** termina em 26 de Agosto de 1980 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

• **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;

• **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 8 e 19 de Setembro, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

• **O concorrente deverá indicar o nome completo tal como figura no seu bilhete de identidade.**

• **Não se esqueça de indicar o nome e endereço do vendedor ou do estabelecimento onde adquiriu o «Diário de Lisboa».**

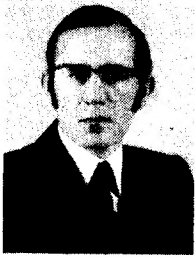
ponto a ponto

FOLHETIM ARTÍSTICO

JOSE-AUGUSTO FRANÇA

Reflexões finais e sociais sobre uma experiência burocrática

● O Presidente Eanes visitará oficialmente a Região Autónoma dos Açores nos próximos dias 21, 22 e 23, estando prevista a sua deslocação às ilhas do Faial, Terceira e S. Miguel, promulgando na cidade da Horta o Estatuto Definitivo Autonomo recentemente aprovado pela Assembleia da República. Ontem mesmo, em Angra do Heroísmo, efectuou-se um encontro entre **Mota Amaral** e o almirante Siiva Horta, no qual se supõe ter sido analisado o programa da próxima visita presidencial.



VOTA
APU
POVO UNIDO



● Os activistas da APU reunidos no II Plenário do Distrito de Bragança no passado dia 29 de Junho para preparação das próximas eleições legislativas, protestaram contra as «situações de corrupção, de oportunismo e de ilegalidade verificadas em inúmeras autarquias do distrito, onde os eleitos pelo PSD e pelo CDS se aproveitam dos cargos para benefício pessoal e dos 'compadres' dos seus partidos». Os delegados da APU chamaram ainda a atenção dos democratas e das populações dos concelhos onde a direita domina, para a necessidade de se combater os desmandos e os roubos que se verificam, a fim de que possam ser colocados à frente desses órgãos autárquicos representantes do povo dignos e honestos.

● A convite do governador de Macau, **general Melo Egídio**, encontra-se desde ontem em Lisboa um grupo de personalidades chinesas para uma visita de dez dias, tendo um dos componentes da delegação declarado à chegada tratar-se de «uma visita de carácter turístico», mas o mesmo adiantou que iam aproveitar a oportunidade para tentarem intensificar as relações comerciais luso-chinesas através de Macau. A delegação da China tem previstas visitas a várias cidades e unidades de produção, e encontros com o Presidente da República, Conselho da Revolução e secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro.



● **Mário Soares**, anteontem, em Portalegre, num comício de apresentação da Frente Republicana e Socialista: «O projecto da FRS tem muitos dos aspectos que o Papa João Paulo II tem defendido, especialmente nesta sua digressão ao Brasil». Para o secretário-geral do PS, «a actual política do Governo AD é de extrema-direita e a maioria já não existe, uma vez que os Reformadores deixaram de apoiar medidas importantes. Portugal precisa de um projecto nacional baseado no diálogo, na paz social e no mais amplo consenso entre os portugueses».

● O PCTP/MRPP exigiu ontem, através de uma extensa declaração política lida por **Arnaldo de Matos** numa conferência de imprensa efectuada na sede central daquele partido, que o Presidente da República «exonere imediatamente o Governo AD». Para a organização política liderada por Arnaldo de Matos, a exoneração do actual Executivo impõe-se devido às características «ultrarreaconárias e fascistas» que terá evidenciado ao longo dos seus seis meses de governação. «O importante — disse a finalizar — é impedir a consumação de um golpe de Estado fascista».



● O Movimento Nacional para a Libertação e Independência de **Timor-Dili**, em recente esclarecimento tornado público, considera-se identificado politicamente com a Social-Democracia e preconiza uma independência com estreitas ligações preferenciais com Portugal nos domínios da cultura e da economia. Nesta primeira fase, adianta ainda o documento, o referido movimento «pretende ser uma força de pressão, suprapartidária, que visa aglutinar todos os timorenses que querem a libertação da sua terra e uma independência sem compromissos».

● A Duquesa de Bragança, **D. Maria Pia**, distribuiu à Imprensa Internacional uma carta que dirigiu ao presidente Carter por ocasião da sua visita a Portugal. Nessa carta, a irmã e herdeira de D. Manuel II, além de defender os seus direitos, exprime as suas preocupações quanto às ambições iberistas da Monarquia Espanhola e à acção da «Opus Dei».



Quando, em Março de 1977, tomei posse da presidência do Instituto de Cultura Portuguesa, pedi ao ministro Sottomayor Cardia que me dispensasse, e se dispensasse a si, do ou dos discursos de circunstância, achando, como acho, que melhor e mais útil será que os dirigentes discurssem à partida e não à chegada aos cargos. E então que eles poderão ter uma visão mais real das coisas e dos programas cumpridos ou não — e porquê. De resto, eu exercia já as funções, como vice-presidente empossado no mesmo dia de Novembro de 1976 em que Fernando Namora era simbolicamente nomeado presidente, deixando o cargo no dia seguinte. Nessa cerimónia solene (Miller Guerra foi ao mesmo tempo empossado de presidente do Instituto Nacional de Investigação Científica), o Namora fez um discurso muito divulgado pelos meios da comunicação social, e tendo ele, aliás notavelmente, falado sobre cultura e sobre a missão do I.C.P., escusado seria que, quatro meses depois, eu viesse dizer aos meus compatriotas, e ao mesmo ministro, o que era a cultura e o que devia fazer o Instituto. Se tivesse para dizer coisas iguais, não valia a pena; coisas diferentes, era uma trapalhada, em tão curto espaço de tempo.

Agora é que, ao cabo de três anos e meio de função, alguma experiência adquiri sobre a qual terá interesse reflectir, por ela própria e pela generalidade em que se insere. Uma generalidade governamental, em seis ministérios sucessivos que fui servindo, pondo sempre, em cada mudança, o cargo à disposição do novo titular da pasta de tutela, que podia ser da Educação ou da Cultura e finalmente de novo foi da Educação. O meu talvez «record» de permanência à frente de uma direcção-geral nestes tempos variados explica-se apenas por uma certa teima cívica em cumprir um contrato de três anos (e mesmo a prorrogação que pareceu conveniente), numa comissão de serviço que preferi fosse gratuita, ganhando, embora menos, pela Universidade onde continuei a prestar serviço integral. Por civismo aceitei o cargo num desejo de colaborar no País em mutação, num sector onde alguma experiência internacional podia ser útil. Na verdade, porém, a indefinição, ao longo dos vários Governos, do que pudesse ser o Instituto, nascido por divisão do de Alta Cultura em dois, ele próprio e o da Investigação Científica, não tornou grandemente útil a minha intervenção, limitada a um arrumar de casa. Como seja a regulamentação da escolha de leitores que passaram a ter um perfil docente e habilitações mais adequadas, e foram levados a frequentar um curso intensivo a cuja organização, assegurada pela prof.^a Maria Emília Marques, presidiu a prof.^a Lurdes Belchior; e que também tiveram a sua comissão de serviço regulamentada em 4/5 anos, de modo a assegurar uma substituição periódica, garantia de lugar para novas promoções de candidatos e de actualidade na sua relação cultural com o País — evitando assim as longas estadas de quem afinal não queria voltar, a trazer necessariamente a experiência adquirida no estrangeiro ao ensino nacional, que é outro e natural fito dos leitores, com doutoramentos possíveis pelo meio. Instalações diversas, casamentos muitos, estavam fazendo ocupar postos sem limite de tempo e com pre-



José-Augusto França

juízo certo para a nossa acção cultural. A tais e numerosas situações se pôs fim não sem um ou outro conflito — e nunca me esquecerá o caso de um leitor em país germânico que argumentava não poder regressar pois casara lá e os filhos não falavam português... Foi também possível passar a pagar com certa modesta decência à centena de leitores, equiparando-lhes os vencimentos aos dos assistentes locais, mesmo que isso representasse quase o dobro de um catedrático em Portugal... Estatuto do leitor, porém, e apesar de o I.C.P. o ter estudado, não passou de gavetas ministeriais. Também se começou a fornecer aos leitores, com regularidade, livros recentemente saídos, assim mudando a situação ocasional em que se encontravam nesse aspecto; e compraram-se filmes para empréstimo, não tendo sido possível, por falta de condições técnicas (e de mercado), definir uma tão necessária colecção de diapositivos de arte. Mas definiu-se, para novos leitores e outras instituições, uma «Biblioteca Piloto» de cerca de 200 volumes cobrindo a literatura e mais sucintamente a cultura nacionais — embora com faltas graves pelo meio, que o mercado não satisfazia e o Instituto teve que desistir de suprir, apesar do acordo de um editor, perante o projecto de um Instituto do Livro, anterior ao actual. Definiu-se também uma selecção de livros para exposições bibliográficas, sempre actualizada e evitando-se improvisações de cada vez. Por outro lado, fez-se o levantamento de praticamente todas as revistas em publicação mais ou menos regular em Portugal, no domínio das ciências humanas, e puseram-se os últimos números em exposição e para leitura numa sala de recepção que se abriu, onde também algumas estantes mostravam aos visitantes últimos livros editados; e nas paredes houve quadros representativos da nossa arte contemporânea, graças à colaboração graciosa de artistas e duma galeria — e uma instalação sonora permitiu difundir ali música portuguesa. Publicações também se fizeram, não um livro sobre Portugal que Jorge de Sena e Fernando Azevedo haviam de realizar em colaboração, mas duas ou três antologias e, sobretudo, por ideia de Fernando Namora, uma «Biblioteca Breve» de que até hoje saíram 50 volumes creio que úteis e com notável nível, entre a síntese e a divulga-

ção, graças aos autores convidados, à comissão consultiva nomeada — e à acção do director da publicação, dr. Álvaro Salema.

Não se conseguiu, porém, publicar uma revista do Instituto, sendo baldados os esforços para obter colaboração suficiente dos leitores que haviam de ser os seus principais participantes, a par de textos de professores estrangeiros, responsáveis pelo ensino da nossa língua e cultura.

O resto, incapacitado de multiplicar os leitores, em face de orçamentos de Estado tardamente aprovados, que aumentavam e encolhiam de ano para ano, sem previsão possível, poderai dizer que foi rotina de bolsas e subsídios, convites e apoios diversos ao conhecimento da nossa cultura além fronteiras, ao nível universitário que era o do I.C.P. Nível agora alargado com a fusão, finalmente decidida pelo actual Governo, do ensino aos níveis básico e secundário no mesmo organismo centralizador — medida sem dúvida acertada, que já os primeiro e quarto Governos constitucionais tinham abordado com insuficiente decisão.

No segundo caso, aliás, previu-se um novo Instituto, de modo a que o I.C.P. tivesse outro encargo cultural, mas não docente, no quadro da Secretaria de Estado da Cultura — que desde o segundo Governo procedia a estudos nesse sentido, prejudicados, creio eu, por pequenos e médios funcionários internos. Teria sido outro destino capaz de resolver problemas de actuação internacional que, têm sido e vão sendo mal servidos, por insuficiência de estruturas. Outro destino, outra história que não esta que modestamente se pode contar, — e cuja falência maior, no meu tempo, foi a da impossível recuperação dos Colóquios Luso-Brasileiros interrompidos — algo escandalosamente nos Estados Unidos, em 1966, pelo receio de críticas exteriores à guerra colonial. Bati-me, em fins de 1976, em Brasília, pela ressurreição, mas não era então a Portugal que um enfoque crítico internacional podia desconvir — e tudo ficou, diplomaticamente, adiado, «sine die», como se diz, embora se não dissesse. Também uma actuação que se desejou definir em Goa (tão necessária), se perdeu no esquecimento — e mínima foi sendo a intervenção do I.C.P. em relações culturais estabelecidas em viagens presidenciais ou ministeriais, que estranhamente

ignoraram a sua colaboração possível, com isso afinal se prejudicando. Na verdade, ao longo destes três anos e meio, fiquei com a convicção de que os sucessivos Governos, de vários sinais ideológico, nunca souberam para que havia de servir o Instituto, subaproveitando-lhe as possibilidades e pagando caro em orçamento o que podia ser uma simples e económica direcção de serviços do Ministério da Educação — como, em cada mudança de governante, de números na mão, eu demonstrava...

... Que pensar disto, que pensar do todo em que isto se insere? Ai me parece mais importante chegar neste «discurso de saída», obrigatoriamente discreto e que discurso não poderia ser, nos costumes das entradas e saídas das funções — para que alguma utilidade geral ele tenha, deixando às particularidades o simples papel de testemunho, para memórias mais longas. Homem de letras, nacionais e estrangeiras, alguma experiência de gestões várias fui também tendo, pela vida fora, em muitos anos passados à margem do Estado que, tal como era, eu não desejava servir. O 25 de Abril permitiu-me fazê-lo, pela via universitária que me convinha às habilitações legais — e o I.C.P. veio por acréscimo, em convite que achei não dever recusar, apesar do prejuízo de trabalho, saúde e fazenda que me acarretava. Entrei assim na função pública como director-geral e sem qualquer experiência dela e da sua burocracia, conhecida apenas em vagos contactos e em referências literárias, até de autores suspeitos de humorismo; estudos sociológicos sobre o caso português, suponho que não há, limitando-nos a sofrer o famoso princípio de Peters, sem mesmo lhe saber o nome... A minha situação é, aliás, igual à de grande percentagem dos novos e sucessivos directores-gerais. Mas, na verdade, ideias sociológicas ou históricas sobre a sociedade portuguesa não poderão haver com indispensável acerto e pertinência sem se atravessar uma prática de funcionamento tão alto quanto possível — e o que fui sabendo, nas minhas pesquisas sobre os séculos XIX e XX portugueses, subitamente receberam esclarecimento e sentido. Acho mesmo que todos os historiadores da sociedade portuguesa deviam ser nomeados directores-gerais durante um certo tempo para penetrarem nos arcanos da respectiva prática e nela descobrirem razões fundas de mentalidade e comportamento. E darem-se conta da percentagem do possível e do impossível do nosso viver real, como país e como nação. Certas críticas que, mesmo ao nível mais geral, todos fazemos, perdem ali razão de ser — em função de outra razão maior e que, por tipologicamente disforme, geralmente nos escapa. É que o tempo na função pública é diferente do tempo fora dela. E não só porque se chegue tarde, ou se saia cedo, ou não se chegue a fazer uma coisa nem outra: o tempo em questão tem outro curso físico e psíquico, e pontanto social. E não é por haver «dactilógrafos» que nunca esqueceram à máquina, ou «oficiais» que nunca redigiram um ofício, ou «técnicos» que não o são de coisa nenhuma mas só de 1.ª ou de 2.ª quando uma escola de Administração pública?... que este tempo corre como corre: na estranha realidade do

FOLHETIM ARTÍSTICO

Continuação da pág. 3

País, ele tem o comportamento rítmico que tem para que sejam como são os técnicos, os oficiais e os dactilógrafos, na sua necessidade profunda, ou metafísica...

Por aí, e sem querer, encontra-se a literatura humorística a que eu não dava crédito bastante. Erro meu: a visão caricatural, do Gervásio ao Ega, do Camilo ao Fialho, do Ramalho ou Brun, do Júlio César Machado ao Armando Ferreira, cena a cena, observação a observação, parece, afinal, correcta e constitui fonte privilegiada, senão única, de entendimento sociológico! A caricatura, aliás, no seu dinamismo essencial, não se gera na excepção mas na regra. Excepções, afinal, são os retratos oficialmente estáticos.

Escusado será dizer aqui que a experiência que fiz não diz somente respeito ao Instituto, microcosmo que dirigi — e onde, evidentemente, tive um certo número de excelentes colaboradores para que alguma coisa se tivesse feito; eles sabem em quem penso, com apreço, estima e gratidão. Ali é um microcosmo que apenas não desmerece do macrocosmo burocrático, de uns e outros ministérios com que fui tendo contacto indispensável, e é da generalidade que retiro a regra, necessariamente não oficial — em que, sempre, o valor ou a categoria tempo se perfila com significado fundamental. Trata-se dum tempo real, que pauta o tempo social português, nas

escalas hierárquicas duma burguesia definida pelo século XIX fora. E como tempo é dinheiro, em qualquer economia, colectiva ou de mercado, diz-me a outra experiência que tenho que toda e qualquer empresa que usasse o «tempus bureaucraticus» rapidamente abriria falência. A função pública tem, porém, a grande e milagrosa vantagem de não poder falir — e de durar sempre e, com certeza, para sempre. Mesmo que as sociedades sejam mortais...

Porque, se o sonho do camponês nacional é a emigração, no mesmo desenho de Rafael Bordalo Pinheiro, citando uma frase de Júlio César Machado, se mostra como o cidadão sonha «ter um emprego público e faltar à repartição»... O Almada Negreiros acrescentaria, trinta anos depois em fuxista fúria, que os portugueses têm filhos «pela mesma razão por que faltam à repartição». E assim se assegura o prosseguimento da espécie e da pátria!

...Lembro-me agora, em fim de discurso, que o Fernando Namora, numa reunião de despedida, ao deixar o posto em que lhe sucedi, disse dele ter tirado uma experiência que ainda não havia tido. Vi nisso uma reacção de romancista, sempre à coca de realismo no comportamento dos seus semelhantes e do próprio. Talvez fosse — mas talvez, como para mim, fosse uma coisa sociologicamente mais significativa. De qualquer modo, em frustração, uma vacina necessária e suficiente...

Secretária de Estado da Emigração «surpreendida»

Emigrantes portugueses em Londres criticam governo AD e pedem explicações

A insuficiência das celebrações do Dia de Portugal foi um dos temas que os emigrantes portugueses em Londres mais discutiram na noite de domingo, num encontro com a secretária de Estado da Emigração, Manuela Moreira.

Depois de uma alocução daquele membro do Governo, que falava para cerca de trezentos compatriotas nossos que vivem na capital inglesa, estes criticaram o embaixador Freitas Cruz e o consul Caldas Faria por não terem distribuído, como era hábito, pelas várias associações de emigrantes, a gravação do discurso do Presidente Eanes em que explicava a razão da inexistência de comemorações especiais do Dia das Comunidades.

Tais críticas suscitaram polémica com os visados — o embaixador e o consul encontravam-se presentes — tendo ainda os emigrantes acusado o Governo AD de não ter ainda completado o acordo de segurança social entre Portugal e a Inglaterra obtido por um Governo socialista.

Outra questão debatida (naturalmente levantada pelos emigrantes) foi a relativa confusão que rodeou esta visita da secretária de Estado da Emigração, que, durante largo período prévio, ninguém sabia se era oficial ou privada...

Neste certamente «memorável» encontro de Manuela Moreira com os emigrantes portugueses em Inglaterra, que se realizou no Centro Católico de Londres, a secretária de Estado afirmou aos nossos compatriotas que o seu departamento governamental tem tido «com preocupação fundamental» dar mais apoio às associações de

emigrantes, tentar ampliar o ensino de português no estrangeiro e estender também ao estrangeiro serviços de consultoria jurídica.

Manuela Moreira, entretanto, «explicou» a extinção da revista «25 de Abril» e a sua substituição por um boletim informativo trimestral por razões de ordem técnico-financeira...

Neste âmbito de política informativa da Secretaria de Estado da Emigração, Manuela Moreira adiantou à ANOP a existência de projectos de subsídios a publicações de emigrantes portugueses, em ordem a possibilitar a sua expansão. Resta ver, não falou, contudo, dos critérios de escolha a seguir nem em razões técnico-financeiras.

Na Madeira

PCP propõe ao PS encontros bilaterais

A direcção da Organização da Madeira do PCP reafirmou ontem ao PS o empenho de, em conjunto com outras forças e personalidades democráticas e independentes, encontrar uma acção comum com vista às próximas eleições.

Num documento divulgado no Funchal, o PCP propõe a realização imediata de «encontros bilaterais».

Os comunistas apontam, como factor para a concretização da proposta, o facto de entenderem que os próximos actos eleitorais não ser efectuados «numa situação particularmente importante para o futuro da democracia no país e na região autónoma».

PS CONTRA Governo Regional

O Partido Socialista repudiou ontem a decisão do executivo madeirense de mandar suspender um inquérito às receitas e despesas familiares promovido pelo Instituto Nacional de Estatística.

Os socialistas afirmam que o referido inquérito tornaria claro que os madeirenses «não vivem tão bem quanto o Governo regional pretendo fazer crer».

Após afirmarem que tal atitude se apresenta como uma forma de «calar a opinião pública», os socialistas, num comunicado, acusam o Governo da Madeira

de pretender controlar a iniciativa através de um serviço submetido à sua orientação para «esconder a triste realidade das condições de vida da população».

A nota repudia, ainda, a deliberação do Governo de João Jardim em adiar o pagamento, para Agosto, dos novos vencimentos dos funcionários públicos, quando, acrescenta, «no restante território nacional serão pagos no corrente mês».

Quanto à formação de listas de candidatos para as eleições legislativas e regionais os socialistas admitiram a abertura de algumas candidaturas a personalidades independentes.

PRP diz apresentar candidatura de «unidade revolucionária»

A direcção nacional do Partido Revolucionário do Proletariado (III Congresso) decidiu apresentar «uma candidatura de unidade revolucionária» nas próximas eleições legislativas, segundo anuncia num comunicado distribuído em Lisboa.

A decisão foi tomada em reu-

nião plenária do órgão dirigente do PRP, realizada no último fim-de-semana.

De acordo com o comunicado, a construção de uma «alternativa unitária e revolucionária ao 24 de Abril e ao 25 de Novembro» será facilitada por uma candidatura daquele tipo ao Parlamento.

O PRP reafirma ainda o seu empenhamento no desenvolvimento da luta de massas contra o actual Governo.

No comunicado expressa-se solidariedade com os militantes presos do PRP, apontados como «exemplos de firmeza revolucionária».

Os palcos da Festa do 25 de Abril

Lisboa - Alto da Ajuda - 11, 12, 13

Julho - 1980

A Música Brasileira
Chico Buarque
Edu Lobo * MPB4 * Simone

A Musica Folk
Tom Paxton

A Música da América Latina
Soledad Bravo

A Música de Theodorakis
Maria Farantouri

Festival de JAZZ tradicional
Benko Dixieland Band
Metropolitan Jazz Band Praha
Dixieland All Stars Berlin * Royal Rag

O Circo
Companhia de Circo Soviético

A Música Portuguesa
Mais de 500 artistas de todo o País

Lisboa - Alto da Ajuda - 11, 12, 13 de Julho - 1980 • Alto da Ajuda - 11, 12, 13 de Julho

Lisboa - Alto da Ajuda - 11, 12, 13 de Julho - 1980 • Lisboa - Alto da Ajuda - 11, 12, 13 de Julho - 1980 • Lisboa - Alto da Ajuda - 11, 12, 13 de Julho - 1980 • Lisboa - Alto da Ajuda - 11, 12, 13 de Julho - 1980 •

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO

C/ conhecimento ao Ministério da Indústria e Tecnologia e Administração da Setenave

PRÉ-AVISO DE GREVE

Os trabalhadores da Setenave, tendo tomado conhecimento da assinatura do CCTV para a Metalurgia e Metalomecânica e analisando os considerandos seguintes, como:

- 1.º — Que a Administração se comprometeu a entregar uma contra proposta até quinta-feira, dia 3/7/80, motivo pelo qual os trabalhadores interromperam as formas de luta que vinham a desenvolver.
- 2.º — Que o Governo e a Administração não cumpriram com o estipulado no comunicado de 27/6, desprezando a vontade expressa pelos trabalhadores na AGT/Concentração desse mesmo dia, a qual foi exposta verbalmente pelo Grupo Negociador, aquando da entrega da proposta aí aprovada.
- 3.º — Que a resposta da Administração no seu comunicado de 2/7/80, mais não é do que uma fuga do Governo e da Administração ao anterior compromisso.

Decidem:

- 1 — Efectuar uma greve de 4 horas (2 horas em cada meio tempo), nos dias 10 e 11 de Julho até às 0.30 de dia 12, distribuídas da seguinte forma:

Horário especial - 1.30 às 3.30 horas e 6.30 às 8.30 horas
Horário normal - 9.30 às 11.30 horas e 14.30 às 16.30 horas.
Horário turno - 17.45 às 19.45 horas e 22.30 às 00.30 horas.

- 2 — Que as greves de 5.ª e 6.ª-feiras se repitam semanalmente até que se apresente uma contraproposta passível de Negociação.

O presente pré-aviso é feito no exercício dos direitos consignados no artigo 59.º da Constituição da República Portuguesa, no artigo 2.º, n.º 1, da Lei 65/77, de 26 de Agosto, e para dar cumprimento ao disposto no n.º 1 do artigo 5.º, da mesma Lei.

SUBScrevem ESTE PRÉ-AVISO DE GREVE OS SEGUINTE SINDICATOS:

- Sind. Trab. Ind. Metal. e Metalomecânica do Distrito de Setúbal.
- Sind. dos Trabalhadores Rodoviários do Dist.º Setúbal.
- Sind. dos Trab. de Escritório do Dist. Setúbal.
- Sind. dos Técnicos de Desenho.
- Sind. dos Maquinistas Práticos Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante.
- Sind. dos Fogueiros Mar e Terra e Ilhas Adjacentes.
- Sind. dos Marinheiros Mercantes de Portugal.
- Sind. dos Enfermeiros Zona Sul.
- Sind. dos Professores da Grande Lisboa.

Sá Carneiro e Freitas do Amaral em Roma

Programa de acções comuns na agenda das conversações

Para «manifestar ao Governo italiano o nosso apreço pela forma como tratou os problemas portugueses durante a sua presidência do Conselho de Ministros da CEE», Sá Carneiro, acompanhado por Freitas do Amaral e Almeida Mendes, chegou ontem a Roma onde manterá conversações com as autoridades italianas.

Hoje, o Primeiro-Ministro almoça no Palácio do Quirinal com o presidente Sandro Pertini, reunindo-se depois numa sessão de trabalho com o chefe do Governo, Francesco Cossiga, em que participa também o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Amanhã parte para Atenas onde se avistará com os principais líderes políticos do que será, em Janeiro próximo, o décimo membro das Comunidades Europeias.

Em Roma, Sá Carneiro espera conseguir o apoio italiano para o programa de acções comuns que Portugal propôs à CEE e que, depois de aprovado pela Comissão de Bruxelas, se encontra agora presente para discussão no Conselho de Ministros, que, na melhor das hipóteses, o irá apreciar na sua reunião de Setembro. O programa consta de um conjunto de financiamentos e subsídios a conceder pelo Mercado Comum a Portugal, para apoiar acções de formação, pequenas e médias empresas, o sector agrícola e, principalmente, a construção de estradas no interior do País.

O Governo pretende que este programa seja aprovado rapidamente, por dois motivos evidentes. Em primeiro lugar, em Maio passado, o

secretário de Estado da Integração Europeia, Almeida Mendes, anunciou que a CEE já tinha resolvido participar na construção de estradas, quando o Governo português nem sequer tinha ainda proposto o financiamento. Para além de procurar colmatar esta «gaffe» diplomática, o Executivo AD persegue um outro objectivo — conseguir que a próxima construção de estradas para populações mais ou menos isoladas possa funcionar como argumento a seu favor durante a campanha eleitoral de Setembro.

Como o «DL» já referiu várias vezes, é pouco provável que as autoridades comunitárias queiram «apostar» tão fortemente num Governo que tem actuado de preferência em sintonia com os Estados Unidos e tem desprezado, de

alguma forma, as posições cautelosas assumidas pelos países da Europa Ocidental nos conflitos resultantes da oposição americana à intervenção soviética no Afeganistão.

No entanto, e voltando a Itália, é provável que mais esta visita de Sá Carneiro, não tenha, tal como aconteceu com as anteriores, resultados evidentes. Com efeito, a Itália desde sempre tem apoiado as posições portuguesas e isso mesmo foi largamente confirmado com o caloroso acolhimento dado ao Presidente Ramalho Eanes, quando este visitou Roma em Maio passado. O alargamento do Mercado Comum a países da área do Mediterrâneo seria, para a Itália, a hipótese de deixar de ser o parente pobre das Comunidades, pelo que este país tem defendido que o alargamento se deverá consumir nos prazos inicialmente previstos, ao contrário do que resulta das intenções declaradas da França e da República Federal da Alemanha.

A única gestão em que a actividade de Sá Carneiro poderia ser útil, mas que se afigura desde já ir ter resultado negativo, seria a relacionada com a exportação de concentrado de tomate. Com efeito, a produção portuguesa é melhor e mais barata

que a italiana, mas até agora tem sido impedido o seu acesso aos mercados comunitários, situação que não deverá modificar-se.

No iate de Onassis

Em Atenas, e como Sá Carneiro afirmou ontem no Aeroporto, «abordaremos com o Governo grego questões relativas à entrada de Portugal para a CEE, assim como os problemas da adesão dos países da Europa do Sul».

Amanhã, no aeroporto de Atenas, Sá Carneiro será recebido pelo primeiro-ministro grego, Jorge Rallis, e à noite o ministro dos Negócios Estrangeiros, Constantino Mitsotakis oferece-lhe um banquete. No dia seguinte, Sá Carneiro e a sua comitiva são recebidos pelo presidente da República, Karamanlis e na próxima sexta-feira, Carneiro, Freitas do Amaral e os restantes portugueses que com eles viajam terão uma oportunidade única — viajar no iate «Cristina», hoje baptizado de «Argos», que foi propriedade de Onassis, cuja filha o doou ao Estado grego depois da morte do pai.

Será porventura este o momento mais significativo da «tourné» europeia dos líderes da AD.

Reunião marcada para amanhã

Órgãos directivos do PS analisam lista de candidatos

O Secretariado Nacional e a Comissão Directiva do PS reúnem-se conjuntamente em Lisboa, amanhã, para análise da lista de candidatos socialistas na Frente Republicana e Socialista.

A lista tem sido elaborada por uma comissão presidida por António Esteves, secretário nacional, e formada, entre outros, por Cal Brandão, Manuel Tito de Morais e João Cravinho.

Fontes socialistas disseram, entretanto, que não tem sido pa-

cífica no seio do partido a composição das listas e a inclusão de independentes, debatendo-se entre si várias sensibilidades.

As mesmas fontes admitem que a reunião de amanhã não seja ainda conclusiva, prevendo-se a sua continuação para dias posteriores.

Da ordem de trabalhos consta ainda a apreciação do andamento da Frente Republicana e Socialista.

Programa de alfabetização para os Açores

O Governo Regional dos Açores vai desenvolver um programa de alfabetização extensivo a todas as localidades do arquipélago.

Neste sentido, está a proceder, numa primeira fase, à auscultação das populações de todos os concelhos da região, à excepção do Corvo que não será coberto pela iniciativa, com vista à elaboração de programas específicos de actuação.

Segundo disse à Anop Fátima Lopes, presponsável pela orientação da iniciativa, pretende-se, além de integrar os analfabetos em cursos básicos de ensino da língua, promover também a sua participação na vida da comunidade onde estão inseridos.

Com este objectivo, o programa de alfabetização projecta a realização de actividades socioculturais como o teatro, a música e o folclore, que se de-

seenvolverão em paralelo com a da aprendizagem da leitura e escrita do português.

Para cada concelho será destacado um professor com as funções de coordenador do projecto, cuja execução compete não só aos leccionadores das escolas primárias, como também a pessoas com conhecimentos suficientes nas várias matérias.

A fase de auscultação e sensibilização que agora decorre deverá terminar antes de Outubro, mês em que se projecta o início da aplicação do programa.

Segundo os últimos dados oficiais, as taxas de analfabetismo atingem 7,8, 2,2 e 17%, respectivamente, nos antigos distritos de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta.

Tais valores, salientou Fátima Lopes, situam os Açores como a zona de menor índice de analfabetismo do país.

Audiências de Eanes

continuam esta tarde

MDP prefere legislativas a 28 de Setembro enquanto o PPM escolheu o 5 de Outubro

O MDP/CDE manifestou ontem ao Presidente da República o desejo das eleições legislativas se realizarem a 28 de Setembro, enquanto que o PPM sugeriu o dia 5 de Outubro.

Os Reformadores e a UDP, que também foram ontem a Belém, não manifestaram preferência por qualquer data.

Esta tarde o Presidente Eanes recebe, para ouvir a sua opinião sobre a data das próximas eleições, o CDS (15 horas), o PCP (17 e 15), o PS (18 e 30) e o PSD (19 e 45).

Os dias 28 de Setembro, 5 e 12 de Outubro — como ontem noticiámos — têm sido apontados como os únicos legalmente possíveis para a realização das eleições legislativas.

Entretanto, ontem, à saída da audiência, a delegação da UDP (composta por Amadeu Ferreira e Francisco Rosa) disse que o objectivo primeiro do seu partido nas eleições presidenciais é derrotar Soares Carneiro.

Para isso, a UDP considera desejável que «um largo leque de forças democráticas e antifascistas» apoie uma candidatura própria defensora do 25 de Abril.

O porta-voz da delegação acrescentou que Eanes «depois de chefiar o 25 de Novembro e de nomear Mota Pinto, não dá garantias de defender os interesses dos trabalhadores».

Quanto aos reformadores: disseram não terem sugerido a

Eanes qualquer data.

«Deixamos a sua marcação ao alto critério do Presidente da República» — declarou Medeiros Ferreira, que se encontrava acompanhado por Adão e Silva, líder parlamentar dos reformadores.

Por sua vez o MDP/CDE sugeriu a Eanes a data de 28 de Setembro, segundo declarações de Herberto Goulart.

O dia 5 de Outubro é também uma data aceitável para o MDP, desde que do ponto de vista de técnica eleitoral se revele mais conveniente, mas o dia 12 é já demasiado tardio — acrescentou. O essencial para o MDP/CDE é que a segunda legislatura e o novo mandato presidencial comecem a 15 de Janeiro — disse ainda Goulart, que se encontrava acompanhado de Helena Cidade Moura e Eduardo Pedroso.

Já o PPM disse ao Presidente da República que preferia o dia 5 de Outubro, considerando inconvenientes o 28 de Setembro, devido às férias, e o 12 de Outubro, por causa da peregrinação a Fátima no dia seguinte.

Os monárquicos, representados por Ferreira Pereira e Portugal da Silveira, consideram o dia 14 de Dezembro como o mais desejável para as eleições presidenciais.

«No caso de haver uma segunda volta o PPM defende, se necessário, a prorrogação do actual mandato do Presidente da República» — acrescentaram.

Na posse dos administradores da CGD

Ministro Cavaco e Silva defende manutenção da actual taxa de juro

Discursando ontem no acto de posse do administrador-geral e do administrador geral substituto da Caixa Geral de Depósitos, Oliveira Pinto e Pires Lourenço, o ministro das Finanças Cavaco e Silva disse que o aumento e o nível actual dos excedentes de liquidez da banca inviabilizou e continua a impedir que a política de redescuento funcione como instrumento eficaz de controlo indirecto da oferta de crédito.

Cavaco e Silva sublinhou na mesma oportunidade que o nível do défice do OGE impõe que se

prossiga uma política de fixação quantitativa do crédito a conceder pelos bancos e se mantenham as taxas de juro actuais.

Segundo o ministro das Finanças, o aumento de liquidez da banca permitiu reduzir substancialmente a dívida das instituições de crédito ao Banco de Portugal e aumentar as aplicações no mercado interbancário de títulos, que passaram de dois milhões de contos, no fim de 1978, para 27,6 milhões em Maio. «Estas aplicações financeiras», disse o ministro — adi-

cionadas ao excesso de reservas legais existente em Maio (4,4 milhões de contos) excedem em 14 milhões o crédito do banco central às outras instituições monetárias.

Cavaco e Silva defendeu a manutenção do controlo directo da oferta de crédito para defender a balança de pagamentos e considerou que o controlo indirecto pela base monetária pelo mercado interbancário de títulos e pelas reservas de caixa continua a não se revelar eficiente.

Aires Rodrigues defende para Belém candidatura única PS/PCP

O antigo deputado socialista Aires Rodrigues, agora candidato à Presidência da República pelo Partido Operário de Unidade Socialista propõe, numa carta aberta às direcções do PS e do PCP, a apresentação de um candidato comum de esquerda a Belém.

«O povo que trabalha não pode aceitar que lhe queiram

impor uma escolha entre o general Eanes e o general Soares Carneiro», afirma-se nessa carta, ontem divulgada durante uma conferência de imprensa, na qual se defendeu que a reeleição de Ramalho Eanes significaria sempre a «continuação dos ataques à Reforma Agrária» e a subida dos preços.

As liberdades e o 25 de Abril estão em perigo, afirmam tam-

bém os subscritores da carta aberta, fundamentando-se na existência de múltiplas candidaturas de militares como Soares Carneiro, Pires Veloso e Galvão de Melo.

Entre os apoiantes da carta aberta contam-se, para além de Aires Rodrigues, Carmelinda Pereira, Manuel Sertório, Manuel Geraldo, Filipa Homem Christo e António Ramalheite.

PS contra declarações de Sá Carneiro

Governo devia aceitar discussão de moção de censura e inquéritos parlamentares

O Partido Socialista contestou hoje afirmações de Sá Carneiro no Porto, segundo as quais «este Governo fez mais em seis meses do que todos os outros em seis anos».

O PS, que foi responsável por dois Governos Constitucionais e

teve influência em diversos executivos provisórios, afirma que «o Governo melhor faria se em vez de tiradas demagógicas nos comícios não fugisse à discussão da moção de censura e aos inquéritos parlamentares».

Os socialistas consideram

«surpreendente» a declaração do Primeiro-Ministro «a não ser — frisa — que para Sá Carneiro «fazer mais» queira dizer, fazer pior, cometer mais erros, praticar mais actos que afectam a democracia e a vida do povo português».

Delegação da FN no Rio de Janeiro

Um grupo de portugueses radicados no Brasil acaba de fundar uma delegação da Frente Nacional no Rio de Janeiro.

A comissão instaladora é presidida pelo filiado na Frente Nacional Agostinho Caetano da Silva, português há largos anos ali residente.

O representante da comissão coordenadora da FN, de que faz parte o empresário Guedes da Silva, deslocar-se-á no próximo mês de Setembro ao Rio de Janeiro para assistir à sessão solene de inauguração da sede daquela delegação.

Moradores responsabilizam a Câmara

Dezenas de moradores de Benfica iniciaram a noite passada a recolha de um abaixo-assinado no bairro, em protesto contra as incriveis e sistemáticas variações de sinalização de trânsito junto ao viaduto da segunda circular.

A iniciativa teve lugar, imediatamente após a ocorrência de grave acidente (o sexto em poucos dias).

Recorde-se que, ainda não há muito tempo, naquela área, foi atropelado, mortalmente, por um autocarro, um jovem aluno da Escola Pedro Santarém.

Sublinhando-nos que os ânimos «estão a ficar exaltados», um morador de Benfica considerou para o «DL» ser a Câmara Municipal responsável pela perigosa situação existente na zona, imputando-lhe as decisões «arbitrárias» e sem prévio aviso.

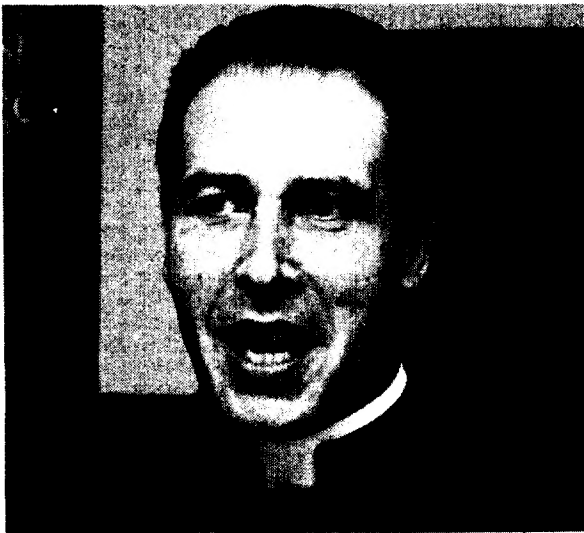
Nota da Conferência Episcopal Portuguesa

Padres não devem utilizar o púlpito para aconselharem o voto em partidos

A Conferência Episcopal Portuguesa divulgou ontem uma «nota pastoral sobre as próximas eleições legislativas e presidenciais» em que define as linhas por que se deve reger o comportamento da Igreja, nomeadamente do clero, nos próximos actos eleitorais e nas suas campanhas.

Defende: a isenção político-partidária da Igreja, a não intervenção do clero através da palavra e do púlpito para influenciar partidariamente os eleitores, o direito e o dever do voto e a Democracia que, «apesar das deficiências dos regimes concretos que a praticam, é valor de tal modo importante, que exige ser sempre promovido e defendido».

Não aceita: projectos de «colectivismo marxista ateu e de puro capitalismo liberal».



ças concretas em que se exprime».

Mas —sublinha a nota— «a principal presença da Igreja na vida política realiza-se através do empenhamento e da acção dos leigos».

Votar é participar

Considerando que «a participação consciente e activa dos cidadãos na vida pública não se limita à escolha dos governantes, pois respeita aos vários domínios da comunidade nacional e inter-

numa nota episcopal anterior às eleições.

A dignidade do voto

«É necessário que o voto seja verdadeiramente livre» — defendem os bispos portugueses. Mas essa liberdade «não se compadece com manipulações ou pressões abusivas, provenientes das dos dirigentes políticos, dos profissionais de Comunicação Social ou de quaisquer outras pessoas ou grupos». Insiste a Igreja na obrigatoriedade de os eleitores serem esclarecidos antes de votarem nos partidos e candidatos em confronto, «atendendo não só ao que dizem, mas sobretudo ao que são e ao que fazem». E sublinha a nota alguns dos princípios fundamentais da Igreja: «Ao cristão não lhe merecem confiança os programas políticos que não assegurem o respeito dos valores humanos e cristãos fundamentais, como: a religião e a liberdade de a praticar; a vida humana, espiritual e física, posta a salvo da ignorância, da miséria, das discriminações, das várias formas de coacção, do aborto e demais atentados contra ela; à família fundada no matrimónio uno e indissolúvel.»

Segundo a Igreja também

não é lícito ao cristão dar o voto a projectos como o do «colectivismo marxista ateu e o puro capitalismo liberal».

Aviso ao clero

Voltamos a lembrar aos sacerdotes que, «embora seja natural interessarem-se pela vida do País e formarem em consciência as suas legítimas escolhas pessoais, a si mesmo devem proibir-se interferências ou actuações que provoquem divisão ou escândalo, orientando as suas tomadas de posição por seguros critérios de prudência». «Seria censurável» — alerta a nota — «que algum utilizasse o exercício do ministério sagrado, designadamente o anúncio da palavra, para fazer política partidária ou suscitar sentimentos de inimizade contra quaisquer pessoas.»

No ponto final, a nota apela para o civismo das campanhas e dos actos eleitorais, exigindo aos cristãos que sejam exemplares na tolerância. «Movidos pelo discernimento crítico, serão levados a oferecer aos seus concidadãos, conforme os casos, uma colaboração leal mas lúcida, um diálogo viril mas respeitoso, uma oposição vigorosa mas sempre fraterna.»

Numa menção directa às eleições presidenciais a Igreja esboça o seu candidato. Textualmente: «A eleição do Presidente da República, expoente da unidade nacional, requer uma escolha cuidadosa, isenta de interesses partidários, norteadas pela consideração objectiva dos méritos do candidato e do valor dos princípios que perfila, bem como pela sua capacidade de bem desempenhar as elevadas funções de primeiro magistrado da Nação.»

A Igreja e a política

Para os bispos portugueses o eleitor, quando vota, deve ter sempre presente que «só deputados competentes e honestos podem

constituir um Parlamento democrático digno, representativo dos cidadãos, e atento aos reais problemas e aspirações do povo, capaz de promover medidas legislativas justas e adequadas ao bem comum».

Fiel aos seus princípios de «missão da Igreja», a nota reafirma o propósito de não invadir «o terreno da política partidária» pelo que «os cristãos não devem pedir à hierarquia, nem podem esperar dela, indicações sobre o partido ou pessoa em que têm de votar».

A Igreja considera a política como «uma actividade nobre do espírito humano e considerada a sua incidência na vida das pessoas e das instituições, não pode a Igreja desinteressar-se do sentido global que a orienta e das for-

LIQUIDAÇÃO DE MÓVEIS EMIGRANTES E PÚBLICO

SÃO AS FÁBRICAS DE MÓVEIS

DARTY E CONFIANÇA

A VENDER-LHE DIRECTAMENTE POR

60% DO SEU VALOR

PARA DAR LUGAR A NOVAS LINHAS

SALÕES DE EXPOSIÇÃO

Av. Tomás Ribeiro, 43
LINDA-A-VELHA (Prédio Muzagola)

R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B
(Junto ao Pão de Açúcar)
— COVA DA PIEDADE

R. dos Bombeiros Voluntários, 11-B
— ODIVELAS

Pavilhão dos Expositores da
FEIRA POPULAR

Rua de São José, Lote 1, r/c.
Telef. 251 00 92 — SACAVÉM

Avenida 25 de Abril, 45
Telef. 276 90 01 — ALMADA

Rua Padre José Feliciano, 15-B
r. ville Claisir, 21-B
e (antiga Rua 5) R. Ponte do Comboio
— BAIXA DA BANHEIRA

Rua Palha Blanco, 73
Tel. 06 32 20 81 — VILA F. DE XIRA

Rua 5 de Outubro, 63, r/c.
— ENTRONCAMENTO



Andre JAMET

FÉRIAS TEMPOS LIVRES



TENDAS, ATRELADOS, SACOS-CAMA E TODO O MATERIAL PARA CAMPISMO E PRAIA

Horário: De 2.ª a 6.ª: 10-13.30 15-19.30 h

Sábados: 10-13 h 14-17 h

Rua António Enes, 23, c/v — Lisboa

(À Av. Dq. d'Ávila) Telef. 560656



CTT assaltados por "surdo-mudo"



Um indivíduo que se apresentou, através de papel escrito, como surdo-mudo, assaltou, cerca das 13 e 45 de ontem, a estação dos CTT, no Largo do Príncipe Real, em Lisboa (na foto), levando cerca de vinte contos em dinheiro. O assaltante, que tinha no exterior do edifício um «apoiante», apresentou à única funcionária de serviço um papel onde se lia que era «surdo-mudo» e que se tratava de um golpe à mão armada (não chegou no entanto a

exibir qualquer arma). Nas indicações à funcionária, já de certa idade, e que esta manhã recebeu os jornalistas com uma injustificada agressividade, o jovem (de barba, com boné e óculos escuros) aconselhou-a a não se levantar nem fazer gestos suspeitos, que metesse todo o dinheiro dentro da mala (o que ela fez), e que a acção não poderia demorar mais do que dois minutos, o que de facto veio a acontecer. Outro pormenor: antes de se afastar calmamente do local, o desconhecido ainda teve tempo de roubar a carteira (com algumas centenas de escudos) a uma senhora que ali se encontrava a comprar selos. O «golpe» foi tão rápido, eficaz e silencioso, que nenhum dos presentes se chegou a aperceber do sucedido.

homicida de casal: 21 anos de prisão maior

António Luís Dinis, de 64 anos, que, em 28 de Outubro de 1978, tinha assassinado a tiros de pistola, no 2.º andar esquerdo do prédio n.º 56, da Rua Moraes Soares, em Lisboa, um jovem casal (Rui Rodrigo de Almeida, de 25 anos, e Maria da Luz, de 23), foi ontem condenado, na Boa Hora, à pena de 21 anos de prisão maior. O homicida, entrara na cozinha da casa, em que também vivia, com a intenção de pressionar o casal a abandonar a residência de que era locatário. Rui Rodrigo resistiu, houve troca de palavras, e António Dinis não hesitou, abatendo os dois jovens com vários disparos da sua pistola semi-automática FM. No final da leitura da sentença, o juiz presidente do 4.º Juízo Criminal, considerou que Dinis não merecia «qualquer benevolência pelo crime que praticou».

Mais dois do «Malucão»

As autoridades policiais acabam de deter dois elementos da quadrilha do «Malucão». Assim, depois de «Chaparro», foi a vez de Teixeira, ex-emigrante, num país da Europa, e Carolino. Em seu poder foram encontradas duas espingardas, uma de cinco tiros com coronha e canos serrados de marca Winchester e outra de tipo carabina, calibre 44, própria para caça grossa, e várias munições.

Maioria AD na AM do Porto esconde condições

do negócio com a ITT para a construção do "Oporto Sheraton"

A rejeição com os votos da maioria AD e as abstenções do PS e da UDP de uma proposta da APU ontem apresentada na Assembleia Municipal do Porto, que visava um pedido de sindicância à Câmara Municipal do Porto, baseada na «situação de flagrante ilegalidade» que se vive no município português, designadamente o facto de a Câmara ter envolvido no mais completo sigilo as condições ou compromissos que terá tido ou não relativamente à construção de um hotel da cadeia ITT — o Oporto Sheraton — obra que implica a alteração do plano director da cidade, aumenta as dúvidas e interrogações dos munícipes portugueses quanto às características deste negócio.

O desejo da AD de encobrir as

negociações vem apenas justificar a necessidade da sindicância proposta pela APU, que além das «graves e inquietantes interrogações» que diz suscitar a actuação do executivo camarário acusa-o de «inoperância, incapacidade e incompetência».

Sabido como tem sido polémica a actuação da multinacional ITT em Portugal, que ainda agora acaba de despedir da sua fábrica da Standard Eléctrica, em Cascais, 212 trabalhadores, a recusa da AD em actuar nestas negociações de uma forma transparente não lhe garante nem sequer o benefício da dúvida, porque uma certeza fica: a maioria AD da Câmara Municipal do Porto não quer que a opinião pública conheça os termos e as condições de um negócio que

inclusivamente obriga a alterar o plano director da cidade.

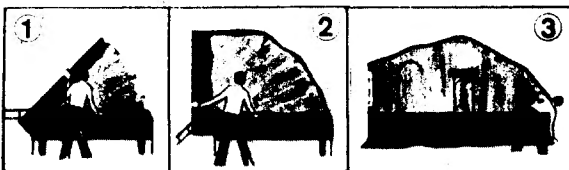
Entretanto, PS e APU, votaram favoravelmente uma moção de censura à Câmara pelo modo como vem gerindo os problemas da cidade, agravando-os em vez de os minorar.

Na sessão de ontem pouco ou nada adiantou em relação à ordem de trabalhos que tinha agendada, na qual se incluía o plano de actividades e orçamento.

De acordo com as intervenções de alguns elementos da Assembleia Municipal, a Câmara nunca procedera como se impunha a um inventário das carências habitacionais e deixa que os bairros de lata cresçam na cidade, nomeadamente na freguesia de Lordelo e Nevogilde.

CARAVANAS

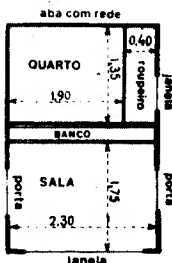
costa verde/pluma



FÁCIL DE TRANSPORTAR ROBUSTO E RESISTENTE

A SUA SOLUÇÃO PARA FÉRIAS

Altura do chão a face interior: 0,35m - Altura da caixa: 0,35m
Comprimento da caixa sem lança: 2,30 - Largura: 1,75 m
Peso total: 200 kg - Peso a tracção: 75 kg - Electrificação interior



MOTOVELO

Av. Brasil, 118 C - 1700 Lisboa T. 897592

FACILIDADES DE PAGAMENTO

ESTABELECIMENTOS

I. GRANADEIRO SARL

LISBOA

AVISO-CONVOCATÓRIA

Convoco os Srs. accionistas a reunirem-se em assembleia geral extraordinária na sede social, sita na Rua António Enes, 9-4.º direito, em Lisboa, no próximo dia 25 de Julho, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único: — Discutir e deliberar sobre o relatório, balanço e contas da administração e parecer do conselho fiscal relativos ao exercício de 1979.

Se a esta convocatória não comparecerem os representantes de, pelo menos, metade do capital social, a assembleia funcionará no mesmo dia, uma hora mais tarde, com qualquer representação do mesmo capital.

Lisboa, 4 de Julho de 1980
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Ivone Augusta Carlos Granadeiro

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Teatro Nacional de S. Carlos

APRESENTA

Compagnia Bailado sulphide

BAILADO EM DOIS ACTOS DE:
Auguste Bournonville

MÚSICA DE:
Hermann Løvenskjöld

NO MESMO PROGRAMA:

vivaldi

COREOGRAFIA DE:
Victor Navarro

MÚSICA DE:
vivaldi

dialogos

COREOGRAFIA DE:
armando jorge

MÚSICA DE:
s. barber

ORQUESTRA DO THEATRO DE S. CARLOS DIRIGIDA POR:
paul treir

DIAS 10 E 11 DE JULHO ÀS 21.30 H. — DIA 12 ÀS 18.30 H. E DIA 13 ÀS 16.30 H.

de ontem para hoje

Portugal já admite "passaporte mortuário"

Portugal ratificou ontem em Estrasburgo o acordo do Conselho da Europa sobre transferência de corpos de pessoas falecidas, o qual tem por fim facilitar a transferência de corpos através de um «passaporte mortuário uniforme», fixando as condições que um Estado pode exigir para a expedição, trânsito e admissão de corpos no seu território. O acordo, que já está em vigor para a Áustria, Chipre, Islândia, Holanda, Noruega, Turquia e Suíça, já foi assinado, mas não ratificado, pela Bélgica, República Federal da Alemanha e Luxemburgo, entrando em vigor para Portugal no próximo dia 7 de Agosto.

No Barreiro: cães esfaimados come- ram patos e cisnes

Matilhas de cães esfaimados, devido à recente colocação de contentores de lixo, muito altos e hermeticamente fechados, à semelhança do que tem vindo a acontecer nos últimos tempos, mataram e comeram vários cisnes e patos do Parque Catarina Eufémia, no Barreiro. Face ao sucedido, a edilidade local irá activar a recolha de canídeos, com receio de que os animais se tornem ainda mais agressivos, com o consequente perigo para a integridade física das próprias pessoas.

"Aliança Operária": fazer cem anos em grandes dificuldades

Apesar das tremendas dificuldades financeiras com que actualmente se debate a Associação de Socorros Mútuos e Instrução «Aliança Operária», com sede na Travessa das Verduras, 6, cave D, em Lisboa, conforme nota ontem divulgada, não quis deixar de celebrar os cem anos da sua existência. De entre as cerimónias, destaca-se a entrega, no próximo sábado, de medalhas comemorativas da efeméride aos sócios e no domingo, às 13 e 30, um almoço de confraternização no restaurante «O Pacato», localizado na Rua Gil Vicente, 55, esquina com a Rua Jau.

Comissão do Ambiente: "Estudo do estuário do Tejo"

A Comissão Nacional de Ambiente anunciou para amanhã a realização de uma reunião de carácter científico dirigida pelo professor P.C. Wood, director do Departamento de Poluição Química e Biológica do Laboratório de Pescas de Bunham, na Inglaterra, subordinada ao tema «O uso de objectivos de qualidade como base para o controlo da poluição». A reunião insere-se no âmbito do programa de actividades do projecto «Estudo ambiental do estuário do Tejo», que foi objecto de acordo entre o Governo português, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Unesco.

No Campo Grande: motorizada roubada a jornalista

A um jornalista da ANOP foi roubada, na noite do último domingo, uma motorizada «Confersil», matrícula LSB-37-82, que estava estacionada na estrada de Telheiras (Av. Padre Cruz) ao Campo Grande. O veículo é de cor azul com depósito branco. Quaisquer informações podem ser dadas pelo Tel. 575819, extensão 367.

Câmara de Coimbra: anteprojecto da Região Turística do Centro

A Câmara Municipal de Coimbra aprovou, por unanimidade, na sua reunião de

nimidade, na sua reunião de ontem, o anteprojecto da criação da Região Turística do Centro, que englobará os dezasseis concelhos daquele distrito, dois de Aveiro, cinco de Leiria e quatro de Viseu. O presidente da edilidade, António Moreira, divulgou, por sua vez, um despacho da Secretaria de Estado da Cultura, aceitando a instalação provisória da delegação regional daquele departamento no terceiro piso do edifício do Chiado.

Em Vagos: quartel dos bombeiros destruído pelo fogo

Um violento incêndio, de origem ainda desconhecida, destruiu, na madrugada de ontem, o quartel dos bombeiros Voluntários de Vagos, deixando reduzido a cinzas o arquivo (que era também o historial da vida da corporação com 50 anos de existência), máquinas e material de escritório, a medalha atribuída pelo Instituto de Socorros a Náufragos e até as bandeiras. O fogo deflagrou no forro do telhado do edifício, onde também funciona o quartel da GNR local, que nada sofreu.

Brigadeiro Moreira: novo comandante da Guarda Fiscal

O brigadeiro António Joaquim Alves Moreira é o novo comandante-geral da Guarda Fiscal, tendo assumido ontem as suas funções. O brigadeiro António Moreira substituiu o general Ramires de Oliveira, que foi nomeado para funções no Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Aos 69 anos: beijar a mulher e enforçar-se depois

O vendedor ambulante António José Sousa, de 69 anos, natural de Chança (Alentejo) beijou ontem a mulher e passou alguns minutos enforçou-se numa laranjeira situada a escassos metros da cozinha da sua casa, na localidade de Moita do Norte (Entroncamento).

Distrito da Guarda: uma nova freguesia chamada Vale de Amoreira

A criação da freguesia de Vale de Amoreira, no limite do concelho de Manteigas, foi ontem aprovada por unanimidade na Assembleia Distrital da Guarda. Aquele órgão, que reuniu em sessão ordinária, remeteu, por outro lado, para apreciação aos municípios, uma petição de setenta professores, requerendo a criação na Guarda de um centro pedagógico. Na exposição enviada ao governador civil do distrito, o grupo de docentes identificou-se como «votado ao problema do insucesso escolar, com o apoio do Ministério da Educação».

No funeral de antifascistas

Bandeira do PCP atrasa cerimónia

FUNCHAL, 8 — Foi a enterrar no passado domingo, no cemitério das Angústias, no Funchal, Ivo Ferreira, de 70 anos, antigo militante do Partido Comunista, conhecido antifascista, muito respeitado até pelos que não perfilhavam do seu ideal político. Ivo Ferreira, que durante o regime de Salazar esteve preso pela PIDE durante 9 anos, era também um caricaturista famoso com colaboração no trisemanário humorista «Re-nhau-nhau».

Ao ser iniciada a cerimónia religiosa um elemento do PCP perseguiu ao padre que a dirigia se

autorizava a colocação da bandeira do partido sobre a urna, então na capela do cemitério. O referido padre, pároco de Santa Maria Maior no Funchal, informou que não só não autorizava como não participava em funerais de comunistas. Abandonou, pois, de imediato, o cemitério, após o que os companheiros de Ivo colocaram a bandeira sobre a urna. O agente funerário informou, entretanto, que não dirigia o enterro caso o caixão estivesse coberto com aquela bandeira, ao que os presentes responderam que se responsabilizariam pela concretização do mesmo.

Seguidamente foi a vez dos coveiros se recusarem a fazer o funeral, caso insistissem em cobrir o caixão com a bandeira comunista, a menos que o presidente da Câmara do Funchal autorizasse tal.

Por fim foi necessário que um advogado, militante do PC que estava presente, chamasse a si a responsabilidade da cerimónia para que esta se concretizasse.

Este é um exemplo da liberdade que se vive nas Regiões Autónomas, tanto mais grave quando se ofende a memória de alguém que sempre lutou por ela.

Deficientes auditivos devem ser recuperados desde tenra idade

Os deficientes auditivos devem ser orientados para a expressão fono-verbal desde os primeiros meses de vida — afirmou ontem em Lisboa, Dionese Busquet, do Centro de Recuperação de Deficientes Auditivos de Argenteuil (França).

Dionese Busquet apresentou o filme sobre a reabilitação dos surdos com que foi ontem inaugurado o Simpósio sobre Educação de Deficientes Auditivos promovido pela Casa Pia de Lisboa.

O Simpósio comemorativo do

bicentenário da Casa Pia, decorrerá na sala de conferências da Fundação Calouste Gulbenkian.

No colóquio apresentam trabalhos o psicólogo Bairrão Ruivo e a sua equipa, do Centro de Bencanta, de Coimbra, o ortofonista Pizzarro, Samuel Ruah, e muitos outros técnicos e médicos relacionando com a reabilitação audio-fonológica.

O Instituto «Jacob Rodrigues Pereira», da Casa Pia de Lisboa, tem o nome de um português, nascido em Peniche, em 17 de Abril de 1775 e que morreu em

Paris em 1788. Jacob Pereira inventou um alfabeto manual, ou gestual, como agora se diz, um método de dactilografia e outros recursos úteis aos deficientes auditivos.

Teresa Macedo, secretária de Estado da Família presidiu à sessão inaugural, do Simpósio, acompanhada pelo provedor da Casa Pia, os secretários de Estado da Educação e do Trabalho e outras individualidades relacionadas com o deficiente e a sua integração numa sociedade em contínuo desenvolvimento.

Concurso para professores do Ensino Primário

Termina no próximo dia 11, o prazo de que dispõem os professores efectivos primários para o concurso relativo às escolas anexas às do Magistério Primário.

No «Diário da República» de amanhã, dia 9, será publicado o aviso de abertura do concurso de preferência conjugal, também relativo aos professores efectivos do Ensino Primário.

12.º ano de escolaridade

Por despacho do ministro da Educação e Ciência e em aditamento ao despacho 179/80 de 9 de Junho, a docência do 12.º ano da escolaridade passará, no que se refere aos grupos 5 e 8B, a incluir as seguintes disciplinas: 5.º grupo: Desenho, Geometria Descritiva e História das Artes Visuais; 8.º grupo: Francês e Literatura Portuguesa.

O mesmo despacho determina a prorrogação do prazo até amanhã, do concurso fixado anteriormente, para os candidatos ao concurso de professores do 8.º B e para as escolas secundárias de Belém, da Cidade Universitária e de Olivais/Chelas, em Lisboa e escola secundária n.º 1, em Setúbal.



Município de Setúbal Câmara Municipal CONCURSO LIMITADO N.º 6/80 VENDA DE CORTIÇA DE PROPRIEDADE DO MUNICÍPIO

Serviços de aprovisionamento

De acordo com o despacho superior de 28.5.80, faz-se público que até às 17 horas do dia 15 do corrente mês se aceitam propostas para a venda de cortiça existente na propriedade municipal da Poupinha, localizada no sítio da Caiada, freguesia de S. Sebastião, prédio n.º 1 da Secção AE da matriz cadastral com a área de 36,5080 hectares.

As propostas deverão ser enviadas ao presidente da Câmara Municipal de Setúbal — Serviços de Aprovisionamento, em sobrescrito lacrado encerrado num segundo sobrescrito, tendo exteriormente, a seguinte indicação:

«PROPOSTA PARA A COMPRA DE CORTIÇA A QUE SE REFERE O ANUNCIO DATADO DE 16/7/80.

As condições do respectivo concurso, poderão ser observadas todos os dias úteis nas horas normais de expediente, na Secretaria dos Serviços de Aprovisionamento desta Câmara, sita na Rua Alferes Pinto Vidigal.

A abertura das propostas será efectuada no dia 1.7.80, pelas 10 horas, na Secretaria dos Serviços de Aprovisionamento.

A cortiça poderá ser observada todos os dias, na supracitada propriedade.

Os concorrentes terão que proceder a um depósito provisório de Esc. — 50 000\$00 na Caixa Geral de Depósitos, mediante Guias a passar pelos próprios concorrentes, podendo, no entanto, serem substituídas por garantia bancária.

Setúbal, 1 de Julho de 1980

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Francisco Leonel Rodrigues Lobo



Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro MOTORISTA DE PESADOS

Estão abertas inscrições para admissão de um lugar de Motorista de Pesados

EXIGE-SE:

- Idade não superior a 35 anos
- Carta de condução de Pesados Profissional

OFERECE-SE:

- Vencimento de acordo com a legislação em vigor

Secretaria dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 4 de Julho de 1980

O Presidente do Conselho de Administração

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA CONCURSO PUBLICO N.º 47

Até às 15.30 horas do dia 24 de Julho de 1980, aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada para o fornecimento de impressos.

As condições estão patentes nos Serviços de Aprovisionamento — Hospital Pediátrico — Av. Bissaya Barreto — 3000 COIMBRA.

A abertura far-se-á meia hora depois, no mesmo local.

Coimbra, 2 de Julho de 1980

OS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO,

Acusado de "abuso do aparelho de Estado"

Governo prepara campanha eleitoral da AD

O Governo de Sá Carneiro foi acusado de utilização abusiva do aparelho de Estado na preparação da campanha eleitoral da «AD», numa nota ontem divulgada pela Secção de Informação e Propaganda do PCP.

Segundo esta, teria sido anunciado, e até agora não desmentido, a organização de grupos de trabalho, que abrangem diversos departamentos ministeriais e o próprio gabinete do Primeiro-Ministro, tendo como função a organização de diferentes acções de campanha eleitoral, no âmbito destes departamentos e no plano de deslocações de governantes.

Na nota divulgada o PCP salienta que «o anúncio de tal procedimento vem confirmar, também para fins eleitorais, o uso e abuso que a «AD» vem fazendo do aparelho de Estado — e acrescenta — o anúncio de tal procedimento culmina um conjunto de actos em que aparecem fundidos Governo da «AD» e Estado, em que são gastas em proveito de interesses partidários largas somas de dinheiros públicos».

Referindo-se às condições em que se realizarão as próximas eleições, o PCP rea-

firma que «tal procedimento vem confirmar as preocupações do PCP no sentido de que a democraticidade das próximas eleições ficará gravemente comprometida se estiver no Poder um Governo sem quaisquer escrúpulos».

PSD zangado com a televisão

Num comunicado do Comité Permanente da Comissão Política Nacional, divulgado ontem, o PSD protesta «pela maneira como a Televisão tratou, no Telejornal do dia 5/07/80, o comício organizado no Porto pela Aliança Democrática».

No mesmo comunicado e continuando as rivalidades com o Presidente da República, o PSD «lavra igualmente um vivo protesto pela fraca cobertura que os espaços noticiosos da Televisão fizeram da viagem do Primeiro-Ministro - Presidente de um órgão de soberania - ao Norte, em nítido contraste com o tempo dedicado, por exemplo, ao Senhor Presidente da República em deslocações de carácter idêntico».

Ramalho Eanes empenhado na libertação dos pescadores do "Rio Vouga"

Ramalho Eanes entrará em contacto, ainda hoje, com os presidentes da Guiné e Cabo Verde para estes diligenciarem, junto da Frente Polisário, o apressar da libertação dos pescadores do «Rio Vouga», segundo nos disse Narciso Miranda, presidente da Câmara de Matosinhos, embora esta informação não tenha ainda confirmação oficial.

«As diligências efectuadas por mim junto do Presidente da República resultaram do facto de ter já decorrido o tempo normal de negociações — 3/4 semanas — sem que nada se tenha resolvido. Estas só se efectuaram depois de já termos diligenciado junto do Primeiro-Ministro, e do ministro dos Negócios Estrangeiros» — disse Narciso Miranda, que acrescentou — «o contacto com o Presidente não se efectuou por as outras diligências terem resultado infrutíferas, mas pelo facto de o general Ramalho Eanes manter boas relações pessoais com diversos chefes de Estado africanos, entre os quais Aristides Pereira e Luís Cabral».

Narciso Miranda, que esteve ontem reunido cerca de 40 minutos com Ramalho Eanes, afirmou que este se encontrava sensibilizado para a resolução da situação dos pescadores do «Rio Vouga». Apesar de considerar que o problema da libertação destes pescadores é um problema do actual Executivo «que não assumiu as suas responsabilidades, estando a Frente Polisário em condições de exigir negociações», disse no entanto «estamos numa altura em que é preciso darmos as mãos e fazer todos os esforços possíveis para

alcançar a libertação dos pescadores».

O presidente da Câmara de Matosinhos, disse ainda, que irá o mais rapidamente possível às zonas libertadas pela Frente Polisário, solicitando para tal o apoio da Força Aérea, através do Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, o general Ramalho Eanes.

Entretanto cessou hoje a greve dos pescadores de Matosinhos, realizada durante o dia de ontem, visto considerarem que as diligências efectuadas poderão vir a ter resultados positivos. Mas os pescadores continuam atentos e admitem a possibilidade de prosseguirem a luta pela libertação dos seus companheiros, conforme nos disse hoje Gaspar Militão, do Sindicato dos Pescadores de Matosinhos.

De salientar que os pescadores de Matosinhos entraram em greve pouco depois do encontro de Sá Carneiro com os familiares da tripulação do «Rio Vouga», demonstrando assim o seu descredito em relação às promessas feitas. O Governo decidiu-se por fim a mandar um emissário seu, que se encontra em Argel, para negociar com a Frente Polisário. Só que até ontem não tinha conseguido ainda encontrar com quem negociar.

Do Governo: «o maior empenho»

Entretanto, esta manhã, através da Presidência do Conselho de Ministros, o MNE difundiu a seguinte nota oficiosa:

«1 — A fim de manter a opinião pública informada do andamento

das diligências tendentes à libertação dos pescadores portugueses do «Rio Vouga» detidos pela Frente Polisário, esclarece-se que, depois do contacto inicial realizado, foram-nos formuladas as condições de libertação, às quais foi apresentada uma contraproposta do nosso lado.

«2 — Encontra-se neste momento em Argel um emissário português que procura obter a libertação. A negociação ainda pode, no entanto, demorar algum tempo.

«3 — Os pescadores portugueses continuam bem.

«4 — Os esforços que estão a ser feitos no sentido de conseguir a libertação mantêm-se e vão prosseguir com o maior empenho.»

Negociações directas com Polisário

Foram entregues ao governo espanhol mais de seis mil assinaturas requerendo que este negocie directamente com a Frente Polisário a libertação dos catorze tripulantes do «Gargommar» aprisionados desde dois de Maio.

Neste documento é também pedido ao Governo espanhol que reconheça a República Árabe Saauri e que proporcione notícias dos pescadores e suas famílias.

Apoiando estes pedidos o comité pró-libertação dos tripulantes do «Gargommar» encontra-se em assembleia permanente nas instalações da Câmara de Las Palmas.

Uma reserva em Arraiolos para José Manuel de Mello

Pela mão da funcionária do MAP Isabel Tapinhas, que utilizou na emergência os serviços do seu marido, o advogado Jaime Herculano, o antigo senhor todo poderoso da antiga CUF, José Manuel de Mello, prepara-se para receber ainda hoje uma reserva em Arraiolos, «sacada» à UCP Monte da Rasmadeira, num total de setecentos hectares. A reserva, em que os trabalhadores já investiram mais de nove mil contos, e que irá despojar aquela UCP da sede social, oficinas e celeiros, será atribuída à Sociedade Agrícola

D. Dinis, da qual José Manuel de Mello detém 93,75 por cento do capital, e em que Jaime Herculano, juntamente com José Ricardo Gutierrez, desempenha as funções de consultor jurídico.

Registe-se que a velocidade com que o MAP tenta apressar a entrega da reserva se prende com o recurso apresentado pelos trabalhadores ao Supremo Tribunal Administrativo, no sentido de a inviabilizar face à sua flagrante ilegalidade (para além dos 70 mil pontos José Manuel de Mello beneficia neste caso de majorações de 80 por cento).

GRUNDIG

TODO O MATERIAL
DE SOM E IMAGEM
ALTA FIDELIDADE

Candy

Máquinas de lavar roupa
Máquinas de lavar louça
Máquinas de secar roupa
Frigoríficos
Arcas congeladoras

FAGOR

FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS
LAVAR ROUPA

KING

CONVECTORES
RADIADORES
FOGÕES

PROGRESS

ASPIRADORES
ENCERADORAS
MÁQUINAS DE COZINHA
GRELHADORES

PRÉMIOS DO CONCURSO SÃO DE MARCAS FAMOSAS DISTRIBUÍDAS POR

NR

NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

SEDE:

GERAL 17 Bento Jesus Caraça

+211 2871

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

17 Bento Jesus Caraça

+211 6191

+211 6192

+211 6193

SERVIÇOS COMERCIAIS

17 Bento Jesus Caraça

211 5087

SALÃO EXPOSIÇÃO (LISBOA)

18, 1ª-E Pç Figueira(L2)

32 52 51

CRUZ QUEBRADA - LISBOA

Em sufrágio secreto e universal**Rabor não aceita "regresso" à ITT**

Os trabalhadores da Rabor, uma empresa do grupo ITT que se encontra intervencionada desde 1975, decidiram rejeitar a devolução da empresa àquela multinacional, na sequência das negociações já concluídas, entre o Governo português e aquela multinacional. A decisão foi tomada por esmagadora maioria em votação universal e secreta.

Os resultados da votação foram os seguintes: 419 votos contrários à entrega da Rabor à ITT, contra 70 que eram favoráveis à proposta governamental. Participaram no «referendo» 533 dos 603 trabalhadores da empresa, tendo sido anulados 18 votos e registados 26 boletins em branco.

A Rabor tinha sido adquirida pela ITT em fins de 1960 e desde então, considera a maioria dos trabalhadores, desenvolveu uma actividade lesiva dos seus interesses, particularmente a partir do 25 de Abril, altura em que foi desencadeado um processo que tem sido classificado como de sabotagem económica.

Uma moção aprovada em plenário recentemente efectuado afirmava que a multinacional ITT

«lesou a economia nacional exportando ilicitamente capitais nacionais», ao mesmo tempo que se referia a gestão ruinosa e a falta de pagamento de salários entre Setembro e Outubro de 1975. A administração ITT foi suspensa em Novembro de 1975 e a partir de então as dívidas acumuladas começaram a ser pagas. Os valores dessas dívidas, só no que diz respeito aos trabalhadores era de oito mil contos, sendo de 6500 contos à Previdência.

As negociações com vista à entrega da Rabor à ITT foram iniciadas durante o Governo de Mota Pinto, tendo sofrido as inflexões que eram naturais, dadas as modificações governamentais. A sua conclusão foi feita no «reinado» de Sá Carneiro.

As negociações da ITT, que pretende agora condições (já concedidas) para recomençar os seus lucros no nosso país, passavam pela concretização dos despedimentos na Standard Eléctrica (também autorizados). Outras empresas do grupo ITT são a Sheraton, a Oliva (Comercial e Industrial) e a Imprimarte.

Mais uma trabalhadora vítima da repressão**Brasília, o "Tarrafal" do Porto segue e soma na impunidade**

Um ambiente repressivo e de ilegalidades no Centro Comercial Brasília, do Porto, tem sido denunciado, desde há meses. Mais alguns «tristes casos» são agora relatados pelas estruturas representativas dos trabalhadores, ou seja, Sindicato do Comércio do Porto e Comissão de Luta do Centro Comercial Brasília.

Assim, a firma Venâncio e Ribeiro, que tem quatro sapatarias no centro comercial e duas noutros pontos da cidade, «decide impedir o trabalho a uma trabalhadora pelo facto de esta se recusar a trabalhar ilegalmente».

O caso é relatado em comunidade que as referidas estruturas pretenderam publicar como publicidade paga, em dois jornais portugueses («Jornal de Notícias» e «Comércio do Porto»). Con-

tudo, acusam, após o silenciamento das notícias também a publicidade acabou por ser recusada.

Voltando ao conflito laboral: uma trabalhadora exerceu a sua actividade, durante vários anos, numa das duas sapatarias abertas fora do centro comercial. O seu horário era o normal, das 9 e 30 às 19 e 30, com intervalo para almoço.

Contudo, a partir do dia 23 do mês passado, «os patrões (que lhe devem mais de meia centena de contos) impõem-lhe a mudança para a sapataria Gávea, no centro comercial, e pretendem obrigá-la a trabalhar até à meia-noite» — segundo o relato sindical.

Esse horário, contudo, é classificado de ilegal (nem terá sido aprovado pelo Mi-

nistério do Trabalho) e recusado pela trabalhadora em causa. E é na sequência de tudo isto que os patrões lhe recusam o trabalho.

Este caso, assinala o comunicado a que nos reportamos, «vem suceder à escandalosa série de prepotências praticadas no «Brasília» que já é conhecido como o Tarrafal do Comércio, perante a passividade comprometedora da Câmara Municipal do Porto, da Polícia de Segurança Pública e da Inspeção de Trabalho».

Silêncio total

Face ao «estado de sítio», como o classifica o Sindicato do Comércio do Porto, têm sido feitas diligências junto das instâncias devidas, além

das que são feitas para divulgar a situação através da imprensa. Contudo, dois jornais têm calado os acontecimentos: «Jornal de Notícias» e «Comércio do Porto».

A propósito, o referido sindicato elaborou uma informação que dirigiu aos conselhos de redacção, aos delegados sindicais e às comissões de trabalhadores dos dois matutinos em causa, interrogando a terminar: «Que tipo de influência o referido centro exerce sobre estes jornais? Será que o CC Brasília contratou já censores oficiosos no «JN» e no «CP»?

É que, ainda recentemente, foi tentada a publicação através de anúncios pagos e mesmo isso foi recusado. No caso do «Jornal de Notícias» foi mesmo exigido o pagamento adiantado, mas o texto acabou por ficar retido.

a embalagem
portuguesa
a caminho da europa

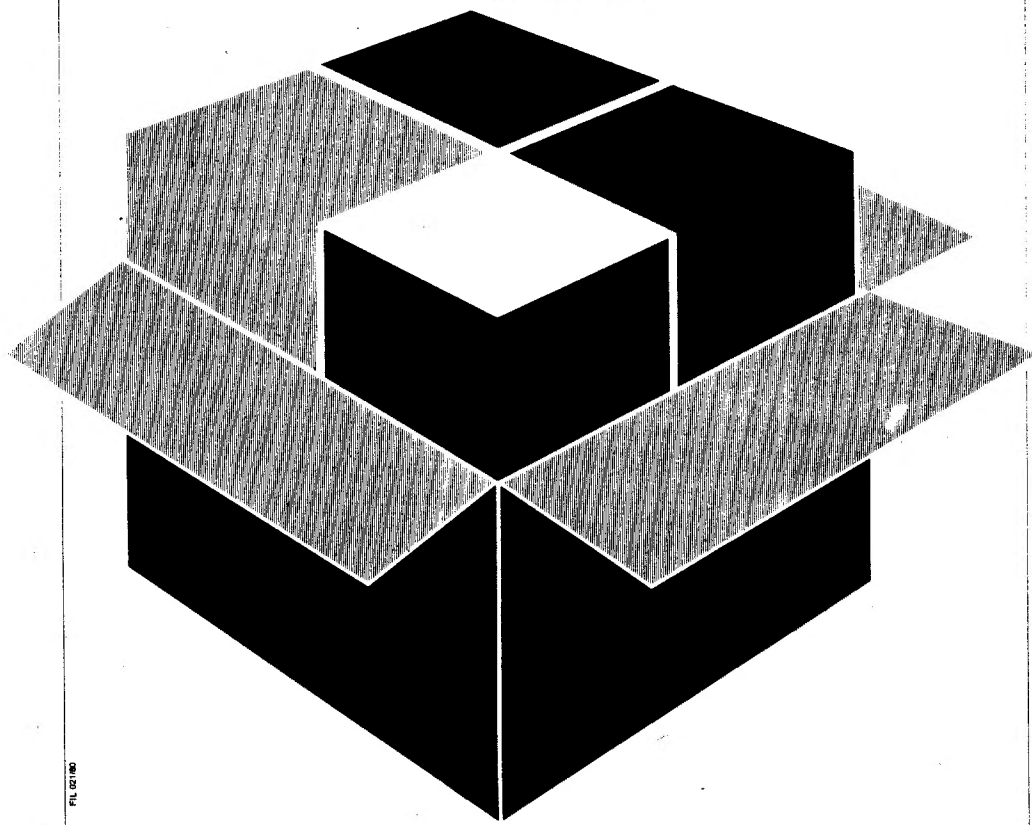
FILPACK

salão internacional da embalagem

4.13.JUL.80

HORÁRIO
dias úteis: 14/20h
sab/dom: 15/24h

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA (FIL)
PRACA DAS INDUSTRIAS 1300 LISBOA CODEX
TELEF. 630404-5-6-7-8-9-10
TELEX: FILPORT / TELEX: 12262 FILPORT P

**Referendo dá "prémios"****Cometna parada contra salários impostos**

Os trabalhadores da Cometna fazem hoje, nova paralisação, agora de cinco horas por turno, em luta para levarem a administração a negociar a revisão da grelha salarial, em vez de procurar impô-la, como até agora tem feito.

A prática da administração conheceu, entretanto, nova fase quando, ontem, ao fim da tarde, foi distribuída aos trabalhadores uma comunicação em que se tentava a imposição dos novos salários por via administrativa.

Além do mais, a nova tentativa da administração é divisionista e discriminatória, ao propor apenas aumentos salariais para os os trabalhadores que assinarem um documento que lhe foi remetido em jeito de referendo e no qual deveriam apor o seu «sim» à grelha salarial defendida pelos gestores.

Esta nova tentativa e a situação em geral serão hoje tema

para um plenário.

As negociações da grelha tinham sido interrompidas por iniciativa da administração, no dia 3.

Aos trabalhadores que não respondam ao referendo, a administração diz, apenas pagará, a diferença entre o salários actual e o fixado na tabela salarial do CCT.

Marinha Mercante não fez mais greve

Um segundo período de greve dos oficiais de engenheiros de maquinistas da Marinha Mercante foi ontem adiado por uma semana, na sequência de uma reunião entre a direcção sindical e os armadores.

Os oficiais e engenheiros maquinistas já tinham feito uma greve de três dias, a partir do dia 30 do mês passado, com vista a pressionar no sentido de manterem as grelhas salariais em vigor

no anterior contrato colectivo. Em suma, os oficiais, e engenheiros maquinistas pretendem manter salários superiores aos que auferem, na mesma categoria, os oficiais da carreira de pilotagem.

Paramédicos param sem data limite

Os técnicos paramédicos dos centros de saúde deliberaram fazer uma greve por tempo indeterminado, face ao não cumprimento dos seus vencimentos, como à não aplicação da Portaria 224/80 de 6 de Maio, e do Decreto-Lei 378 A/78 de 4 de Dezembro de 1978.

Segundo afirma o Sindicato dos Técnicos Paramédicos do Norte/Centro, que nos dá conhecimento desta decisão estes profissionais estão há mais de dois anos à espera de novos vencimentos.

Um alerta do sindicato**CCT dos espectáculos publicado, é para cumprir**

Já publicado no «Boletim do Trabalho e Emprego» e devendo entrar em vigor no dia 1 de Agosto, o contrato colectivo de trabalho para o sector de espectáculos é tema de um apelo e alguns esclarecimentos por parte do sindicato que o negociou.

«É preciso não esquecer que um CCT será apenas um papel se os trabalhadores o ignorarem e será uma preciosa e legal arma de luta se estes o fizerem respeitar» — afirma o Sindicato dos

Trabalhadores de Espectáculos.

O CCT que agora vai entrar em vigor é o primeiro que até hoje se negociou e assinou em Portugal para o sector de espectáculos. «Estamos perante uma data histórica», diz o sindicato.

E, assim, pela primeira vez há mínimos para ajudas de custo e salários, estão definidos motivos para despedimento com justa causa por iniciativa de ambas as partes, regulamentação do recebimento do 13.º mês, etc.

O alerta vai no sentido de os

trabalhadores verificarem se os descontos por si feitos com destino à caixa, lhe são efectivamente enviados.

«Quantos colegas, cansados, doentes, envelhecidos, pedem a reforma a que se julgam com direito e deparam com a triste realidade de, durante anos, nada terem descontado para a «Caixa» ou, então, de as empresas se terem locupletado com os descontos que cobraram a trabalhador» — lembra o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos.

“Confiança”: patrão não quer diálogo

A administração da fábrica de bolachas e biscoitos «Confiança», de Queluz de Baixo, continua a mostrar-se pouco interessada no diálogo com os trabalhadores que continuam a manter piquetes para evitar o

desaparecimento das máquinas e da matéria-prima.

A falta de interesse no esclarecimento da situação tem-se traduzido, até agora, na não comparência em reuniões que os trabalhadores têm conseguido

quer junto da Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho quer junto da Inspeção de Trabalho, que já por duas vezes se deslocou à fábrica e hoje «trisa» a visita.

Luanda anuncia Tropas sul-africanas retiraram de Angola

As tropas sul-africanas retiraram-se das províncias do Sul de Angola, a 4 de Julho último, anunciou na terça-feira o ministro da Defesa em Luanda.

Ter-se-iam registado duros combates entre as forças regulares angolanas e o contingente sul-africano, durante várias semanas e em particular a 4 de Julho, em Mulemba, onde se encontrava o posto de comando sul-africano.

Esta cidade encontra-se a algumas dezenas de quilómetros da fronteira angolano-namibiana, na província do Cunene, acrescenta o comunicado.

As FAPLA tiveram «várias dezenas de mortos» nas suas hostes, ao passo que o exército de Pretória tem a lamentar 15 mortos, que foram evacuados para a Namíbia, precisa ainda o chefe de Estado-Maior-General do Exército.

Caminho-de-ferro de Benguela

O caminho-de-ferro de Benguela está tecnicamente em condições de funcionar e uma primeira carga de exportações zairenses já chegou ao porto do Lobito, declarou segunda-feira no Maputo o engenheiro Fernando Falcão, director do Porto e representante do Governo angolano no Conselho de Administração da via férrea.

Falcão não precisou a natu-

reza das exportações zairenses chegadas ao Lobito, durante a entrevista concedida à Rádio Moçambique, onde se encontra actualmente em visita.

O engenheiro reconheceu que o caminho-de-ferro de Benguela tem numerosas dificuldades devido às «actividades militares apoiadas pelo estrangeiro». Acrescentou, no entanto, que o Governo angolano se encontra actualmente em conversações com os Governos do Zaire e da Zâmbia, principais utilizadores da via férrea, para elevar rapidamente o seu tráfego a 1.200.000 toneladas por ano.

Encontro na Beira

Os ministros dos Transportes de Moçambique, Zaire, Zâmbia, Zimbabwe e Malawi reunem-se quarta-feira na cidade da Beira, a fim de visitarem o respectivo porto.

Dali, seguem para a cidade portuária de Nacala, na província de Nampula, mais ao Norte, e na quinta-feira deverão estar em Maputo, no sul de Moçambique.

Na capital tomarão contacto com os debates que entretanto aí serão realizados por especialistas dos respectivos países, acerca do transporte até portos moçambicanos de produtos normalmente exportados por estes Estados.

Divergências no Zimbabwe

A coligação no poder no Zimbabwe poderá desfazer-se por causa das declarações agressivas dos dirigentes das duas facções que compõem o Governo de Robert Mugabe, estimam os observadores em Salisbúria, segundo a agência AFP.

O ministro das Finanças, Enos Nkala, declarou no domingo que a tarefa do partido de Robert Mugabe, a União Nacional Africana do Zimbabwe-Frente Patriótica (ZANU-PF), era derrubar o ministro do Interior, Joshua Nkomo, que é também o líder da Frente Patriótica (PF) e «fazê-lo cair no esquecimento».

Anteriormente, Nkomo tinha censurado Mugabe por não lhe ter pedido para acompanhá-lo à

Cimeira da Organização da Unidade Africana (OUA), em Freetown, na semana passada, e tinha criticado severamente as actividades dos antigos guerrilheiros de Mugabe.

Durante uma reunião da ZANU-PF em Bulawayo (centro do país), feudo de Nkomo, Nkala declarou-se pronto a abandonar o partido devido às suas declarações. Indicou porém que se continuava membro do governo, combateria Nkomo que acusou de se ter autopromovido «rei dos Nebdeele» (a tribo de origem do ministro do Interior) e de favorecer «actividades antigovernamentais». Além disso, advogou a instauração de um sistema de partido único no Zimbabwe.

Dezenas de mortos no Líbano

Conflito entre falangistas

O Líbano viveu ontem um dia dramático, durante o qual seis dezenas de pessoas foram mortas e quase outras tantas feridas, segundo um balanço oficial das aproximações, no decurso de recontros entre o Partido Falangista e o seu «aliado» no seio do movimento conservador libanês, o Partido Nacional Liberal (PNL).

Um cessar-fogo precário foi instaurado à noite, mas a tensão continuou muito viva.

Nas operações relâmpago que se estenderam a todas as zonas controladas pelos dois partidos (Beirute Este e seus arredores, o litoral Norte e a montada do Kesruan), os falangistas ocuparam as permanências do «PNL», desarmaram ou mataram os seus milicianos, apreenderam armas e munições. Também dinamitaram a casa do chefe das milícias do «PNL», Dany Chamun, filho do ex-presidente Camille Chamun, depois de terem retido durante algumas horas, como reféns, vários membros da sua família.

As querelas de pessoas que estão na origem imediata destes incidentes não foram, segundo os observadores, mais que a faísca que incendiou a pólvora. A razão profunda deste conflito encaminha-se para a busca de

uma hegemonia total sobre todas as regiões sob controlo das forças conservadoras.

Síria e OLP: petróleo é arma

A Síria e a OLP propuseram ontem uma redução drástica dos fornecimentos petrolíferos ao Ocidente, se os Estados Unidos, Canadá e Europa Ocidental não forcaram Israel a abandonar os territórios ocupados.

A proposta redução de 25 por cento nos fornecimentos árabes aos países ocidentais terá de ser aprovada pelos membros da Liga Árabe na conferência cimeira marcada para dia 28 de Novembro, em Amã.

A proposta surgiu sob a forma de uma moção conjunta da Síria e da Organização de Libertação da Palestina (OLP) apresentada à reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros e da Economia dos países da Liga Árabe, que decorre na capital jordana.

A Síria e a OLP acentuam na moção que a Liga Árabe deverá decidir sobre posteriores reduções e sobre a altura de as levar à prática, se o Ocidente continuar a desafiar as posições árabes.

No Recife

O abraço do Papa a D. Hélder Câmara



D. Hélder Câmara, bispo do Recife, mereceu «aquele abraço» do Papa. D. Hélder

tem sido o advogado dos pequenos camponeses, numa região onde as grandes sociedades brasileiras e as empresas multinacionais fazem, para si, talhões, com a ajuda financeira do governo em exercício, de imensos domínios, destruindo milhares de famílias de «posseiros» que viviam de uma agricultura de subsistência

Ao chegar, ontem, ao Recife, o Papa João Paulo II abraçou prolongadamente o bispo D. Hélder Câmara, tratado como «persona non grata» pelo Governo militar brasileiro que tomou conta do Poder, no golpe de Estado de 1964.

O Papa foi aclamado por milhares de pessoas concentradas na avenida por onde seguiu o desfile e celebrou, depois, missa ao ar livre, sob um sol escaldante.

A homília foi dirigida sobretudo aos trabalhadores agrícolas da região «Recife das revoluções libertárias», conforme Manuel Bandeira, poeta.

João Paulo II insistiu em que as grandes empresas agrícolas «que não respeitam a dignidade humana vão à ruína porque deixam a porta aberta a iniciativas inspiradas pelo ódio e pela violência».

O Papa aludiu à necessidade de os trabalhadores agrícolas poderem participar em organizações destinadas a definir e defender os seus interesses.

Observadores ligados ao Vaticano disseram tratar-se de uma referência à formação de sindicatos agrícolas, que, no Brasil, têm pouco poder, ou são simplesmente proibidos de existir.

Uma «hipoteca social»

O Papa lembrou no Recife que a propriedade da terra está sujeita a uma hipoteca social. Já o dissera no México, na Confe-

rência de Puebla. Mas lembrou-o no Recife, com um vigor e termos que não deixam dúvidas sobre o apoio que levou à acção pastoral realizada pela Igreja brasileira no meio rural, em condições extremamente polémicas.

Quando o Papa disse, no Recife, de D. Hélder Câmara, que «a terra não pode ser apropriada por uma minoria em detrimento da imensa maioria», a afirmação assume o valor de um duplo símbolo: primeiro, porque o Recife é a metrópole do Nordeste, região tristemente conhecida pelas suas massas camponesas miseráveis e os seus latifúndios subaproveitados. Depois, porque o Recife é mesmo a terra de D. Hélder, o bispo dos oprimidos.

A caução que o Papa João Paulo II levou a D. Hélder, na sua cidade, não deixará de ter grande repercussão, num momento em que o compromisso da Igreja brasileira com os pequenos camponeses, em certas zonas de conflito, lhe granjeia a hostilidade do Poder.

Na sua última assembleia geral, o Episcopado brasileiro declarou que a terra é património comum, e que ela pertence a quem a trabalha. Os bispos brasileiros, por grande maioria, denunciaram a exploração capitalista ou a apropriação para fins especulativos. Admitiram, no entanto, a propriedade privada produtiva, na medida em que respeite os direitos dos trabalhadores, segundo a doutrina da Igreja.

Escândalo internacional

Acidente com avião italiano pode pôr a NATO em xeque

O acidente ocorrido no passado dia 27 com um DC-9 da companhia italiana «Itavia» poderá converter-se num escândalo internacional, susceptível de colocar em xeque as estruturas militares aeronáuticas da NATO.

De facto, o mistério em torno do avião accidentado avoluma-se, sobretudo depois de a imprensa italiana noticiar o desaparecimento, no mesmo dia do acidente, de um caça-bombardeiro norte-americano com dois pilotos a bordo. Isto fez realçar a hipótese de uma colisão entre os dois aparelhos.

No avião da «Itavia» pereceram 81 pessoas.

Primeiramente, os técnicos falaram de uma possível falha de manutenção do avião da «Itavia» ou de um súbito golpe de vento que o pudesse ter descontrolado em voo.

Todavia, surgem agora indícios que corroboram na tese de uma colisão com um avião militar

da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Assim, no mar, junto aos restos do avião civil sinistrado, apareceram um par de rodas e um pedaço da carlinga plástica de um caça bombardeiro, um salva-vidas militar do tipo utilizado pelas forças aéreas do Pacto Atlântico, um contentor para equipamento electrónico de avião supersónico e ainda um cinto de segurança de sistema diferente do utilizado no DC-9.

O «Corriere Della Sera» afirma, peremptório, que o escândalo do DC-9 accidentado «envolve os nomes de dois pilotos da NATO».

Trata-se do capitão Teinaldo e do sargento piloto Davit, cujo aparelho partiu de um porta-aviões norte-americano em serviço no Mediterrâneo e não regressou.

Em círculos militares esta notícia não foi confirmada nem desmentida.

«Existe uma espécie de muro

do silêncio», afirmava por outro lado o diário «La Stampa», que se publica em Turim, comentando as dificuldades que se têm deparado à imprensa italiana para obter alguma informação concreta sobre o processo de investigação do avião comercial caído no Mar Tirreno.

Dois novos elementos estranhos foram, entretanto, conhecidos — um troço da asa do DC-9 da «Itavia» foi descoberto com indícios de ter sido arrancado e os cadáveres de muitos dos passageiros encontrados a flutuar no mar tinham o timpano direito destruído, possivelmente, devido à explosão ocasionada pela hipotética colisão aérea.

Os diários de esquerda «L'Unita» e «Paese Sera» são os que com maior dureza têm lançado denúncias sobre o mistério do acidente do avião da «Itavia», chegando mesmo a publicar em primeira página fotografias de objectos «estranhos» ao DC-9 encontrados na área onde ocorreu a tragédia.

Giscard de visita à RFA

O presidente Giscard d'Estaing começou a segunda jornada da sua visita oficial à República Federal da Alemanha por um pequeno almoço de trabalho com o ministro oeste-alemão dos Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher.

As discussões sobre a situação mundial vão incidir também sobre os recentes encontros germano-soviéticos em Moscovo, que o chefe do Estado francês teve ocasião de evocar na véspera com o chanceler Helmut Schmidt.

Giscard d'Estaing segue esta manhã para Baden-Baden, no Baden-Württemberg, onde deve encontrar Helmut Schmidt. Após uma revista das unidades francesas das forças de estacionamento aliadas no campo de Puysegur, o presidente Giscard d'Estaing, acompanhado pelo ministro da Defesa, Yvon Bourges, assistirá em companhia do chanceler federal e do seu ministro da Defesa, Hans Apel, a um exercício militar franco-alemão no bairro «De Latre de Tassin».

Foi aí que o general De Gaulle esteve durante os acontecimentos de Maio de 1968 e onde se encontrou com o general Massu, então comandante chefe das Forças Francesas na Alemanha.

O chefe do Estado francês será em seguida hóspede do ministro-presidente, Lothar Spaeth, chefe do Governo do Bade-Württemberg.

Ao fim da tarde, o presidente Giscard d'Estaing é esperado em Kassel, no Hesse, terceira



● **IGREJA OCUPADA** — Cento e cinquenta trabalhadores estudantes equatorianos ocupam pacificamente, desde ontem, a Igreja de São Domingos de Quito, para apoiar as suas reivindicações em diferentes conflitos sociais e para protestar contra o aumento do custo de vida. O bispo auxiliar de Quito, Alberto Luna Toba, ofereceu-se para servir de intermediário entre os contestatários e as autoridades, que se recusam a negociar.

● **JESUITAS DE EL SALVADOR** — A ordem de jesuitas da Igreja Católica Romana condenou as tentativas de intimidação e a violência dirigida contra membros da Ordem em El Salvador. Aquela entidade religiosa acusa igualmente os meios de comunicação daquele país e a América Central de «lançar acusações caluniosas» contra os jesuitas, reafirmando que a Ordem jamais deu aval à violência.

O mesmo documento afirma que o superior provincial em El Salvador foi várias vezes ameaçado de morte, ao mesmo tempo que as escolas jesuítas têm sido alvo de buscas sucessivas pela autoridades militares de El Salvador.

● **ALARME NO «FERRY BOAT»** — Setecentos passageiros do «ferry boat» britânico «Armonic» foram desembarcados precipitadamente, esta manhã, após um telefonema anónimo avisando de bomba a bordo, colocada pela ETA.

O «ferry» liga Plymouth, Inglaterra, a Santander, no Norte de Espanha. A embarcação foi revista e não foi descoberto qualquer bomba.

Lembra-se que termina hoje o prazo de dez dias da anunciada campanha da ETA contra centros turísticos espanhóis. Exploraram seis bombas, que não causaram vítimas, em centros turísticos da costa mediterrânica espanhola.

● **ETIÓPIA-URSS** — O vice-ministro soviético da Defesa, almirante Sergei Georgiyevich Gorshkov, chegou a Etiópia para uma visita de trabalho. O almirante, à frente de uma delegação de seis pessoas, foi acolhido no aeroporto pelo seu homólogo etíope, o general Haile Giorgis Habte Mariam.

● **INCIDENTES RACIAIS** — Um polícia branco abriu fogo sobre um grupo de pessoas que o atacavam com tijolos e catanas em Elsie River, a cidade mestiça perto do Cabo, (África do Sul) fazendo um morto e um ferido.

Quanto custa um filho...

Custa 17.614 libras (cerca de 1336 contos) educar uma criança até à idade dos 16 anos, e isso somente de acordo com os preços actuais — revela a revista feminina de grande circulação «Woman» de Londres.

O cálculo não considera a inflação futura e luxos como os sorvetes e as idas aos parques para os meninos bem comportados.

A verba considera entretanto algumas das exigências dos nossos dias — contratação de Babysitters, férias de Verão e cerca de 50 escudos por semana de mesada.

Vinte mortos na Turquia

Pelo menos 20 pessoas morreram em confrontos de sexta-feira passada em Corum, 150 quilómetros a nordeste da capital urca.

Os confrontos envolveram unidades radicais de direita e alaais de extrema-esquerda. Conectou-se por encontrar somente cinco cadáveres manietados e executados no local da luta, mas foram entretanto descobertos mais.

A tensão sunita-alaiita dura há semanas e rebentou violentamente sexta-feira, quando sunitas espalharam o boato de que a outra seita tinha incendiado várias mesquitas, incitando a multidão.

Antes da intervenção do Exército, foram queimadas muitas casas e lojas. Como as duas facções não se atrevem a penetrar em terreno contrário, permanecem protegidas por barricadas. Sequestram, torturam e matam

Índia reconhece Governo de Phnom Penh

O reconhecimento pela Índia do Governo de Heng Sanrin, do Kampuchea poderá vir a acelerar a legitimação deste último no seio da Comunidade Internacional, com prejuízo para os Khmers Vermelhos de Ieng Sary, que continuam a representar o Camboja nas Nações Unidas — afirmam os observadores.

O Governo de Phnom Penh gozou, até agora, do reconhecimento de cerca de 25 países,

entre os quais a URSS, o Vietname, os países socialistas e certos Estados africanos: Angola, Moçambique, Etiópia e Congo. Contudo, nem a Roménia nem a Jugoslávia o reconheceram ainda.

O facto de um dos principais países não-alinhados, como a Índia, ter agora estabelecido relações diplomáticas com ele contribuirá, sem dúvida, para reduzir o isolamento em que se

encontram Heng Sanrin e os seus colaboradores, desde que subiram ao poder em 7 de Janeiro de 1979.

Contudo, os observadores consideram que o problema da representação do Kampuchea voltará a pôr-se, em Setembro, na Assembleia Geral das Nações Unidas, devendo então ser ainda demasiado cedo para que Heng Sanrin consiga essa vitória sobre os seus adversários.

URSS adverte Irão sobre possíveis provocações

O adido de Imprensa da Embaixada da URSS no Irão tornou pública, uma declaração segundo a qual elementos «hostis» à URSS se propõem «perpetrar actos de provocação contra a Embaixada, indo até à sua ocupação», indica a agência TASS.

«Tais actos têm por objectivo afectar as relações de boa vizinhança entre a URSS e a República Islâmica Iraniana», acrescenta a declaração.

O texto conclui salientando que «a Embaixada da URSS chama a atenção do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Irão e de outras autoridades competentes do país para o carácter perigoso de tais actos, e exige que sejam tomadas todas as medidas apropriadas para excluir tal eventualidade».

O adido de Imprensa entregou esta declaração à agência noticiosa oficial «PARS» e ao Departamento de Radiotelevisão do Irão.

Ultimato às mulheres...

Terminou às 8 horas de ontem o ultimato lançado há dez dias



pelo imã Khomeiny «às mulheres para que andem vestidas islamicamente».

O procurador-geral dos Tribunais Revolucionários, o «ayatollah» Ghodussi, preveniu que na Administração, aquelas que não acatarem a nova ordem serão punidas com a supressão dos vencimentos e serão julgadas

como traficantes de droga, de harmonia com as próprias palavras do imã Khomeiny. O efeito deve ser decisivo, pois nenhum iraniano pode esquecer que em menos de cinquenta dias foram executados mais de duzentos traficantes por ordem do «ayatollah» Khalkhali.

Quanto às mulheres que se recusarem a vestir-se islamicamente, serão impedidas de aceder aos seus locais de trabalho e enviadas a juízo se persistirem, segundo decisão do Conselho da Revolução.

... e aos vendedores

Os vendedores «selvagens» das ruas de Teerão deverão desaparecer dentro de 48 horas por ordem do «Comité de Limpeza» da capital, anuncia a Rádio Teerão.

Esta medida diz respeito a várias centenas de negociantes de vestuário, «cassetes» de música gravada, de alimentação, quinquilharia e de outros produtos que expõem sobre os passeios das grandes avenidas de Teerão.

Segundo o «Pravda»

Negociações sobre mísseis podem começar antes de ratificado o SALT II

A União Soviética reafirmou hoje que «poderia aceitar discutir questões relativas às armas nucleares de alcance intermédio, mesmo antes da ratificação dos «Salt-2».

A «Pravda» num longo editorial consagrado aos resultados das conversações recentes em Moscovo do chanceler Schmidt e de Leonid Brejnev, sublinha que estes debates deverão tratar, não apenas dos mísseis nucleares de médio alcance, mas também das armas nucleares americanas em posição avançada. Os dois problemas deverão ser discutidos simultaneamente na sua ligação orgânica.

«Os eventuais arranjos, prossegue o órgão do PC Soviético, só poderão ser realizados depois da entrada em vigor do tratado Salt-2».

O órgão do PC da URSS adverte, porém, os ocidentais que «a URSS não tolerará que os Estados Unidos e o bloco da NATO rompam a igualdade estratégica».

«Se os Estados Unidos instalarem novas armas na Europa Ocidental, a URSS e os seus aliados tomarão todas as medidas necessárias para restabelecer o equilíbrio.» Afirma o jornal que acrescenta: «A União Soviética não aspira à supremacia militar não tem nem terá doutrina estratégica que não seja defensiva.

Não haverá segundo Chile no Afeganistão» afirma, além disso, a «Pravda».

Evocando a questão afgã, o

jornal soviético acrescenta que a «parte soviética reafirma que não abandona os seus amigos na infelicidade». O órgão do PC Soviético censura a este propósito o chanceler Schmidt «por ter passado sob o silêncio a razão primordial dos acontecimentos do Afeganistão, que se devem, disse à ingerência do imperialismo e da reacção.

A guerra da NATO

Estrategos militares ocidentais prevêem uma confrontação militar com a União Soviética provavelmente em 1983, disse o major-general Rene Gutknecht.

Gutknecht foi recentemente nomeado representante canadiano junto da NATO, em Bruxelas.

«Muito provavelmente, o poder militar soviético terá o seu auge nesta década», disse Gutknecht. «A situação mundial é muito turbulenta. Os russos estão no Afeganistão, há problemas na Coreia e no Irão».

A tarefa ocidental é definir uma estratégia para o «período pós-Afeganistão» — disse. «Já estamos nesse período e temos que decidir que faremos para contrabalançar a invasão russa daquele país».

Gutknecht, de 46 anos, é o actual vice-comandante do Comando Móvel das Forças Canadanas em St. Hubert, no Quebec.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

PUB.



Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil

ASSEMBLEIA GERAL CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto nos art. 39, 40 e 41 dos estatutos, convoca a Assembleia Geral do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil, a pedido da direcção, a reunir em sessão de emergência na sede do sindicato, sita na Praça Pasteur, nº 10, no próximo dia 9 de Julho pelas 16.00 com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Análise da situação laboral da TAP
- 2 — Medidas a tomar

Art. 40 parágrafo 2 — A Assembleia reunirá a hora marcada desde que esteja presente metade do número de associados ou 24 horas depois com a mesma ordem de trabalhos e qualquer número de sócios

Nota: Neste caso e nos termos do artigo referido a Assembleia Geral reunirá no auditório do hotel Roma, sito na Av. de Roma, em Lisboa no dia 10 de Julho pelas 16.00.

Lisboa, 7 de Julho de 1980
O PRESIDENTE DA M.ASSEMBLEIA GERAL
ANTÓNIO M. CASTRO E SILVA

As lesões sofridas num acidente podem provocar perda de sentidos. Usando o cinto de segurança mantém-se consciente e pode agir.

Circular e viver.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE COIMBRA

ASSEMBLEIA GERAL

2.ª SESSÃO

CONVOCATÓRIA

Por a Assembleia Geral Extraordinária convocada de acordo com a alínea b) do Art.º 33.º dos estatutos, para o passado dia 27 de Junho, ter sido suspensa por sua decisão unânime, convoco os associados deste Sindicato a reunir em 2.ª sessão, pelas 21.30 horas do próximo dia 9 de Julho de 1980, na sala de reuniões do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro — Rua Simões de Castro, 159 — 1.º-Dt.º, em Coimbra — com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Análise e discussão da proposta sobre verticalização sindical aprovada na Assembleia de Delegados de 17 de Junho de 1980.

Coimbra, 2 de Julho de 1980

S.T.E.D.C.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Abílio José Durão Soares



FÉRIAS NO HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO — COSTA VERDE

Goze as suas férias, desfrutando das belezas naturais do Alto Minho, aproveitando as condições especiais que lhe oferecemos em estadias de 7 dias, desde 5775\$00.

Venha assistir às Romarias do Norte. Consulte-nos através dos telefones 24151/5 ou no seu Agente de Viagens.

«2 Piscinas Climatizadas — Discoteca»

CASACOS DE ANTILOPE E CABEDAL



PREÇOS DE FÁBRICA

Com as ideias mais actuais da moda, apresentamos variadíssimo sortido em casacos de antilope e cabedal, sobretudo, blusões, camisetas, safaris, etc. Tanto para homem, senhora e jovens.

ÚNICA NO GÉNERO QUE EXECUTA POR MEDIDA, TRANSFORMA E LIMPA TODA A CONFECCÃO DE ANTILOPE E CABEDAL

NA VAMAR É FACIL COMPRAR

Exclusivos **Vamar** CASA ESPECIALIZADA

LISBOA
RUA JOÃO DAS REGRAS, 3, 3.º ESQ.
(à Praça da Figueira, antiga Rua do Amparo)
EM COIMBRA
RUA DA SOFIA, 111, 1.º

António Vilela da CAOP ao "DL"

O que foi (e o que é) o apoio popular aos olímpicos

Cerca de três mil pessoas enviaram até agora as suas contribuições monetárias à Comissão de Apoio aos Atletas Olímpicos (CAOP). Da referida subscrição pública, favorável à deslocação dos nossos atletas olímpicos a Moscovo, entraram já na conta aberta em nome da CAOP 155 mil e 808 escudos. Tal verba não constitui, contudo, a totalidade do produto da campanha lançada à escala nacional. Isto refere-nos o professor de Educação Física, António Vilela, com quem trocámos algumas impressões sobre a iniciativa da CAOP a que pertence juntamente com outros nomes conhecidos do nosso desporto.

A quantia que falta apurar, diz-nos António Vilela, é proveniente de um grande número de folhas de fundos que ainda estão por recolher. Uma nota curiosa é que a média de contribuições é de 50 escudos, o que dá a ideia de um movimento bastante alargado de participações que não passa pelos grandes capitais, embora houvesse algumas contribuições de cinco e três mil escudos, refere-nos A. Vilela. A CAOP prevê fazer a última recolha de fundos até ao próximo dia 17, isto apesar de continuarem a ser bem recebidas as contribuições que cheguem depois desta data. Explica o prof. António Vilela que o dinheiro não tem que ser forçosamente todo utilizado agora, entendendo por outro lado as Federações de diversas modalidades que a verba a apurar em definitivo pode ser utilizada pelos atuais ou futuros atletas olímpicos. Fica-se assim com a ideia de que as verbas recolhidas pelo esforço da iniciativa de uma comissão criada no interesse público para levar até aos Jogos Olímpicos os atletas (o que competiria ao Governo) poderão não vir a ser aproveitadas já este ano. Sobre isto António Vilela pensa que o dinheiro deve ser entregue ao Comité Olímpico Português (COP) caso a sua posição se altere (em relação à «validade» de subscrições públicas) passados estes Jogos, ou às Federações. Para já existe uma certeza: todas as verbas não são de mais e (apesar de haver o montante suficiente para a deslocação a Moscovo dos atletas para aí seleccionados) o que se vier a apurar pode reverter para os próximos Jogos Olímpicos. É também esta a opinião das Federações contactadas pela Comissão de Apoio aos Atletas Olímpicos. A propósito de todas as andanças porque tem passado a questão da representação portuguesa aos Jogos de Moscovo, A. Vilela achou por bem historiar — ou relembrar — as circunstâncias em

que nasceu a comissão, precisamente numa altura em que ainda não era segura a posição do Governo AD. Quando esta se conhece a CAOP era já uma realidade, apesar de muitos sectores terem ficado aparentemente desmobilizados (em boa parte por falta de esclarecimento) com o facto do Comité Olímpico Por-

CAOP teve actuação pedagógica

Para António Vilela, um homem desde sempre ligado às coisas do desporto, muito em particular do atletismo, torna-se importante frisar a importância e o lado positivo da vida da CAOP. A participação pública numa acção como a que movemos tem uma função pedagógica e educativa concretizada através da participação sobre várias formas no âmbito nacional. Mesmo em Portugal não é inédita esta iniciativa e os mais velhos recordam-se da subscrição pública de 1924 destinada também a levar aos Jogos Olímpicos os atletas portugueses. Pretender estabelecer um paralelo entre a mobili-

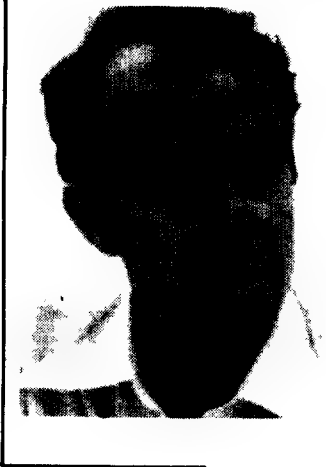
em que indo funcionar possivelmente com verbas da Direcção-Geral dos Desportos ou do Fundo de Fomento do Desporto vai apoiar um grupo de atletas discricionariamente seleccionado por um critério que é o da não participação nos Jogos Olímpicos. Um bom exemplo do alinhamento de órgãos públicos com a vontade de levar os atletas portugueses aos Jogos vem (em contraste flagrantemente com o Governo) de muitas autarquias locais. Temos conhecimento que algumas Câmaras nos vão ainda enviar contribuições. Aliás, fizemos um pedido nesse sentido a todas as Câmaras do País, esclarece António Vilela.

O apoio gerado em torno da CAOP irá permitir ainda, muito possivelmente, a realização de um festival de encerramento da campanha de recolha de fundos. Cantores e ginastas de várias modalidades ofereceram-se já à Comissão para tal fim, faltando apenas congregar essas ofertas com aspectos organizativos. Mas falar em encerramento de campanha é falar também na extinção da CAOP. Sobre isto refere A. Vilela: A Comissão após os Jogos Olímpicos deste ano e apesar de não existir ainda uma posição colectiva sobre isso, termina a sua existência fazendo um relatório público do que foi a sua actividade.

Referindo-se aos atletas que não querem ir a Moscovo e focando o caso concreto de Fernando Mamede, que há alguns dias diria ao nosso jornal que a sua posição era apenas de natureza desportiva, A. Vilela referiu-nos: Penso como o Fernando Mamede que a política não deve interferir no fenómeno desportivo, apesar de não se poder desligar nenhuma atitude do contexto político. Sendo os Jogos Olímpicos a maior manifestação desportiva mundial e não só, também cultural, que encerra em si um conteúdo que se apelida de olimpismo e que não é senão uma expressão própria de fraternidade universal, paz e convívio, não se pode defender a abstenção deste movimento alegando razões desportivas. Têm que haver outras razões que cada um conhece...

Entrevista recolhida por Eduardo Miragala

Quem é António Vilela



O professor António Vilela (48 anos) tem grande parte do seu percurso de técnico desportivo ligado a Moçambique, ainda antes da independência. Aí, foi responsável pela formação de monitores de atletismo exercendo a docência na Escola de Educação Física de Moçambique, tendo também estado ligado a diversos clubes, entre eles o Ferroviário de Moçambique. Ex-treinador nacional de atletismo em 1973, já em Portugal, foi responsável pelo plano de desenvolvimento do atletismo, na equipa de técnicos que entre 1974 e 76 fizeram, na Direcção-Geral dos Desportos, mais pelo desporto neste país do que todo o tempo do fascismo junto.

tuguês rejeitar qualquer quantia obtida através de subscrições públicas e, recorde-se, com o argumento de que as mesmas não reflectiriam uma partidização dos Jogos, que o COP não queria.

Mantivemos a campanha, diz-nos A. Vilela, porque a sua existência tornou possível a concretização dos apoios. Por outro lado entendeu-se que os atletas e as Federações que aderiram aos Jogos deveriam merecer um apoio não só económico mas também moral para que não ficasse enfraquecida a ideia de participação nos Jogos.

zação pública no seu desejo de ultrapassar os obstáculos postos pelo Governo à representação portuguesa em Moscovo e a acção do Executivo AD, por exemplo, na sua operação demagógica (carenciada de base de apoio) junto dos atletas que não quiseram participar nos Jogos é puro equívoco. Senão veja-se a opinião, para não ir mais longe, de muitas pessoas ligadas directamente aos meios desportivos, como o nosso entrevistado. No entender de A. Vilela, que fala também em nome das pessoas que compõem a CAOP, a nossa posição é contestatária dessa comissão de apoio aos atletas de alta competição, na medida



Comaneci preparada para novos êxitos

Jogos Olímpicos

Nadia Comaneci em forma

A romena Nadia Comaneci encontra-se em excelente forma física para os Jogos Olímpicos de Moscovo — segundo a imprensa de Bucareste.

Comaneci, campeã olímpica de ginástica, pesa actualmente 46 quilos, mede 1,61 metro e está quase a atingir a preparação desejada para a competição olímpica.

Entretanto, a equipa masculina de ginástica, que entre outros integra Dan Grecu, Aurelian Georgescu e Kurt Szilier, continua a treinar intensamente.

Grande esperança romena é o jovem Adrian Protesa, que bateu três recordes nacionais consecutivos do salto em altura, fixando-o em 2,26 metros.

Por outro lado, os participantes nas provas de kayak e canoagem obtiveram extraordinários resultados nas últimas competições pré-olímpicas, obtendo vitórias em Compenhaga e Duisburgo.

Cavaleira austríaca

A cavaleira austríaca, Elisabeth Toirer, campeã do mundo da alta-escola, decidiu definitivamente participar nos Jogos Olímpicos de Moscovo, contra a vontade do presidente da federação austríaca do desporto equestre, que chegou a proferir ameaças contra a desportista. O

comité nacional olímpico austríaco apoiou sem reserva a atitude de Toirer, assim como outros desportistas que revam ir a Moscovo.

A «sombra» de Viren

Aguardo com vivo interesse o começo dos Jogos Olímpicos de Moscovo, durante quais terá oportunidade de encontrar com os desportistas soviéticos e com o lebre atleta finlandês Lar Viren — declarou ao jornal «vietskaia Rossiia», o desportista etíope Marius Ifter, considerado um dos principais favoritos olímpicos nos 10 mil metros.

Trio francês do salto à vara

Os três desportistas franceses de salto com vara, bem como seus treinadores, esperam alcançar a vitória na modalidade em Moscovo. Aliás, pode dizer-se que as esperanças são justas, cada uma medida em que os atletas realizaram assinaláveis êxitos. Jean Michel Bellot, Philippe e Thierry Vigneron são atletas que representam França no salto com vara. Entretanto, o trio francês terá a contar com uma concorrência respeitosa, sobretudo por parte do polaco Vladislav Kazakiewicz, do soviético Constantin Volkov.

Atletismo

Japonês bate recorde dos dez mil em Estocolmo

O atleta japonês Toshiko Seko estabeleceu o recorde do seu país na prova de 10 000 metros no «meeting» de atletismo em Estocolmo, com 27.43,44 minutos.

Seko cortou a meta em primeiro lugar, batendo mais cinco atletas que correram a distância em menos de 28 minutos.

O soviético Alexander Antioy obteve o segundo lugar com 27.44,58 minutos e o japonês Kunimitsu Ito a terceira posição com 27.47,35 minutos.

Os lugares seguintes foram ocupados pelo holandês Gerard Tebroke com 27.48,33 minutos,

pelo japonês Idek Kita com 27.48,59 minutos e pelo soviético Enn Selick com 27.5,41 minutos.

O norte-americano Edwin Moses, o rei das barreiras, continuou a sua série de vitórias consecutivas, alongando o seu recorde de não perder uma prova nos últimos três anos. Moses, que melhorara anteriormente o seu recorde mundial com 47,13 segundos, em Milão, gastou o tempo de 49,08 segundos nos 400 metros barreiras. «É difícil estar no top» em duas corridas num tão curto espaço de tempo — disse o campeão olímpico.

Cees Priem, da equipa «Raleigh», venceu ontem a décima etapa da Volta à França em bicicleta entre Rochefort e Bordeaux conseguindo o oitavo triunfo holandês na presente edição da prova.

Priem bateu ao «sprint» o francês Jacques Osmond e o numeroso pelotão, que percorreu os 163 quilómetros em quatro horas e 42,58 minutos.

A menos de cinco quilómetros da meta, já no circuito urbano de Bordeaux, os «Raleighs» colocaram-se à cabeça do pelotão com Jan Raas, actual campeão do mundo e temível «sprinter», e Bert Oosterbosch, campeão mundial de perseguição, a prepararem a vitória para Priem. A demonstração dos holandeses,

rolando a mais de 60 quilómetros horários, retirou o mérito à fuga de nove ciclistas tentada na parte final da tirada.

Lubberding, Le Guilloux, Duclos-Lassal e Simon, Lebaud, Martens, Vershuere e Osmond foram os protagonistas dos últimos vinte quilómetros da etapa.

À entrada de Bordeaux, os fugitivos foram alcançados e, depois, foi o autêntico festival de Oosterbosch e Raas, preparando a vitória para Priem.

Os portugueses Chagas e Agostinho chegaram integrados no pelotão e estiveram nas distâncias em relação ao camisola amarela «Rudy Pevénage», mas Chagas subiu um lugar na classificação geral, beneficiando da desistência de Thurau.

«Tour»

Holandeses somam oito vitórias

Comentadores do «Tour» salientaram a actuação do francês Jacques Osmond, que terminou na segunda posição, e que é considerado uma das maiores revelações da prova.

Cortaram a meta nos primeiros lugares (10.ª etapa) os seguintes ciclistas: 1.º, Cees Priem (Holanda), 4-42-58 (média de 34,563 km/h); 2.º, Jacques Osmond (França), 4-43-00; 3.º, Jan Raas (Holanda); 4.º, Yvon Bertin (França); 5.º, William Tackaert (Bélgica); 6.º, Maurice Le Guilloux (França); 7.º, Leo Van Vliet (Holanda); 8.º, Philippe Durel (França); 9.º, Klaus-Peter Thaler (RFA); 10.º, Jos Jacobs (Bélgica); 49.º, Marco Chagas (Portugal); 67.º, Joaquim Agostinho (Portugal), todos com o mesmo

tempo do segundo classificado

A classificação geral é agora assim ordenada: 1.º, Rik Pevenage (Bélgica — Ijsboer 50.45.42 horas; 2.º, Pierre Baz (França — La Redoute), a 2 minutos; 3.º, Bernard Hin (França Renault), a 4,20; 4.º, Henk Lubberding (Holanda — Fiegh), 6.11; 5.º, Joop Zotm (Holanda — Raleigh), 6,20; 6.º, Hennie Kuiper (Holanda — Peugeot), 6,44; 7.º, Johan Van Velde (Holanda — Raleigh), 7,8; 8.º, Ronny Claes (Bélgica — boerke), 7,32; 9.º, Patrick Bon (França — Renault), 9,40; 10.º, Jean-Luc Vandenbroncke (Bélgica — La Redoute), 9,40; 2.º Agostinho, a 14,55; 39.º, Ma Chagas, a 18,29.



Taça Gálea

José Cordeiro

volta

a destacar-se

O português José Manuel Cordeiro voltou a ser ontem a grande figura da série da Taça Gálea, em ténis, a decorrer nos campos do Ténis Clube do Porto.

José Cordeiro derrotou o israelita Shachar Perks por 2-0 (7-5 e 6-4) contribuindo, de uma decisiva, para a vitória no jogo de pares.

A dupla José-Pedro Cordeiro derrotou a turma israelita Shachar Perks e Eylon Sinai por 3-1.

Pedro Cordeiro perdeu com o onegasco Carlier por 2-0.

No outro encontro da jornada, o israelita Tomy Frisher bateu o onegasco Carlier por 2-0 (6-3 e 5-1). Por seu lado a Dinamarca o Canadá qualificaram-se para a final da zona B da fase preliminar da Taça. Em Gyoer, a Hungria e a Grécia qualificaram-se para a final da zona C, ao derrotarem respectivamente a Argélia por 3-1 e a Tunísia por 5-0.

Jörg ausente da Taça Davis

A ausência de Bjorn Borg tira as esperanças de vitória ao conjunto sueco que defronta a Itália no próximo fim-de-semana para a final da zona europeia da Taça Davis de ténis, em Roma.

John Anders Jørgen, treinador da equipa sueca, chamou o jogador Ans Simonsson, de 18 anos, para a pesada incumbência de substituir Borg na selecção.

Infelizmente as nossas esperanças de eliminar a Itália reduziram-se a zero — disse Jørgen, referindo-se à lesão de Borg.

A equipa sueca, que começou os treinos nos courts italianos, é comandada pelos jogadores Kjell Johansson, Stefan e Håkan Simonsson e por Jørgen.

A turma italiana apresentará a sua melhor formação, sendo constituída por Adriano Panatta, Orlando Barazzutti, Paolo Bertocci, Gianni Giuseppe e António Aguiar o vencedor desta eliminação defronta a Austrália na final inter-zonas.

Boavista, Sporting e Porto... as últimas

O Boavista, um dos representantes portugueses na Taça UEFA de futebol, iniciou ontem a preparação para a nova temporada, tornando-se o primeiro clube da 1.ª divisão a entrar em actividade.

O novo técnico António Teixeira (ex-Varzim) e o preparador físico Henrique Calisto iniciaram os trabalhos com exames médicos e testes físicos aos dezasseis profissionais do clube presentes na sessão inaugural. Entre os futebolistas presentes estiveram três aquisições, Barbosa II (ex-Leixões), Bravo (ex-Benfica Castelo Branco) e Palhares (ex-Varzim), faltando Pires, também adquirido ao Benfica de Castelo Branco.

Teixeira afirmou que «não pretende fazer milagres» e que tentará «dar ao Boavista uma orga-

nização de nível europeu».

«Quero vinte jogadores de bom nível» — disse Teixeira à Anop.

«Falta-nos apenas um pontade-lança para fechar o lote e seria muito agradável para mim ver o Jorge Gomes novamente no Bessa».

O avançado brasileiro do Benfica, actualmente em férias no seu país, poderá regressar ao Boavista, pois as negociações com o clube lisboeta «decorrem em bom ritmo», segundo adiantou Hernâni Ascensão, chefe do departamento de futebol do clube do Bessa.

O Boavista vai iniciar a temporada com uma digressão pelo Extremo Oriente, a partir do dia 15, que inclui cinco jogos em Seul, Hong-Kong e Macau, contra adversários ainda desco-

nhecidos. O regresso está previsto para 3 de Agosto e no dia 9 a equipa será apresentada no Bessa, contra o Leixões, em jogo englobado na transferência de Barbosa.

Sporting: Assembleia para breve?

A assembleia geral do Sporting, destinada em princípio a eleger uma direcção para o clube, deverá reunir no próximo dia 18. Isto apesar de não ser conhecida até ao momento qualquer lista de candidatura.

João Rocha continua, entretanto, a ser assediado para ocupar as suas antigas funções no clube. Ainda ontem, no decorrer de um almoço organizado pela secção de andebol de Alvalade, esse pedido seria novamente formulado, tendo João

Rocha repetido, em resposta, com os motivos já conhecidos que o levam a não se recandidatar. Hoje, João Rocha parte para Zurique a fim de assistir amanhã em representação do Sporting, aos sorteios das provas europeias.

Os negócios de Merckell...

Em matéria de treinadores o Porto parece continuar a não acertar. Isto porque o quase assente Max Merckell (lembramos que havia já acordo firmado com verbas a pagar) vem agora colocar dificuldades na sua vinda, alegando não poder desligar-se de um dia para o outro dos negócios que tem em Munique, onde é proprietário abastado em sectores de serviços ligados ao automobilismo.

Em matéria de dirigentes, o jornalista Alvaro Braga Júnior desempenhará na próxima tem-

porada as funções de secretário-técnico no departamento de futebol do FC Porto. Alvaro Braga, de 30 anos, aceitou o convite dirigido pela direcção do FC Porto, considerando «uma honra» ter sido escolhido para esta função.

«É uma experiência nova e curiosa que me pode enriquecer» — disse Alvaro Braga referindo-se aos seus conhecimentos adquiridos nas deslocações ao estrangeiro.

Malheiro no S. Braga

O ponta de lança Malheiro assinou um contrato por dois anos com o Sporting de Braga.

O novo reforço bracaraense representou como é sabido na época passada o Futebol Clube do Porto.

O Sporting de Braga não revelou o montante da transferência.

Novas decisões

da FIFA

A Federação Internacional de Futebol, reunida em congresso, admitiu a filiação de Angola e Moçambique e confirmou o reingresso da República Popular da China. A readmissão da RP da China pelo comité executivo da FIFA supõe a permanência na federação da Formosa (antiga República da China), que deverá, no entanto, renunciar ao nome e bandeira.

O congresso aprovou ainda a admissão do Iemen do Sul e do Omã, levantou a suspensão imposta ao Zimbábue e reconheceu o idioma árabe como oficial no seio da FIFA.

Assistiram ao congresso re-

presentantes de 103 países, que esgotaram os dez pontos da ordem dos trabalhos em três horas de reunião.

A assembleia aprovou também, sob proposta da Confederação Sul-Americana, a nomeação do almirante argentino Carlos Alberto Lacoste para um dos lugares da vice-presidência da FIFA.

Com as novas admissões o número de federações filiadas na organização elevou-se para 150. As 150 organizações futebolísticas nacionais que integram a partir de agora a FIFA dividem-se geograficamente do seguinte modo: 42 de África, 23

da América Central e do Norte, 10 da América do Sul, 37 da Ásia, 34 da Europa e quatro da Oceânia.

Líbia passa...

A Líbia qualificou-se para a segunda fase de apuramento do campeonato mundial de futebol de 1982, ao empatar sem golos com a Gâmbia, num jogo disputado em Banjul.

A Líbia, que havia ganho o encontro da primeira mão, em Trípoli, por 2-1, foi apurada para a fase seguinte da eliminatória relativa à região de África, na qual defrontará o Egipto.

Tiro ao Arco

Alexandra Bandeira: logo três recordes

Alexandra Bandeira, do Atlético Queluz, estabeleceu três novos máximos nacionais de juniores de tiro com arco.

Alexandra Bandeira melhorou os recordes a sessenta e cinquenta metros e do total, com 970 pontos, vencendo a prova da sua categoria, a frente das colegas de equipa Teresa Figueiras, 862 pontos, e Maria Valente, 816.

As três arqueiras estabeleceram um novo recorde nacional por equipas, com 2648 pontos.

Nas restantes provas disputadas, o Atlético de Queluz venceu

em juvenis masculinos e aspirantes femininos, por Rui Santos e Gabriela Lourenço, respectivamente com 810 e 585 pontos.

O Sporting obteve os dois títulos de seniores, respectivamente por Henrique Santos (1828 pontos) e Aurinda Vieira (1053), e os dois iniciados, por Alfredo Almeida (972) e Isabel Gonçalves (888).

Jorge Marreiros, Sporting Tor-mar, venceu em aspirantes, com 927 pontos, e António Manuel, Ginásio Clube Português, ganhou a prova de juniores com 946.

Totobola

Oitenta e seis apostadores do Totobola, dos quais quatro de Moçambique, acertaram em treze resultados no concurso 46. Cada «totalista» receberá 69 629 escudos e 10 centavos.

Com doze resultados certos foram apuradas 1935 apostas (1896 de Portugal e 6 de Moçambique), correspondendo a cada uma o prémio de 3094 escudos e 60 centavos.

TOTO BOLA

jogue connosco

1 KERKRADE - DUSSELDORF	2
2 BREMEN - BOHEMIANS	1
3 KASTRUP - LILLESTROM	X
4 TEL AVIV - NATHANYA	X
5 R. ANTUERPIA - COPENHAGA	1
6 RAPID VIENNA - DEN HAAG	1
7 SPARTA PRAGA - ST. GALLEN	1
8 POLONIA BYTOM - LASK	2
9 DUISBURG - WILLEM II	2
10 GÖTEBURG - B. 1903	1
11 SALZBURG - DIMITROV	X
12 BOCHUM - ELFSBORG	1
13 KRUSEVAC - SLÁVIA SÓFIA	1

Hoje

HÓQUEI EM PATINS — Taça Associação de Patinagem de Lisboa (reservas): Parede-Oeiras, Benfica-Alenquer e Paço de Arcos-Cascais, às 21 e 45, nos rinquês dos primeiros.

TÉNIS — Taça Galea («mundial») para jogadores com menos de 21 anos, nos «courts» do Clube de Ténis do Porto, às 15. Torneio Giannone, integrado no Grande Prémio Gillette, no Clube de Ténis do Porto.

VELA — Campeonato do

Mundo de «Vaurien» para juniores, frente à Póvoa de Varzim, às 9.

XADREZ — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Santo António dos Cavaleiros-Paço de Arcos, GIMBR (Rebelva)-Estoril Praia, Odivelense-Academia da Ajuda, Associação do Pessoal do LNEC-União Paredense, Juventude Alhandrense-Padaria do Porto e GD Foncecas & Burnay-União Povoense, às 20, nas salas dos primeiros.

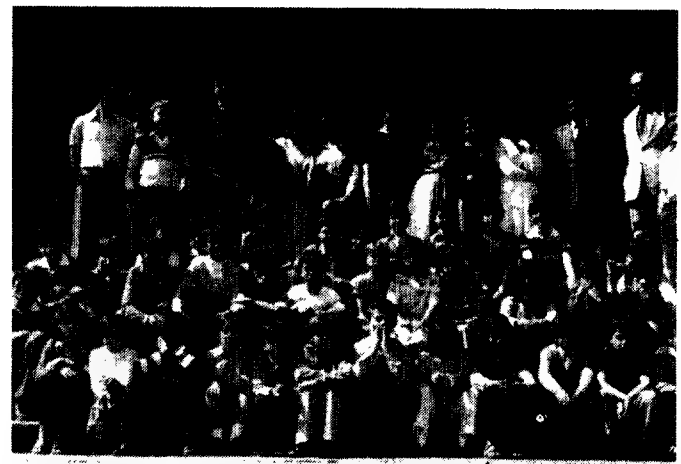
Boxe

O americano Larry Holmes conservou o seu título de campeão do mundo dos pesados ao

bater em Bloomington o seu compatriota Scott Ledoux por paragem do árbitro ao sétimo assalto.

Em BUARCOS o **Diário de Lisboa** vende-se na PAPELARIA SATÉLITE

Xadrez juvenil



Guarda: «I Jogos Distritais Juvenis de Xadrez», promovidos pela Delegação Geral da DGD. Os 40 xadresistas (dos 9 aos 14 anos), de 10 localidades diferentes do distrito, e seus acompanhantes

Xadrez: «Taça»

Benfica e Sporting disputam a final da Taça de Portugal de Xadrez no dia 12, na sala do Grupo

Desportivo Foncecas e Burnay. Na meia-final, o Benfica venceu o CDUP-B, por 3,5-0,5 e o Sporting venceu o Ateneu-B, por 4-0.

Caminhos de Ferro Portugueses, E.P. ENFERMEIRO

Os Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., pretendem admitir um Enfermeiro com o Curso Geral de Enfermagem e idade compreendida entre os 21 e os 55 anos, para prestar serviço em Lisboa.

OFERECE-SE:

- Remuneração mensal de 14 400\$00
- Prémio de efectividade de serviço de 50\$00/dia de trabalho
- Subsídio de refeição
- Concessões de transporte em caminho de ferro para o próprio e familiares, para além de outras regalias sociais (cantinas, armazéns de víveres, etc.).

Os interessados poderão contactar, pessoalmente ou por escrito, até 11 de Julho próximo, o Sector de Recrutamento, Calçada do Duque n.º 20 — 1294 Lisboa Codex, ou ainda pelo telefone 36 31 81 ext. 251.

GITUS

TURISMO SOCIAL

FÉRIAS NO ESTRANGEIRO 2 semanas tudo incluído

R.D.A. (VISITA A BERLIM) de 3 a 18/8 — 28 500\$00 de 17 a 28/8 — 28 500\$00

CHECOSLOVÁQUIA de 3 a 17/8 — 36 645\$00

ROMÉNIA de 17 a 30/8 — 27 000\$00

BULGÁRIA de 25/8 a 8/9 — 34 400\$00

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE **GITUS**

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

FOTOCÓPIAS DESDE \$40

Encadernações, plastificações e trabalhos em offset

Discoteca Filinto

Av. 5 de Outubro, 53-A Telefone 535046

RESTAURANTES TATU

PASTELARIA C FABRICO PRÓPRIO SALAO PARA BANQUETES E CASAMENTOS AUTENTICA FEIJOADA A BRASILEIRA SÓ NO TATU CAMPO GRANDE, 80 TELEFONE, 76 51 88 . 9

D. LUÍS CHURRASQUEIRA

ABERTO TODOS OS DIAS

AR CONDICIONADO

★

RUA GENERAL TABORDA 9-B (CAMPOLIDE) TELEFONE 68 12 26

A liberdade de expressão no "reino" da AD

"Bispo de Beja" apreendido pela Polícia Judiciária

«Voltamos ao tempo da outra Senhora, sem tirar nem pôr!» — foi o desabafo de Vítor Silva Tavares, da «& etc», ao comentar para o «DL» a visita surpreendente a meio da tarde de ontem, nas instalações daquela editora, de quatro (nem mais nem menos) avantajados funcionários-agentes da PJ. Objectivo: carregar com os últimos 586 exemplares do mais recente lançamento da colecção «contramargem», ainda existentes em armazém.

Trata-se de o «O Bispo de Beja», um folheto de duas dezenas de páginas, da autoria de Homem Pessoa, pseudónimo de Santos Vieira, editado clandestinamente nos últimos meses de monarquia (em Maio de 1910) «um sátira cuja violência delatatória, centrada num ataque não lembrava à literatura portuguesa desde o Padre José Agostinho de Macedo».

D. Sebastião, bispo de Beja, nesse ano último da dinastia de Bragança, é denunciado ou visado pelo satírico poeta (homem culto e viajado...) de ser «mitrado em sodomia» ou, para mais geral conhecimento, um afeiçoado venerador de gente do mesmo sexo.

Numa das suas mais significativas, e menos «licenciosas» estrofes, o autor comenta autoritadamente: «Se quer a Igreja Romana ao padre proibir relações com a mulher/ sabendo muito bem, por intuição profana/ que ao instinto sexual não há forças que domem/ é que, implicitamente/ lhas autoriza a ter/ com o homem!».

Desta «sátira licenciosa» comenta na parte final o editor, dirigindo-se aos «Acácias das camadas burguesas e heráldicas e críticos pudibundos da literatura e do jornalismo...» ser seu dever lembrarem-se de que «em todos os tempos, o escritor sentiu a necessidade de mostrar a nu a lição da verdade, quer ela tivesse de ser a evidência da crápula do corpo ou a análise da



crápula do espírito, usando o processo de a dizer na linguagem considerada licenciosa pelo vosso critério imbecilmente moralista, e que era a única que a podia exprimir integralmente com clareza e com vigor».

Quanto ao facto, extremamente grave (e elucidativo) de se apreender, como noutros tempos (muito trabalhou a Pide nesse campo...) uma obra de valor literário que circulou livremente pelo país após a queda da Monarquia (até um exemplar foi oferecido à Biblioteca Nacional) aqui fica registado e denunciado.

E diga-se, ainda, que se o objectivo da PJ (quem a mandou?) era evitar o conhecimento público dos desvios sexuais daquele antigo «pederasta da igreja», o tiro vai, certamente, sair pela culatra. Mesmo clandestino, e a 50 escudos, «O bispo de Beja» vai ser um êxito editorial graças ao inesperado golpe publicitário dos homens da PJ. É que, para além de tudo, o poema de Homem-Pessoa, até tem grande valor literário ou artístico, coisa que não é timbre da generalizada pornografia (escrita ou cinematográfica) livremente exibida por todo o país.

& etc

contramargem / 5

Pulido Valente e o Cinema

Realizadores denunciam ausência de plano de produção fílmica

A Sociedade Portuguesa de Autores, na posse de uma exposição que lhe foi endereçada por realizadores de cinema nela inscritos, tomou a iniciativa de enviar o documento ao secretário de Estado da Cultura, documento em que os realizadores manifestam «a sua extrema preocupação — e mesmo, nalguns casos, a sua viva indignação — face à (in)definição de uma política cultural em matéria de cinema», posição esta aliás com a qual, por considerar «justificados os fundamentos em que se alicerça», o Conselho Director daquela sociedade cooperativa (SPA) se solidarizou, formulando o voto de que «a sua ponderação conduza à correcção das anomalias apontadas e do estrito cumprimento da lei».

Eis o teor dessa explicação:

«1 — Não obstante a lei ser taxativa quanto aos prazos anuais para atribuição de apoios financeiros (quer na modalidade de subsídios, quer de empréstimos) à produção de filmes nacionais — Lei n.º 7/71 e decreto n.º 286/73 —, estipulando que a respectiva decisão deve ser tornada pública até ao dia 23 de Fevereiro, a verdade é que este ano não só esses prazos não foram respeitados como já foi declarado por V. Ex.ª, em recentes declarações à RTP, que «não seriam assumidos novos compromissos de produção» — o que significa nem sequer haver plano de produção fílmica para este ano.

«2 — Não pode passar sem protesto uma tão evidente violação da lei, não só por si própria, como, sobretudo, pelas graves consequências que dela decorrem: com efeito, se é imperativo preservar o património cultural do passado (como tão insistentemente V. Ex.ª tem proclamado), não é menos imperioso criar o património cultural do futuro — o que a inexistência de um plano de produção irremediavelmente prejudica.

«3 — Assim, consideram os realizadores cinematográficos representados pela SPA que é extremamente grave a responsabilidade assumida pelo Governo, ao descumprir a continuidade do testemunho

cultural em matéria tão viva como o cinema — e, por outro lado, ao lançar no desemprego toda uma classe de sectores afins.

«4 — As razões de «filosofia administrativa e ordem económica» invocadas para tão grave decisão colidem frontalmente com outras medidas tomadas, como seja a aquisição e adaptação de dois imóveis, para instalação das cinematecas de Lisboa e Porto, operação em que já terão sido investidos mais de cem milhões de escudos, com a agravante de as obras de transformação do edifício de Lisboa terem sido executadas por empreitada «isenta de concurso público», com turnos a funcionar durante 24 horas, o que veio duplicar o respectivo custo. Consideram os realizadores cinematográficos que uma política administrativa levaria a escalar em dois anos a criação das duas cinematecas, o que teria permitido a adopção de um plano de produção para 1980 — embora talvez conviesse menos a uma política de mera fachada, mais determinada por critérios de oportunismo que pelo desejo de responder às exigências culturais mais profundas.

«5 — Ao tomarem a posição que se deixa expressa, os realizadores cinematográficos representados pela SPA desejam afirmar, com toda a clareza, que não põem em causa a necessidade da existência das duas cinematecas ou o seu funcionamento (aliás confiado à direcção de uma pessoa que lhes merece todo o respeito e a mais viva admiração, o dr. Félix Ribeiro, que desde sempre tem desenvolvido uma acção altamente meritória em prol da produção cinematográfica nacional). O que se contesta é uma política administrativa que desconhece ou menospreza as exigências culturais do sector cinematográfico e estabelece prioridades inaceitáveis.

«6 — Assim, não podem os nossos realizadores deixar de considerar abusiva a utilização que dos seus filmes está a ser feita no âmbito de um «Panorama do Cinema Português» cuja exibição coincide com a inauguração da sala de Lisboa da cinemateca, e se,

por razões de ordem jurídica, entenderem não dever proibir essa exibição, querem afirmar bem claramente que se desvinculam de todo e qualquer aproveitamento político dos seus filmes por parte da SEC — filmes que, decerto, não poderiam agora ser apresentados se os antecessores de V. Ex.ª houvessem adoptado os critérios pelos quais tem orientado a sua acção governativa.

«7 — Não foi também sem preocupação que os realizadores cinematográficos registaram o anúncio da próxima publicação de uma Lei Orgânica do Cinema e de uma Lei reguladora do Instituto Português de Cinema, diplomas em que estão directamente interessados mas para cuja elaboração não foram solicitados a participar, nem através da SPA nem do Sindicato das Actividades Cinematográficas, contra o que a Constituição prescreve nos seus arts.ºs 56 e 58. E dadas as contradições, a incoerência, a ambiguidade — ou, para resumir tudo numa só palavra a leviandade — de que enferma a legislação promulgada no âmbito da SEC, plenamente se justificam as apreensões dos realizadores face aos diplomas que, sem a sua imprescindível intervenção, estão (estarão) a ser preparados.

«8 — Finalmente, os realizadores em questão consideram inquietante — mas significativo — o facto de terem ficado sem resposta às várias perguntas que, ao abrigo das disposições constitucionais e regulamentares vigentes, o deputado e ex-secretário de Estado da Cultura dr. António Reis formulou ao Governo, na sessão de 13 de Março último da Assembleia da República, em matéria de cinema. Essa falta de resposta — ou a resposta negativa que, na prática, algumas das questões levantadas vieram entretar a ter — constitui, para eles, o índice de uma indiferença, não só pelos direitos e interesses legítimos dos trabalhadores da cultura como pela própria cultura e seu desenvolvimento futuro, que envolve a condenação de toda uma política cultural que só negativamente existe e, por isso, se torna urgente rever e corrigir».

Arte Popular na Festa do Avante

A Festa do Avante terá este ano, tal como já tem acontecido em anos anteriores, uma exposição de «Arte Popular e Património Cultural», no seu Pavilhão Central.

A exposição, que procura valorizar o património cultural português e alertar para a necessidade da sua preservação, desdobra-se em três grandes áreas: Arqueologia e Património arqueológico, Pintura portuguesa e luta de classes do sec. XVI ao sec. XVIII e Arte e Cultura Popular.

Na área referente à Arqueologia e Património arqueológico, pretende o PCP mostrar com uma nova perspectiva, a evolução das sociedades humanas desde as suas primitivas formas até ao desenvolvimento da civilização.

No que toca à área destinada à Pintura Portuguesa, é apresentada uma panorâmica das formas assumidas por esta manifestação artística, desde a Idade Média até ao Sec. XVIII e das correlações de carácter sociológico que enformaram e enformam tal percurso criativo.

Quanto à área respeitante à Arte e Cultura Popular, orientada pelo objectivo de dar a conhecer diferentes expressões da criatividade do povo português, serão apresentadas mais de 300 peças provenientes de diversas regiões do país, abrangendo fundamentalmente os seguintes temas: instrumentos de trabalho, olaria e cerâmica, tapetes de Arraiolos, traje popular e instrumentos musicais populares.

Crítica de Teatro

Acidentes insólitos vêm, de há uns tempos a esta parte, perturbando (graficamente falando) esta secção do «DL», nomeadamente o sector das críticas. Ontem, uma vez mais aconteceu: a «Crítica de Teatro de Carlos Porto» (A Tchekov o que é da viúva) apareceu referenciada como sendo uma «Crítica de Cinema de Jorge Leitão Ramos». Apresentamos as desculpas da praxe, com uma única garantia formal: não foi de propósito!

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:
Título original: Breaking away
Realização e produção: Peter Yates (USA-1979)
Argumento: Steve Tesich
Fotografia (cor Deluxe): Matthew F. Leonetti
Música adaptada por: Patrick Williams
Cenários: Patrizia von Brandenstein (art director), Lee Poll (set decorator).
Montagem: Cynthia Scheider

"Os quatro da vida airada" de Peter Yates

Interpretação: Dennis Christopher (Dave), Dennis Quaid (Mike), Daniel Stern (Cyril), Jackie Earle Haley (Moocher), Barbara Barrie (a mãe), Paul Dooley (o pai), Robyn Douglass (Katherine), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes/20th Century-Fox.
Cinemas: Condes e Quarteto — sala 2
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

Com a chegada do Verão, o ofício de crítico de cinema torna-se penoso. Não propriamente por causa do calor (as

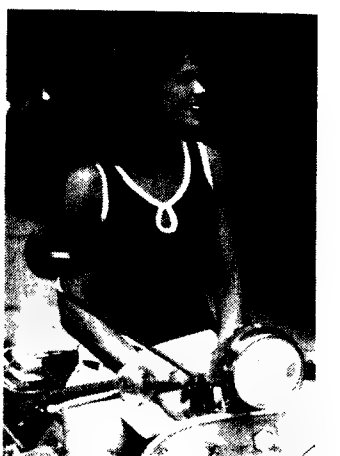
salas de estreia de Lisboa estão maioritariamente equipadas com ar condicionado), mas porque os distribuidores resolvem, todos os anos, decretar uma limpeza às prateleiras durante Julho e Agosto. Os filmes imprestáveis fazem então bicha para entrar nas salas, enquanto as reposições (geralmente recentes, geralmente de grandes sucessos comerciais — para quando uma política de reposições inteligente?) ocupam os restantes ecrãs. O crítico vê-se assim forçado a consumir as estreias de nível Z que por aí pululam. E às vezes já não há bonomia que resista.

Desta feita é *Os quatro da vida airada*, um título português tontinho para um filme americano a condizer. Juntam umas dezenas de lugares-comuns sobre a juventude, condimentem de conformismo e estarão em presença do que é este filme de Yates: um mero disparate estival a juntar à já longa carreira do seu realizador neste domínio (vejam-se os recentes *O abismo* e *Amblância para todo o serviço*).

E, no entanto, a ideia de falar de uma juventude em vésperas de proletarianização, em contraponto aos jovens universitários de Indiana, até era algo de que

se poderia extrair um filme interessante. Mas a tentação do happy end, o escorregar no lugar-comum e na vulgaridade sob o pretexto serdão da comédia que não chega a ser, torna este trabalho de

Yates absolutamente incapaz de nos prender um instante que seja, mau grado o esforço de Paul Dooley para ultrapassar um naipe de actores mediocres e mal dirigidos. Mediocridade, aliás, que se estende à fotografia e ganha aspectos de um ridículo monumental quanto à música, escolhida arbitrariamente e insignificadamente. Enfim, qualquer coisa para esquecer.



Livros novos

TEMPO AMARGO



rui narciso

"Tempo Amargo" — de Rui Narciso

Rui Narciso, 25 anos passados «inteirinhos» no Sobral da Adiça (aldeia raiana do Baixo-Alentejo), acaba de lançar, em edição de autor, a novela «Tempo Amargo», rememorando poético (em linguagem mal-sã) dos últimos anos da dominação agrária, em terra transtaganada, até às «asas de vitória» semeadas no Povo em 25 de Abril.

Neste seu primeiro trabalho, Rui Narciso, que é um dos sócios fundadores da ANES (Associação de Novos Escritores do Sul), que já geram «frutos» como António Linhaça, Martinha Marques e Pires Campanha, entre outros, dá-nos mostras de um trato linguístico e de fabulação que, em aspectos pontuais, denota uma originalidade incomum nos cronistas da sua geração. Uma

dada imaturidade formal é certo, um «arreganho» natural no lançar cá para fora das sementes descritivas) de uma revolta que se foi de ontem, não poderia deixar de ser sentida por um autor bem metido na «fornalha» que é hoje o Alentejo (do selvático) retorno latifundiário, com a GNR em cada esquina e em cada alqueive de terra desbravada pelas mãos calejadas dos camponeses seus irmãos.

Rui Narciso, assim, um nome a reter e a incentivar, narrador de um Alentejo «nocturno» que Urbano Tavares Rodrigues, citado em «Tempo Amargo», tem exemplarmente descrito: «Terra sem limites, guardada metro a metro por sombras que não te entendem (folhas da força e do medo). Minha (nossa) terra vermelha.

M. G.

"Contos Transmontanos" — de Modesto Navarro

Em 11 anos de actividade literária, Modesto Navarro publicou 17 títulos, entre poemas, ficções e reportagens. O grosso da obra reflecte a realidade social que pelas suas origens lhe está mais próxima — o Nordeste Transmontano.

Quem tem seguido minimamente a obra de Modesto Navarro, poderá facilmente detectar as grandes linhas de força que a percorrem — a emigração, a guerra colonial, a miséria e a vida sem horizontes do pequeno rendeiro em contraste com os latifúndios úberes da Vilarça, os

velhos que ficam, consciências do tempo de bichos, o ir morrendo, pujantes e fecundos, mas marcados pela fome, no império dos baronetes e dos seus mais directos serventuários (o médico, o juiz, o advogado, simultaneamente grandes proprietários; o comerciante, o empregado das finanças, o escrivão, o feitor).

Ao ler os «Contos Transmontanos», «estórias simples» em que a tragédia e a violência que brotam da maioria dos personagens não se assumem em grandes gestos, como se um fio subterrâneo de água, oculto mas



obstinado, capaz na sua aparente fragilidade de se opor a um dique, fosse o morrer dos dias das gentes sem nome e com mau destino, numa sociedade hierarquizada até à medula (são os sinais da casa, do café, da cadeira própria no cinema), recolho destas cento e tal páginas, o desfilar de uma memória colectiva, a desmontagem dos códigos de violência que regiam um espaço de tensões ocultas e profundas que ainda hoje está por libertar.

E muitas das histórias de Modesto Navarro apontam, como saída, a morte, morte de guerreiros no campo de batalha — os personagens de «Contos Transmontanos» não morrem na cama, resignados e com a bênção do padre. É o caso do «Feliciano», do «Passador», do «Enforcamento», de «A Morte de um Pobre».

Como pano de fundo, sempre, a emigração, a saga dos humildes à procura de se dignificarem como homens, o que quase nunca o sistema lhes permite — o que é abatido pelo passador porque torcera um pé e atrasava a caminhada dos outros que subiam os Pirinéus; um outro a que a mulher troca também por um emigrante pelo que abate a tiro o sogro; a mulher que se enforca nas férias em que o marido vem de França para a visitar.

O mundo do dinheiro e da fome, a falta de esperança, o coro dos velhos que marcam o ritmo do livro, um mergulhar na infância, sem ódio, antes com uma ternura amarga e quase envergonhada, transformam este livro num inventário discreto dum País em que a morte, a fuga, a velhice e a solidão são ainda bem mais fortes que a esperança.

Para quem cava as suas raízes em universo idêntico ao do autor do «Libelo Acusatório» não pode deixar de perturbar, como seixos brancos que fomos abandonando pelos anos para não nos perdermos nesta «floresta de enganos», o peso tumultuoso de referências e gestos, de nada irredutíveis que nos apetececeram.

R.R.

Amália já tem medalha de ouro

Amália Rodrigues recebeu ontem a medalha de ouro de Lisboa e passou a ser, ao lado de Alfredo Marceneiro e Herminia Silva, «expoente da cultura popular da cidade e do País».

As canções de Amália, disse David Mourão Ferreira, um dos poetas que ela interpretou, mostram que «nem sempre o povo português teve vergonha de ser povo e nem sempre Lisboa teve a gorda cintura que hoje apresenta com azedume e mediocridade».

«Qualquer das suas canções será sempre mais duradoura que qualquer das leis que geralmente não se chegam a cumprir», acrescentou o antigo secretário de Estado da Cultura, ao abrir a sessão de homenagem — espectáculo que decorreu no Teatro São Luiz.

Poetas e compositores, cujos textos e melodias ela cantou, músicos e amigos, gente do cinema e do teatro com quem actuou estiveram presentes na sessão promovida pela Câmara Municipal.

Amália Rodrigues que completa 60 anos no dia 23, nasceu no típico bairro lisboeta da Mouraria e ninguém como ela tem cantado o fado, género musical característico da capital.

Para as suas canções soube escolher textos de qualidade, assinados por poetas como David Mourão Ferreira, Ary dos Santos, Alexandre O'Neill e Pedro Homem de Melo, que estiveram presentes à homenagem, e outros que não puderam comparecer: Luís de Camões, José Régio, Bernardim Ribeiro, Vasco de Lima Couto.

Mas foi, um francês que então vivia na capital quem emprestou características musicais inéditas aos seus fados: Alain Oulman, compositor que se deslocou expressamente de Paris para estar presente na sessão.

Augusto Cabrita, cineasta, associou-se à homenagem com o filme de uma das primeiras deslocações ao estrangeiro (Itália) de Amália Rodrigues, enquanto Henrique Santana, actor, recordou algumas histórias de bastidores.

Editora portuguesa lança-se em Moçambique

A editora «Plátano», de Lisboa, decidiu abrir uma linha de crédito a favor do Instituto Moçambicano do Livro e do Disco, no valor de 25 milhões de escudos.

Trata-se de possibilitar que o instituto moçambicano possa adquirir obras daquela editora portuguesa, cuja produção se encontra voltada essencialmente para o livro escolar e o infantil mas que também engloba o livro técnico.

A dar conta da decisão da «Plátano», tem estado na última semana em Maputo um trabalhador dessa empresa, Júlio Na-

varro, o qual recordou à ANOP que a mesma também edita escritores africanos, como Luan-dino Vieira e Mário Rui.

Aguarda-se agora que o Instituto Nacional do Livro e do Disco venha a dar uma resposta ao que lhe foi oferecido, por esta, como, aliás, por outras editoras portuguesas.

A Central Distribuidora Livreira, as Edições 70, a Ulmeiro e a Bertrand são outras das firmas do mesmo ramo que nos últimos meses se têm mostrado interessadas no mercado moçambicano.

VENDE-SE TENDA

Com 2 quartos, 1 sala, 2 toldos. Marca André Janet, com 2 épocas, por 13 000\$00. Telefone 2945775, depois das 20 H.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO

P.º 4390/B — 1.ª Secção

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção deste 12.º Juízo Cível de Lisboa correm editos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo, citando o executado Eugénio da Silva Covaneiro, actualmente ausente em parte incerta e cujo último domicílio conhecido foi na Av.ª Casal Ribeiro, n.º 16, em Lisboa, para, no prazo de 10 dias, findo o dos editos, deduzir, querendo, oposição à execução de Sentença que lhe é movida e a outra por José João de Azevedo Correia Antunes, ou pagar a esta a quantia exequenda de 401.565\$00 e juros vencidos até integral pagamento, ou nomear bens à penhora, sob pena deste direito ser devolvido ao exequente.

Lisboa, 1 de Julho de 1980
O Juiz de Direito,
(João Alfredo Diniz Nunes)
O Escrivão de Direito,
(José Teixeira Alegre)

FOTO CINE FOTO CINE FOTO CINE FOT

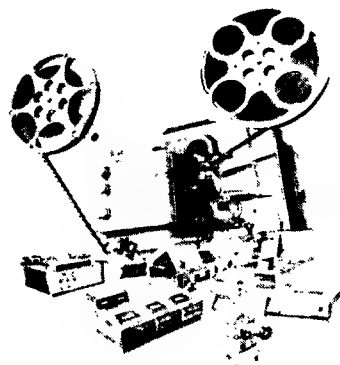
PROJECTOR DE 16 mm
IDEAL PARA:

● CASAS DO POVO

● SINDICATOS

● ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E RECREATIVAS

Importadores:
Quimiltronie, Lda.
Av. da República, 45, 8.º
Tel. 76 02 55 - Lisboa



● PROJECTORES DE CINEMA 16 mm

● RETROPROJECTORES

● EPISCÓPIOS

● LÂMPADAS DE PROECÇÃO

HITCHCOCK FESTIVAL

HOMENAGEM AO MESTRE DO SUSPENSE!

Dias 9 e 10

OS PASSAROS

com ROD TAYLOR
JESSICA TANDY

Dias 11 e 12

A CORTINA RASGADA

com PAUL NEWMAN
JULIE ANDREWS

Dias 13 e 14

INTRIGA EM FAMÍLIA

com BEN B. ACK
SHIRLEY DILL

Dias 15 e 16

PSICO

com ANTHONY PERKINS
JANE F. FONG

Dias 17 e 18

TOPÁZIO

com FREDERICK STAFFORD
KARIN DOR

Dias 19 e 20

INTRIGA INTERNACIONAL

com CARY GRANT
EVA MARIE SAINT

Dias 21 e 22

FRENZY PERIGO NA NOITE

com JOHN FINCH
ANNA MASSEY

DE 9 A 22 DE JULHO

2 dias para cada filme
CALEIDOSCOPIO
4 sessões diárias
19h00 - 21h00 - 23h00

Prémio do concurso da

Medalha Comemorativa do 1.º Centenário da C N N



De acordo com o Regulamento foi atribuído o Prémio ao escultor HELDER BATISTA e três Menções Honrosas aos escultores António Luís do Amaral Branco de Paiva, Domingos Soares Branco e Armando Matos Simões.

Escultor Helder Batista.

Idade - 48 anos.

Nasceu em Vendas Novas no Alentejo.

Actualmente é Professor na Escola Superior de Belas Artes em Lisboa

Participou em várias Exposições Colectivas na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa

Fez também várias Exposições Individuais.

Premios atribuídos:

Premio Internacional da Medalha Comemorativa do Ano Internacional da Criança — 1979

Premio da Medalha para a Secretaria de Estado do Turismo — 1979

Premio para Medalha Comemorativa do Dia de Portugal (Camões) das Comunidades Portuguesas — 1979.

Neste momento executa a Medalha Comemorativa dos 200 anos da existência da Casa Pia de Lisboa.

companhia nacional de navegação, e.p.

Canal da crítica

Mário Castrim

"Come e cala": dez meses para parir a verdade!

Se nunca viram um homem à rasca, olhem para mim.

No sábado, o comentador do ténis, aliás geralmente comedido, começou por considerar a partida entre o sueco e o americano «extremamente dramática», desceu depois para «dramática»; e veio a fixar-se donde nunca deveria sair: no «emocionante».

Por isso eu não digo a minha situação dramática, aliás aprendi com o dr. Mário Soares duas coisas: a falar castelhanu (ouviam-no, há dias?) e a desdramatizar. Entences y mui guapamente yo diré a ustds que estou à rasca.

Isto significa apenas que a Televisão não me deu ontem nada sobre que valha a pena encetar diálogo. Esta situação mantém-se há muito tempo ou, como diria o dr. Mário Soares «há mucho tiempo». O que tenho em casa não é um televisor: é um grão de areia do deserto do qual tenho para arrancar (compreendem, é o meu ofício) uma planta verde. Experimentem vocês ser priot desta freguesia e hão-de ver como é.

Seria fácil se eu me pusesse para aqui a fazer prosa sobre a Maluquinha de Arrollos escrita por aquele a quem uma locutora, há dias, já depois da meia-noite (tem desculpa!) chamou André Brum. Nã, não estou para aí virado. Quando muito, lamentar

estas súbitas viagens ao sótão. Mas o que é que eu ia ganhar com isso? A Televisão é uma desavergonhada e tinha razão a avó Ana quando dizia que «quem não tem vergonha, todo o mundo é seu».

Seria fácil se eu me pusesse, a propósito das «Folies Parisiennes», a dissertar sobre a função social dos «travestis» no século passado, na Roma antiga e na pedra lascada. Não sou capaz. Aquele espectáculo deprime-me. Os esgares, aquele voltar-se de frango no churrasco, aquele seguidismo do plebeuque — e a assistência alarve que ri, deliciada, e murmura, e bate palmas e grita de entusiasmo...

A solução talvez fosse pégar pormenores daqui e dali: as centenas de desalojados cuja vida degradante num quartel de Leiria «Pais, País» nos mostrou. Ou então aquelas palavras de um trabalhador sobre a questão das pescas na costa da Mauritânia: **O Governo diz que vai agora começar os estudos. Ora estes seis meses eram exactamente para isso mesmo. Ou isto é incompetência do Governo ou é uma atitude deliberada de destruição destas empresas.** Não, não farei isso. Dirão que estou sempre a fazer política. Bem faz a Televisão que, política não faz nunca.

O Telejornal diz-nos que afinal de contas o Governo con-

dena a invasão de Angola por tropas da África do Sul. Tardou, mas foi.

Tardou, aliás compreende-se, como diz o meu amigo Augusto Vilela. O Governo pode pronunciar-se sobre os acontecimentos no Afeganistão porque sabe tudo quanto lá se passa, há as afinidades culturais, linguísticas, económicas, etc., etc., enquanto em Angola não conhece lá ninguém, não percebe a língua, fica tudo tão longe, faltam as informações, sabe lá ele que histórias são essas...

Deixemos isso. Façamos só um pouco sobre o que se passou no «Come e Cala», o programa de Beja Santos.

Em 30 de Outubro de 1979 publicou aquele programa os resultados de uma análise a diversas marcas de vinhos. Ontem, faz-se referência à intervenção de um industrial de Torres Vedras, o sr. António Silva Lopes, não conformado com aqueles resultados.

E tinha razão. Beja Santos confessa: houvera um lapso lamentável e além disso recordava as condições defetuosíssimas em que se faziam as análises. Reitera a sua não intenção, bem como da RTP, de não atingir a honrabilidade comercial do sr. António Silva Lopes nem causar-lhe prejuízos de qualquer espécie, materiais ou morais!

Não houve intenção. Mas as palavras, como as balas, não voltam para trás. A verdade é que houve grande leviandade de «Come e Cala» a provar que o sensacionalismo, mesmo bem intencionado, é arma perigosa. Defender o consumidor não deve nunca separar-se da defesa do cidadão. Defender a boa saúde e o bom nome, eis o que deve fazer-se.

A experiência é a mãe de todas as coisas e Beja Santos oxalá tenha aprendido a lição. Assim o sr. António Silva Lopes lhe perdoe. Mas o que se torna doloroso, no meio de tudo isto, é que um cidadão tenha esperado quase dez meses pela reposição da verdade! A ausência de uma definição legal do direito de resposta na TV (questão que permanece em debate por esse mundo fora) não pode, não deve justificar uma tão grande demora em esclarecimento de situação tão gravosa. A RTP, antes do 25 de Abril, podia dar-se (e dava-se) ao luxo de ofender os elementares direitos do cidadão. Agora, não pode ser.

Beja Santos explicou alguma coisa. Só não explicou por que levou dez meses a fazer justiça. Deve fazê-lo. Para afastar suspeitas, decerto infundadas, de que ele considera mais urgente reparar um esquentador do que reparar uma ofensa.



Esta noite através da RTP-2 mais um programa de humor musical de Benny Hill

Hoje

RTP-1

- 18.30 Sumário
- 18.35 O Mundo dos Animais
- 19.00 País, País
- 19.20 Res-Pública — hoje inteiramente dedicado a «Amarante»
- 20.00 Telejornal — (C)
- 20.30 Al Garb — (C) — Presença portuguesa no Norte de África — 2.ª parte
- 21.00 O Tempo — (C) — a informação meteorológica
- 21.05 O que eu gostaria de ter sido — (C) — apresentação de Varela Silva. O programa de hoje é dedicado à pintora «Maluda».
- 21.35 1.ª Página — (C) — um programa do Departamento de Informação.
- 22.30 Perigo! Bomba não detonada — (C) — 2.º episódio. Realização de: Ferdinand Fair Fax. Intérpretes: Anthony Andrews; Maurice Rooves; Ken Kitson; George Innes; Robert Puen; Kenneth Granham; Robert Longden.
- 23.30 Volta à França em Bicicleta — resumo da etapa do dia.
- 23.40 24 Horas — (C)

RTP-2

- 20.30 Homem Aranha
- 20.55 Sinhazinha Flô — (C) — apresentação do 14.º episódio da telenovela brasileira, realizada pela Central Globo de Produção.
- 21.30 Informação/2 — (C)
- 22.00 Zé Gato — (C) — apresentação do 3.º episódio da série produzida pelo Centro Português de Cinema e realizada por Rogério Ceitil.
- 23.00 Benny Hill — (C) — mais um episódio da conhecida série de humor musical.

JOÃO COSTA ELECTROTÉCNICO Assistência técnica

MÁQUINAS DE LAVAR, FRIO, ANTENAS TV, ELECTRICIDADE EM GERAL
ORÇAMENTOS GRÁTIS

Desloca-se a qualquer parte

Pedirpelotelefone 2945775 das 20 às 23 h de 2.ª a 6.ª feira



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

LINHA DE SINTRA

Desde 15 de Maio, estão em curso trabalhos de renovação da via na linha de Sintra entre Queluz e Barcarena.

Destinam-se os mesmos a permitir:

- Maior número de circulações por hora
- Maior regularidade das circulações
- Maior segurança

A C. P. pede desculpa aos seus utentes pelos incómodos causados, mas lembra que os mesmos são inevitáveis para se poder atingir a muito curto prazo um maior conforto e uma maior capacidade da linha de Sintra.

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE

DIA 10 — QUINTA-FEIRA

A QUEDA DUM ANJO
de C. C. Branco

NO FESTIVAL DE SETUBAL

SUB. SEC.

2.º MÊS

Todos os dias às 21.30 h
Dom. Só às 17.00 h
2.ª feira descanso
n/acons. men. 18 anos
Subsidio de S.E.C.

MANPOWER PORTUGUESA

SERVIÇOS TEMPORÁRIOS

RECRUTAMOS PARA
ENTRADA IMEDIATA:

CORRESPONDENTES
DACTILOGRAFAS
TELEFONISTAS

SELECIONAMOS:

PERFURADORES
MECANÓGRAFOS
OPERADORES TELEX
ESCRITURÁRIOS

SEDE SOCIAL
P. JOSÉ FONTANA 9-C
1000 LISBOA
TEL. 575250-540271

Amanhã

RTP-1

- 18.30: Sumário; 18.35: O Tecelão de Tapetes; 19.00: País, País; 19.20: Museu guiado; 20.00: Eurovisão — Jogos sem Fronteiras; 21.20: O Tempo (C); 21.30: Telejornal (C); 22.00: Vamos Jogar no Totobola; 22.15: Os Alvos de Andros — episódio n.º 7; 23.00: Geografia humana — «O Sangue e a pele»; 23.30: Volta à França em Bicicleta; 23.40: 24 Horas (C).

RTP-2

- 20.30: Documento/80; 21.00: Sinhazinha Flô — (C) episódio n.º 15.º; 21.30: No Gran Mundo do Desporto — Box; 23.00: Música de Câmara.

N. B. — Os programas que têm a indicação (C) são emitidos a cor

atelier BELO MARQUES

R. da TRINDADE, 5-2.º dto 1200 - LISBOA
R. VITOR CORDON, 12 - Telef: 371254 - 360868
OFICINAS PRÓPRIAS - R. DO FERRAGIAL, 24-28 TEL-320626 LISBOA

medalhas progressistas



MEDALHA COMEMORATIVA DO
CENTRO SOCIAL DA QUINTA DA
BOA VISTA



ROTEIRO CULTURAL

Música

A Orquestra Gulbenkian dará esta noite, pelas 21.45, na Igreja de S. Domingos, em Viana do Castelo, um concerto preenchido com obras de Schubert, Haydn e Wagner.

Entretanto, prossegue hoje o ciclo musical de Paços de Brandão. Apresenta-se um segundo concerto de sopros, composto por elementos da Sinfónica do Porto.

Também o III Verão Municipal do Algarve prevê um concerto para esta noite, pelas 21.30, no Teatro Letheas. Trata-se de um recital de piano por Pietro Rigacci. No programa, obras de Beethoven, Debussy e Schumann.

Quanto ao Festival da Costa do Estoril prossegue amanhã com um concerto noturno ao ar livre, no Largo da Misericórdia (21.30). Apresenta-se o Grupo de Metais de Lisboa.

Finalmente, na Póvoa de Varzim, haverá um concerto pelo Quarteto de Cordas Lindsay (Igreja Matriz, 21.30 h).

Teatro

O Festival de Teatro de Setúbal anuncia para esta noite

um concerto, em que participam Carlos Paredes, Luís Cília e Fernando Alvim (Clausos do Bom Jesus, pelas 21.30 h).

Amanhã haverá dois espectáculos: às 18.30 h, «Tu não conheces a música?», pelo Teatro de Animação de Setúbal; às 21.30 h, «A Boda dos Pequenos Burgueses», pelo GITT da Trafaria.

A Cornucópia continua a apresentar todos os dias, no Teatro do Bairro Alto, e já em 2.º mês, **Capitão Schelle, Capitão Eço** de Rezvani.

A partir de uma paródia aos nomes das grandes companhias de Petróleo (Schelle, Eço, Elfe) construiu Rezvani os personagens-monstros da sua peça, os filhos da moribunda da Dona Democracia Total. Baseado na imagem da nave dos loucos, (o navio **O Blafreiro**) Rezvani levanta uma grande imagem alegórica do mundo-capitalista, já à deriva, embrenhado na sua autodestruição e na teatralidade oca dos seus comportamentos.

Diz sobre a peça Jean Pierre Vincent, seu encenador aquando da estreia no T.N.P. em Paris: «Rezvani, na verdade, no seu trabalho de escritor, parece-nos animado pelo desejo de interpretar o mundo, de encontrar novas formas de o tornar claro e o incitar à mudança. Um aspecto do processo de Rezvani nos interessa particularmente: esta maneira que ele tem de considerar que o mundo é «teatralizável», quer dizer, que há uma teatralidade nas recepções oficiais entre os chefes de es-



Capitão Schelle, Capitão Eço

tado, uma teatralidade das cenas íntimas da grande burguesia (Schelle e Eço) que difere da teatralidade das cenas íntimas da pequena burguesia, enfim uma teatralidade da 5.ª República (La Colônia) que é sensivelmente diferente da teatralidade do fascismo de que falava Brecht... e que por consequência convém tratar os encontros oficiais entre os chefes de Estado, as cenas íntimas da grande burguesia, os discursos políticos, a partir da sua própria teatralidade.

Cinema

O ciclo de cinema com a retrospectiva de Ozu, promovido na Fundação Gulbenkian prossegue com a película «Viagem a Tóquio»,

hoje, pelas 21.30 h. Amanhã, às 19.30 e 21.30 h, serão projectados respectivamente «Sinfonia de Tóquio», filme mudo de 1931, e «Primavera Precoce», de 1956.

O filme português «A Confederação» de Luís Galvão Teles será exibido amanhã e depois de amanhã, à noite, na Barraca.

No prosseguimento das suas actividades semanais, o Núcleo de Almada da Associação Portugal-URSS realiza também hoje, à noite, pelas 21.30 horas, uma sessão de cinema onde serão exibidos 2 filmes soviéticos intitulados: «Mestre no Desporto» e «Terra Pequena».

Dança Moderna

No Instituto Superior de Educação Física decorre, a

partir de hoje e até 22 do corrente, um estágio de dança moderna dirigido por Karin Waehner.

Karin Waehner estudou com Mary Wigman em Leipzig e em Berlim, onde obteve diplomas de pedagogia, de coreografia e de interpretação. Entre 1950 e 1953, foi assistente de Dança Moderna numa Academia de Dança Clássica em Buenos Aires. Deu espectáculos como solista no Instituto de Arte Moderna de Buenos Aires e no teatro da Máscara. Em 1959 fundou os «Ballets Comtemporains de Karin Waehner». Nesse mesmo ano parte para os EUA, onde estuda com Martha Graham, José Limon, Louis Horst e Merce Cunningham. Em 1960 entra para a Schola Canto-

rum de Paris. Até 1968 colabora regularmente com o «Théâtre d'Essai». Karin Waehner efectua regularmente, em França e no estrangeiro, espectáculos «tounées», conferências e estágios.

Em 1960, Karin Waehner dá início — em França e no estrangeiro — aos estágios e aos fins-de-semana de iniciação à Dança Moderna. É actualmente directora da Dança Moderna na Schola Cantorum de Paris — Escola Superior de Música, de Dança e de Arte Dramática — primeira Escola Oficial em França onde apareceu a Dança Moderna. É a sexta vez que Karin Waehner se desloca ao nosso país para dirigir Cursos de Dança Moderna.

Horário: 9.00 — 11.00 h Técnico (elementar); 11.30—13.30 Atelier de Improvisação e Composição — em dias alternados, a iniciar hoje. Preço: 3000\$00 (Atelier não incluído); 4000\$00 (Atelier incluído). As inscrições são limitadas.

Exposições

Encerra-se hoje, em Tondela, na Associação Cultural e Recreativa, a exposição itinerante «Gaibéus e o seu Tempo», que se encontra nesta localidade do distrito de Viseu, depois de ter estado patente ao público em S. Pedro do Sul e Castro Daire.

A mesma exposição estará em Beja, no Posto de Turismo, até ao próximo dia 10 de Julho.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS (Por UNIDADE)		
E MOEDAS ESTRANGEIRAS		
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50\$00	55\$00
ALEMANHA FED. (marco)	27\$60	28\$70
AUSTRIA (xelim)	3\$80	4\$00
BÉLGICA (franco)	1\$651	1\$751
BRASIL (cruzeiro)	\$532	\$782
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	41\$80	43\$80
(notas de 5 a 1000)	42\$30	44\$30
DINAMARCA (coroa)	\$590	\$630
ESPANHA (peseta)	\$653	\$753
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	47\$85	49\$85
(notas de 5 a 1000)	48\$35	50\$35
FINLÂNDIA (marca)	13\$30	13\$90
FRANÇA (franco)	11\$85	12\$45
HOLANDA (florim)	25\$15	26\$15
INGLATERRA (libra)	114\$20	118\$20
ITALIA (lira)	\$052	\$062
JAPÃO (iene)	\$201	\$231
NORUEGA (coroa)	10\$00	10\$50
SUECIA (coroa)	11\$65	12\$25
SUIÇA (franco)	30\$05	31\$15
VENEZUELA (bolivar)	\$970	10\$70

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões de norte e centro e pouco nublado nas regiões do Sul. O vento era fraco ou moderado de noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	17°
BRAGANÇA	13°
VILA REAL	14°
PORTO	17°
PENHAS DOURADAS	7°
COIMBRA	16°
CABO CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	19°
ÉVORA	17°
SINES	18°
BEJA	18°
SAGRES	18°
FARO	23°
PONTA DELGADA	22°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
12.55	3,6 m	6.17	1,2 m
		18.50	1,3 m
DIA 9			
1.22	3,7 m	7.13	1,2 m
13.54	3,8 m	19.45	1,1 m
DIA 10			
2.20	3,7 m	8.03	1,1 m
14.46	3,9 m	20.35	1,0 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado nas regiões de norte e centro e pouco nublado nas regiões do sul; possibilidades de chuva fraca nas regiões do norte; vento fraco podendo soprar moderado de noroeste, na faixa costeira Ocidental, a sul do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ
NASCE ÀS 6.20
OCASO ÀS 21.30

DIA 12 DIA 20 DIA 27 DIA 3

rádio

1.º Programa

17.30, Sem Margem; 18.00, Informação; 19.30, Jornal da Noite; 20.00, Grandes orquestras; 21.00, Columbo-filia; 21.15, Guitarradas; 21.30, 31.º Episódio do Folhetim «O Retrato de Ricardina» de Camilo Castelo Branco; 22.00, Programa da Noite; 24.00, Jornal da Meia-Noite.

2.º Programa

18.00, Música Portuguesa; 19.00, Terra Viva, Planeta Azul, um programa sobre ecologia; 19.30, Orquestras de Câmara: Marcha em dó maior, K. 408, n.º 1 de Mozart, pelo «Conjunto Mozart de Viena», Divertimento n.º 7, em ré maior, K. 205, de Mozart, pela Orquestra de Câmara Inglesa; 20.00, Ciclo Brahms: Trio n.º 2, em dó maior, op. 87, pelo «Trio Beaux-Arts», peças para órgão, por Marie Claire Alain. Trio em dó maior, op. 101, pelo «Trio Beaux-Arts»; 21.00, Música Coral Sinfónica: Missa de Requiem, de Verdi: Coro e Orquestra Filarmónica, por Carlo Maria Giulini; 22.30, O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00, Música de Câmara: Concerto em dó maior, PV 16, de Vivaldi, pela Orquestra de Câmara Paul Kuntz, Quinteto em lá maior, op. 81, de Dvorak; 23.47, Música Sinfónica: Sinfonia op. 7 («Kullervo»), de Sibelius, pela Orquestra Sinfónica de Bournemouth e Coro Masculino da Universidade de Helsinquia; 01.00, Fecho.

Rádio Comercial (290 m)

17.03, Contacto; 20.03, Quando o Telefone Toca; 20.30, Cartaz; 21.03, Novas de Alegria; 21.30, Quando o Telefone Toca; 22.03, Quando o Telefone Toca; 22.30, Portugal e a C.E.E.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.30, Rock em Stock; 17.30, A História do Rock inglês; 18.03, Círculo em FM; 19.03, Em Órbita; 21.03, Café Concerto; 23.00, Noticiário.

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses

Tiragem média diária do mês anterior: 47 868 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12677

HORIZONTAIS:

- Idade avançada. Tempo do verbo ser.
- Combinar. Rio de França e da Alemanha.
- Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de casamento. Cidade e porto no Golfo da Guiné setentrional, na Costa do Ouro.
- Pão de milho. Barilo (s.q.).
- Antírias. O mais.
- Clima. Quadris. Centiare.
- Fechar as asas para descer mais depressa. Sapo do Amazonas. Proposição latina que designa movimento.
- Sadiso. Uma das Ciclades.
- Moderato. Manuscrito. Chinelos (pr).
- Esbeltos. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- Cansado. Atrios.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8737

HORIZONTAIS:

- Baixela. Espanha.
- Cidade de Itália. Prefixo que designa ar.
- Cada uma das glândulas salivares situadas atrás das orelhas ou nas regiões posterolaterais da cabeça.
- Arqueara.
- Vender a crédito. Ramadas.
- Moeda de Dio. Acompanh.
- Sufixo que designa estado. Conjunção. Oásis.
- Olvidavas.
- Planto de amieiros. Cério (s.q.).
- Cobertor. Vinhal.
- Nome de flores. Autores. Brisa.

1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

- Generas. Desgraça.
- Pronome pessoal. Cantão da Suíça. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
- Purifica. Carta de jogar. Reis.
- Tempo do verbo haver. Curamos.
- Distar. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.
- Plantas brasileiras.
- Estudante. Sua Senhoria.
- Arara. Supremo.
- Época. Levantar.
- Silencioso.
- Preendido. Ósmio (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12676

HORIZONTAIS:

- O QUE NÃO.
- Pau. Amarrem.
- Eles. Am. Anu.
- Limpas. Fa.
- Ari. Aromar.
- Mamas. Ad.
- Sam. Trinas.
- Fanarias.
- Ares. Amor.
- La. Ser. Luar.
- Amperaram.

VERTICAIS:

- Operam. FALA.
- Al. Rasaram.
- Quelimane.
- Si. Amassa.
- Ea. Er.
- Mapa. Tiara.
- Namoramam.
- Ar. Só. Isola.
- Ora. Man. Rum.
- ENFADA.
- Amuar. Serra.

Provérbio: O que não cala enfada

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8736

HORIZONTAIS:

- Catanga. Co.
- Labor. Cal.
- Er. Mar. Re.
- Remataram.
- Amaras. Croa.
- Asam. Carne.
- SS. Carear.
- Atais. Man.
- Restara. Dra.
- los. Aos.
- Oreara. Ara.

VERTICAIS:

- Mera. Sarro.
- Remaste.
- Al. Mas. As.
- Tâmara. It.
- Abatam. Sair.
- Noras. Roa.
- Gr. Camas.
- Ficara.
- Arrendar.
- Cammona. Roa.
- Olé. Adreas.

Teatros

Lisboa

PERMANENTE
PINTO - Rua de Campolide 11 (Tel. 682610); **IDEAL** - Av. Almirante G. Coutinho 49A (Tel. 842803); **ALVES DE CARVALHO** - Rua Vale St. António 7-9 (Tel. 840125); **TANARA** - Rua Rodrigo Reinel 3-A (Tel. 611814); **INFANTE SANTO** - Rua do Olival 290 (Tel. 661003); **SALDANHA** - Av. Praia Vitória 53-55; (Tel. 43938); **ROMANO BATISTA** - Rua Passos Manuel 6-10 (Tel. 570593); **SÃO BENTO** - Rua Poais de S. Bento 73 (601673); **CANTO** - Est. das Laranjeiras 202-B (Tel. 780841); **DIAS E SARAYVA** - Rua Major Afonso Paia 19 (Tel. 2114487); **AMARAL** - Rua Antero Quental 8-8A (Tel. 825455); **PONTINHA** - Est. St. Eloi 4 Lt SE (Tel. 990220);

REFORÇO

ARNALI - Rua Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940); **TAPADA** - Cq. da Padua 83-A (Tel. 634721); **BELO** - Av. Roma 53-A (Tel. 776314); **PROGRESSO** - Est. A-da-Mala 64-C (Tel. 702226); **NEOTERAPIA** - Cpo Grande 138-140 (Tel. 774682); **FINDOR** - Rua D. Maria Pia 514-516 (Tel. 687949); **VITALIS** - Rua Morais Soares 69-C (Tel. 841779); **JANEIRO** - Av. Alvaros Cabral 96-100; **ANTUNES ROSAS** - Pp. Cidade Lusitana 199 (Tel. 313610); **SOC. HIGILUX** - Rua Pedrouços 50-52 (Tel. 610280); **MARLUZ** - Cq. da Picheleira 140 BC Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **ESTÁCIO** - Rossio 60-63 (Tel. 327067); **TAVARES DE MATOS** - Rua 8 Lote 308 (Tel. 993220); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro 6-A (Tel. 970660); **NOVA** - Rua Agóres 11-A (Tel. 910305); **MATOS** - Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (Tel. 2519939);

Linha de Cascais

TIRÉS - Guimarães - Até às 21 horas; **ALCABIDECHÉ** - Carvalho - Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** - Vilar - Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085); **PAÇO DE ARCOS** - Pargana - Av. Eng.º Bonnaville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 horas; **OBRAS** - Oelras - L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OBRAS** - Leal - Até às 21 horas; **PARADE** - Grincho - Av. da República, 87 (Tel. 2471204) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueiro-Mendes - Até às 21 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL** - S. João - Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186) Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas; **CASCAIS** - Marginal - Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 21 horas; **NOVA** - Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Nova - R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530) Permanente; **Cavaca** - R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Até às 22 horas; **DAMAIA** - Damala - P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523) Permanente; **QUELUZ** - Correia - L. do Mercado, 3 (Tel. 905906);

CAMARATE - Nova da Charneca - R. Cid. Lisboa, 94 (Tel. 2518726); **CACÉM** - Guerra Rico - Entre Lotes, 6 e 7 Freixo Capitão (Tel. 2944002); **ALGUEIRÃO** - Rodrigues Rato (Tel. 2912038); Permanente; **AQUALVA** - CACÉM - Mira Sintra - P. N. Torre, 310-Alé às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo - Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont. Torres, 8 (Tel. 2960194); Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim - (Tel. 980456) Permanente; **COLARES** - Alreja - (Tel. 299088)

Outra Banda

ALMADA - Galene - R. Capitão Leão, 85-B (Tel. 2760565); **COVA DA PIEDADE** - Carqueja Afonso - P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254); **LARANJEIRO** - Almeida Araújo - R. D. Duarte, 7-B (Tel. 2493224); **COSTE DA CAPARICA** - Chal - Av. General Humberto Delgado, 7-C (Tel. 2403218); **SEIMBRA** - Leão - Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO** - Soares - Av. da República, 1 (Tel. 2073023); **AMORA** - Julieta Campos - R. Ribatejo, 2 - Cruz de Pau (Tel. 2211131); **SEIXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTIJO** - S. Pedro - Av. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA** - União Moitense - Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS** - Gusmão - R. Cândido dos Reis 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE** - Gamelro - L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100);

MOSCAVIDE - Banha - Av. Moscavide, 22-A (tel. 2518518) Até às 22 horas

SACAVÉM - Cortês - Av. M.ª Luísa Braancamp, 2-A (tel. 251942) Até às 22 horas

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

BATALHA - Praça da Batalha, 26. Tel. 29524; **CAMPO** - Pr. da República, 118. Tel. 25116; **INVICTA** - Rua do Bonfim, 333. Tel. 51212; **MIRA PAULO** - Rua Castelo de Numão, 37. Tel. 646558; **BARROS** - Rua do Bonjardim, 1292. Tel. 487032; **FATIMA** - Rua de Oliveira Monteiro, 475. Tel. 65406; **GARANTIA** - Rua Fernandes Tomás, 696. Tel. 24645; **DINIS** - Rua Matias de Albuquerque, 247.

(De dia e toda a noite)

SÁ - R. Vale Formoso, 181. Tel. 480427; **SARABANDO** - Largo dos Loios, 36. Tel. 21701; **COSTA CABRAL** - Rua de Costa Cabral, 182. Tel. 480780; **FORTE DA MOURA** - Rua de Tânger, 1463. Tel. 681444.

Coimbra

(Das 9 horas, às 9 do dia seguinte)
RODRIGUES DA SILVA - Rua Ferreira Borges, 32. Tel. 24348.

Cine e Cinema e Centros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
 As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
SALA A
ABC DO AMOR
 Não acons. m. 18 anos
SALA B
 As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
 Não acons. m. 13 anos
O HOMEM CERCADO
 C/Lino Ventura

ALVALADE 897480

Av. de Roma
 As 14, 16.30 19 e 21.30

Para todos
UM ASTRONAUTA NA CORTE DO REI ARTUR
 Productions Walt Disney
 C/Denis Bugean, Jun Dale-Ron Moddy e Kenneth More

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
 As 15.15, 18.15 e 21.15
 Não acons. m. 18 anos
 Marlon Brando, Robert Duvall, Martin Sheen em
APOCALYPSE NOW
 Um filme de Francis Ford Coppola
 As 24.00 não acons. m. 18 anos
OS SELVAGENS DA NOITE

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45
 As 15.30, 18.30 e 21.30
 Maiores 10 anos
Festival Gianni Morandi QUIMERA
 C/Laura Efrikian e participação de Roberto Carlos

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
 As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 Bill Adler, Cynthia Wood e Dennis Bowen
FEBRE DE VIVER
 um filme de William Sachs (colorido)
 Int. men. 13 anos

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
 As 14, 16.30, 19 e 21.30
 Para todos
 Walt Disney Productions apresenta
A GATA BORRALHEIRA
 Falado em português - Technicolor

CASTIL 530194

Rua Castilho
 As 15.30, 18.30 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
 Na tradição dos melhores filmes de Walt Disney, uma aventura fascinante para o início das suas férias!
«UMA FAMÍLIA NA FLORESTA»
 Um filme de Stewart Raffill

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses

CINE 222 579460

Av. Pr. de Vitor., 37 (Ao Saldanha)
 As 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
 5 Óscar da Academia
 15.ª semana de êxito
 As 23.45 N. acons. m. 18 anos
VIVE E DEIXA MORRER

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
 As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
 Int. men. 18 anos
 Quando elas investigam... é a fundo
INVESTIGAÇÕES SEXUAIS
 Pornográfico Hard Core
 As 24 horas Não acons. m. 13 anos
O 7.º CONTINENTE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
 As 14.15, 16.30 e 18.45
 Não acons. m. 18 anos
 Um filme de Zordan Zafranovic
OCUPAÇÃO EM 26 IMAGENS
 C/Franco Lasic e Boris Kralj
 As 24 - Não acons. m. 13 anos
AMIGOS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
 As 14.15, 16.30 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
ASAS DA ÁGUA
 Um filme de Anthony Harvey
 C/Martin Sheen e San Waterston

CITY CINE 579460

Rua Tomás Ribeiro, 34
 As 15, 18 e 21.15
 Int. menores 13 anos
NASHVILLE
 Um dos melhores filmes de Robert Altman
 C/David Arkin e Barbara Baxley
 As 23.45
A HERDEIRA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
 As 14, 16.30, 19 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
 Dinâmicos de morrer a rir...
OS QUATRO DA VIDA AIRADA
 C/Denis Christopher e Daniel Stern

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
 As 15.00 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
E TUDO O VENTO LEVOU
 Atenção o filme começa à hora do espectáculo

D. JOÃO V 971794

Pr. Centro Comercial - Damala
 As 21.30 Não acons. m. 18 anos
AMITYVILLE - A MANSÃO DO DIABO
 Um filme de Stuart Rosenberg
 C/James Brolin e Margot Kidder

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
 As 14, 16.30, 19 e 21.30
 Int. men. 13 anos
 Bill Adler Cynthia Wood e Dennis Bowen
FEBRE DE VIVER
 Um filme de William Sachs (colorido)
 2.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
 As 15.30, 18.30 e 21.30
A ÚLTIMA LOUCURA
 de Mel Brooks com Liza Minnelli, Paul Newman
 a melhor comédia dos últimos 50 anos

ESTÚDIO 444 779095

As 15.30, 18.30 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
 Uma aventura fascinante para o início das suas férias
 Na tradição dos melhores filmes de Walt Disney
UMA FAMÍLIA NA FLORESTA
 C/Robert F.Flogane Susan Damante Shaw

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
 As 15.15 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
SOMOS TODOS VEJETAS
 C/Leslie Caron e Remi Laurent

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
 As 15.15, 18.30 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
 Apesar de tímido e solitário era um verdadeiro mestre do crime
O OFÍCIO DE MATAR
 C/Alain Delon, François Perier

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
 As 14, 16.30, 19 e 21.30
 Int. men. 18 anos
DE ROSE
 c/Bette Midler e Alan Bates
 2.ª Semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
 As 15.15, 18.15 e 21.45
 Não acons. m. 18 anos
THE GETAWAY - TIRO DE ESCAPE
 Steve McQueen e Ali McGaraw
 Na noite, projecção do filme 5 minutos após o início da sessão
 2.ª Semana

MONTECARLO 538743

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
 Com parque de estacionamento
 As 15.30, 18.30 e 21.30
 Int. men. 13 anos
O COMBOIO DOS VALENTES
 um filme de Peter Carter
 C/Peter Fonda, Helen Shaver e Jerry Reed

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
 As 15 e 21
 Atenção: o filme começa à hora do espectáculo!

E TUDO O VENTO LEVOU
 Com Clark Gable, Vivien Leigh e Leslie Howard
 não acons. m. 13 anos
 4.ª Semana
 em 70 mm

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
 As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
O CASAL PERFEITO
 Um filme de Robert Altman, c/Paul Dooley e Maria Heflin
 A irreverente e genial comédia de Robert Altman
 2.ª Semana

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7
 As 15.15 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
 Uma incrível aventura!
O COSMONAUTA PERDIDO
 C/Bruce Dern e Cliff Potts

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20
 As 15.15, 18.15 e 21.30
 Int. men. 18 anos
A VINGANÇA DE BILL KIOWA
 Bud Spencer
 Explosivo como nunca

PATHE 821933

R. Francisco Metrass, 122
 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
TRINTA - COW-BOY INSOLENTE
 C/Terence Hill e Bud Spencer
 Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
 As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 Não acons. m. 18 anos
UM HOMEM A MAIS
 Divirta-se!! Vejam como eles tentam eliminar

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 16
SALA 1 - 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
O SEGREDO DE FEDORA
SALA 2 - 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
OS 4 DA VIDA AIRADA
SALA 3 - 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
A SOMBRA DO DUPLO AMANTE
SALA 4 - 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
O EXPRESSO DA MEIA NOITE

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
 As 15.30 e 21.30
 Não acons. m. 18 anos
 O maior império da história do crime!
NA SELVA DE CHICAGO
 C/Pamela Sue Martine Robert Conrad
 Em 4.ª semana

ROMA 887778

Av. de Roma, Lte JRB
 As 15.30, 18.30 e 21.30
 Int. menores 18 anos
 Montgomery Ford e Bud Spencer
A VINGANÇA DE BILL KIOWA
 Um «western» explosivo, em estreia!
 Venha mais cedo e aprecie «SINHAZINHA FLO» no nosso aparelho instalado junto ao bar

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
 Últimas às 14.15, 16.30 e 18.45 e 21.30
 Int. men. 13 anos
COMBOIO DOS VALENTES
 A grande aventura dos homens da estrada

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
 As 15.15, 18.15 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
 4 «Oscars»! Filme de qualidade
ANNIE HALL
 De Woody Allen
 c/Woody Allen e Diane Keaton
 Em 2.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
 Atenção ao hor. especial para este programa
 4 sessões: 14, 16.30, 19, 21.45
 inter. men. 18 anos
A PROCURA DE UM HOMEM
 Diane Keaton
 projecção do filme 5 minutos após o início das sessões
 7.ª semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
 As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
 É a comédia da Década
CORAGEM, FUJAMOS!
 c/ Jean Rochefort e Catherine Deneuve

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
 As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
 Não acons. m. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
 Dustin Hoffman, Mery Streep
 e Justin Henry
 16.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade 188
 As 14, 16.30, 19 e 21.30
 Para todos
 Walt Disney Productions apresenta
UM ASTRONAUTA NA CORTE DO REI ARTUR
 C/Dennis Dugan, Jim Dale, Ron Moody e Kenneth More

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
 As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 Int. men. 13 anos
 Uma comédia italiana! Assim
NEGÓCIO ESCALDANTE
 C/Giovanna Ralli e Stefano Satta Flores

Você quer saber
 quanto lhe custaria
 este espaço
 no «Diário de Lisboa»
 Faça-nos a pergunta
 pelo telefone n.º 36 87 40



PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade: **RUA LUZ SORIANO, 44**
1200 LISBOA
Telefones 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade - 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho 185-1 - 1100 LISBOA
Telefones 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro - 321154
Redacção 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Almada 30-2º
Telefones 20954/5 4060 PORTO

Conselho de Redacção da RDP

Um despacho normativo emanado da Secretaria de Estado da Comunicação Social e publicado no «Diário da República» de hoje determina que, «enquanto não vigorarem normas especialmente aplicáveis ao conselho de redacção da Radiodifusão Portuguesa, E.P., por analogia se aplique nesta empresa o que na Lei n.º 75/79, de 29 de Novembro, se dispõe relativamente ao conselho de redacção da Rádio-televisão Portuguesa».

Oitenta e cinco contos é o máximo

O Conselho de Ministros, de acordo com uma resolução publicada na folha oficial de hoje, decidiu fixar em 85.000\$00 o salário máximo para efeitos da determinação de remuneração dos gestores públicos, com efeitos a partir de 1 do corrente.

A questão dos pescadores da Mauritânia Chantagem do Governo?

«Isto é uma chantagem à economia nacional, é um «lockout» como foi em 1978 e 1979 por parte do Governo Mota Pinto e deste mesmo secretário de Estado. Nessa altura parou os navios onze meses e agora faz a mesma coisa. Deixou as empresas estranguladas e agora que estavam a recuperar da situação em que as deixou novamente lhes faz um ataque cerrado, às empresas nacionalizadas».

Estas acusações são de um elemento do Sindicato Livre dos Pescadores que contraria frontalmente toda a frágil argumentação do Governo quanto às negociações com a Mauritânia.

Com efeito o Sindicato Livre dos Pescadores argumenta que o Governo sabia desde Janeiro de 1980 aquilo que a Mauritânia queria e que este país deu todas as possibilidades ao Governo português para durante seis meses discutir o acordo de pesca mas avisaram que, se ao fim desse prazo Portugal não tivesse os navios integrados numa sociedade mista não poderiam pescar senão mediante novo acordo e novas condições.

«O Governo - acusa o mesmo porta-voz do Sindicato Livre dos Pescadores - não fez negociações nenhuma e a dez dias do

termo do prazo é que mandou uma delegação para a Mauritânia mas sem quaisquer poderes de decisão, porque já sabia que o que os mauritanos queriam eram sociedades mistas».

Manuel Marques, o dirigente sindical cujas declarações estamos a citar, salientou que o problema podia ter sido facilmente ultrapassado desde que o Governo português integrasse os navios sob a forma de fretamento numa sociedade mista que já temos na Mauritânia. Se tal tivesse acontecido os pescadores continuariam a pescar e a manter os seus postos de trabalho.

Mas por muito grande que seja a inépcia de um Governo poderá chegar a estes limites sem que se desencadeiem mecanismos de correcção que evitem situações como a que vivem agora milhares de pescadores?

Na opinião do sindicato isto destina-se, além de destruir as empresas nacionalizadas, a facilitar a vida aos grandes intermediários, que têm as câmaras frigoríficas cheias de peixe e aguardam esta paragem para o colocar no mercado a preços exorbitantes.

Pilotos contra Proposta de solução da crise aprovada por vinte sindicatos

As Direcções dos Sindicatos representativos do pessoal da TAP estiveram reunidas até esta manhã numa sessão maratona de 40 horas finda a qual tinha sido aprovada uma proposta - síntese a apresentar ao Ministério dos Transportes para o desbloqueamento da situação de crise em que mergulhou a transportadora aérea nacional. Essa proposta teria como contrapartida, da parte do Governo a não assinatura do despacho conjunto previsto para a aplicação da declaração em «situação económica difícil».

A proposta foi assinada por 20 direcções sindicais, mas não colheu o apoio do SPAG (Sindicato dos Pilotos), SITEMA (técnicos de manutenção) e STVAC (técnicos de voo). Estes dois últimos sindicatos não apresentam objecções ao conteúdo da proposta mas as suas direcções não estavam mandatadas para o assinar se não fosse igualmente aceite pelo SPAC. Reuniões plenárias dos dois sindicatos principiaram ao fim da manhã de hoje para marcar posição definitiva do SITEMA e do STVAC perante o documento - síntese patrocinado pela Comissão Negociadora Sindical da TAP.

O acordo dos sindicatos foi feito à base de duas grandes linhas de orientação: levantamento das greves em curso ou já marcadas para negociações directas com o Conselho de Gerência sobre o clausulado geral (incluindo salários) do novo Acordo Colectivo de Trabalho. Caso não seja obtido acordo com o CG até 30 de Setembro os Sindicatos signatários aceitarão a via arbitral para a resolu-

ção do conflito nas cláusulas entretanto não acordadas.

A proposta aceite por 20 direcções sindicais fica, no entanto prejudicada caso o SPAC não aceite o seu pressuposto que é o levantamento imediato da greve. Mas os pilotos condicionam o fim da greve e até a sua suspensão, ao cumprimento pelo Governo

congelamento do direito à greve por três anos - com possibilidade de prorrogação por mais dois - para a estabilização da companhia. Mas isso só depois de atendidas as suas controvertidas reivindicações que estão, aliás, no centro do conflito. A proposta foi rejeitada e a Direcção do SPAC retirou-se, pedindo

tenções manifestada pelo Governo.

PS apela à opinião pública

O Partido Socialista voltou a tomar posição perante a greve dos pilotos e a declaração da TAP, pelo Governo, como empresa em situação económica difícil.

normal, os principais responsáveis da greve», os pilotos.

«Antes toma» - prossegue - um vasto conjunto de medidas directamente dirigidas contra a generalidade dos trabalhadores da TAP, que não está em greve nem apoia a greve dos pilotos».

O comunicado termina, apelando à opinião pública «para que reaja prontamente à manobra em curso antes que a AD logre consumir os seus objectivos antipatrióticos».

Também a Força de Unidade Popular (FUP) acusou, segunda-feira, o Governo de pretender desmantelar a TAP e «entregar a sua parte mais lucrativa ao capital privado».

Para esta acção - diz o comunicado da FUP - o Governo terá sido «pressionado pelo CDS» e terá agido em complicitade com os pilotos da empresa.

Para a FUP, este conflito «Mostra bem como a AD, se ganhasse as próximas eleições entregaria as empresas nacionalizadas ao saque dos grandes capitalistas».

Entretanto, um avião Boeing-727 da companhia aérea inglesa Britania reforça a parte de hoje, as ligações aéreas entre Lisboa e Funchal e vice-versa.

O aparelho que foi fretado pelo executivo madeirense, efectuará até quarta-feira cinco ligações no sentido Lisboa - Funchal e quatro Funchal - Lisboa.

Com este fretamento eleva-se para dois o número de aviões que fazem os voos entre a Região Autónoma e o continente.

Pilotos acusados de suborno e contrabando

Segundo o «Jornal de Notícias» do Porto, ter-se-ia verificado um suborno de alguns pilotos da TAP, por parte da multinacional Mc Donnell-Douglas, fabricantes dos «DC-10», com o objectivo de impedir a aquisição dos aviões da Lockheed. Este suborno teria sido utilizado pelos pilotos, no financiamento do SPAC para desencadear a luta agora decorrente.

Com efeito parece que foram enviados pela Mc Donnell-Douglas 40 milhões de dólares (cerca de 20 mil contos) para Portugal. Esta quantia, segundo o «JN» poderá ter tido três destinos: os cofres do SPAC, os bolsos de

alguns elementos da Direcção do Sindicato ou terá sido introduzido através da empresa «Comando, SARL» - Investimento Comércio e Imobiliário.

Entretanto o «Correio da Manhã» de ontem referia que a sociedade de pilotos «Comando, SARL», manteve em tempos negociações para abrir uma boite em Lisboa, perto da Avenida de Roma, abertura facilitada pelo contrabando de bebidas, por parte de alguns pilotos. Como a projectada boite não se concretizou, pelo menos até ao momento, as garrafas estão armazenadas na marquise de um prédio do Campo Pequeno. Ainda segundo o

«Correio da Manhã» parece admitir-se a existência em Lisboa de um armazém contendo outro tipo de material, contrabandeado, pelos pilotos, nomeadamente canetas e televisões.

Contactado o SPAC esta manhã, foi-nos informado por um membro da sua direcção, que as notícias que correm de um eventual suborno de alguns pilotos, serem falsas e integrarem-se numa campanha com o objectivo de desacreditar a luta dos pilotos da TAP. Adiantou-nos ainda que os pilotos sempre se opuseram à compra de aviões à multinacional Mc Donnell-Douglas.

para lhe ser comunicado que entretanto os demais sindicatos aprovavam.

Fez-se isso e aguarda-se agora uma posição definitiva, tal como se aguarda a posição do

SITEMA e do STVAC para, depois se apresentar ao ministro dos Transportes a contraproposta dos trabalhadores às in-

Classificando de «desvergonha» a decisão governamental, os socialistas consideram que esta medida corresponde a uma «tentativa de destruição» da empresa, «que permita a sua privatização a retalho».

O comunicado considera «curioso» mas «significativo» que o projectado despacho governamental não vise, «como seria

Nota oficiosa do MNE

Governo condenou invasão de Angola

Uma nota oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros esclarece qual têm sido as mais recentes posições de Portugal sobre a invasão de Angola por tropas sul-africanas. Esta nota aparenta ser uma resposta a declarações do embaixador da RPA em Lisboa que recentemente criticou o silêncio das autoridades portuguesas.

De acordo com a lei transcrevemos na íntegra a referida nota oficiosa:

«1 - Portugal sempre condenou e condena as violações do Direito Internacional, designadamente as que se traduzem no uso da violência com intromissão de um Estado no território ou nos assuntos internos de outro Estado soberano.

2 - Por isso o nosso país sempre tem reprovado com a maior clareza, nas Nações Unidas e fora delas, as incursões militares realizadas pela República da África do Sul no território de Angola.

3 - Quando começou a actual fase de novas incursões sul-africanas em Angola, o Governo português tomou uma posição muito firme de condenação, no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, onde o representante de Portugal declarou, no dia 27 de Junho findo, o seguinte:

«Uma vez mais Angola acaba de ser alvo de uma muito grave incursão por parte das forças armadas sul-africanas.

«Em vista dos laços históricos existentes entre os nossos dois países, e da amizade que liga os nossos povos, a delegação portuguesa faltaria ao seu dever se não juntasse imediatamente a sua voz à daqueles que já exprimiram a sua solidariedade com o Governo e o povo de Angola neste tão grave momento.

«A delegação portuguesa lamenta a trágica perda de vidas humanas resultante destes ataques, e por ela exprime às famílias das vítimas - bem como ao

Governo e ao povo de Angola - as suas mais sentidas condolências.

«O clima de violência da África Austral tem de cessar. A esperança da comunidade internacional foi recentemente reforçada pela solução de alguns conflitos naquela área e pelos aparentemente importantes progressos conseguidos em relação a outros. Esperemos assim que esta incursão seja o último reflexo de um ciclo de violência, prestes a chegar ao seu termo e não o início de um outro.

«A delegação portuguesa uma vez mais deseja aqui reiterar enfaticamente ser imperioso que acabem de vez todos os actos de agressão cometidos através de fronteiras internacionalmente reconhecidas.

«Dirigimos à África do Sul um apelo para que imediatamente retire as suas forças do solo angolano, e ponha definitivamente termo às acções desta natureza, dando assim testemunho do res-

peito que deve à soberania e integridade territorial de Angola».

4 - No dia 28 de Junho, a resolução que condenou a recente incursão militar sul-africana em Angola foi aprovada no Conselho de Segurança da ONU com o voto favorável de Portugal, apesar da abstenção de várias potências ocidentais. No final da reunião, o representante de Angola agradeceu ao representante de Portugal a nossa intervenção no debate, bem como o nosso voto.

5 - A posição do Governo português está, pois, bem definida, sendo de estranhar quaisquer declarações em contrário».

(Hoje 32 páginas)

1 SEMANA EM ATENAS

PARTIDAS AOS DOMINGOS

Junho	1, 5, 8, 22
Julho	6, 13, 20, 27
Agosto	3, 10, 17, 24, 31
Setembro	7, 14, 21, 28
Outubro	5, 12, 19

INCLUINDO: Avião, Hotel 1.ª, transportes em terra, visita da cidade e assistência Delegado **abreu**

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA	Av. da Liberdade, 160	Telex 371341
PORTO	Av. dos Aliados, 207	Telex 317921
COIMBRA	Rua da Sola, 2	Telex 270117
FARO	Av. da República, 124	Telex 250356
FUNCHAL	Rua do Górgulho, 1	Telex 310778

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

MOBÍLIAS USADAS

ACEITAM-SE POR TROCA

DE NOVAS E FACILITAMOS O RESTANTE PAGAMENTO

ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 35 — TELEF. 83 21 61
(Defronte da Igreja dos Anjos)

EXTERNATO ACRÓPOLE

RUA DAS CHAGAS, 16 — TEL. 32 74 09 (Ao Chiado)

ANO LECTIVO 1980/81

- CURSO SUPLETIVO DE 1 ANO - PREPARATÓRIO (c/Parelismo Pedagógico)
- CURSO GERAL NOCTURNO
- CURSO COMPLEMENTAR
- APOIO AO 11.º E 12.º ANOS

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

5.º ANO

LISBOA—SABADO, 10 DE OUTUBRO DE 1925

N.º 1382

Diario de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO (Rua da Rosa, 57, 2.º)

Telefone: 1479 G.

Endereço Telegrafico: DIBDA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES (Direcção: T. 196)

Redacção: T. 210

Endereço telegrafico: DIBDA

A NOITE passada rebentou uma bomba junto á residência do sr. vereador Freire da Cruz.

Houve simplesmente estragos materiais—dizem os jornaes.

Os estragos moraes não se vêem, mas nem por isso deixam de ser grandes—tão grandes que muitas pessoas, que se julgam na posse de princípios e verdades solidos, nem sequer dão por eles.

Quando uma sociedade perde o instinto da propria defeza, os bons sentimentos—pacificos, honestos e humanos—resguardam-se e acautelam-se, como fazem os coelhos quando apresentam os caçadores.

* * *

E' JÁ assento que o sr. general Vieira da Rocha, indefere o requerimento do sr. general Ilharco. Não fica, porém, arrumado o caso, ao que se diz.

Antes, é voz corrente que os outros generais, entre os quais, com uma acção decisiva, se conta o sr. Sousa Rosa, se solidarisam com a attitude do seu colega Ilharco, por uma questão de pundonor de classe e por reputarem ilegal e injusto o castigo que atingiu o antigo Chanceler da Ordem de Cristo.

* * *

FOI mandado seguir para o Funchal o cruzador «Vasco da Gama», a fim de prestar as devidas honras a Sua Alteza o Principe de Galis, que chega áquella porto no dia 13 do corrente, a bordo do cruzador «Repulse».

O «Vasco da Gama», logo que chegue ao Tejo, passará a meio armamento, ficando, contudo, como navio chefe do porto para os serviços de cumprimentos e salvas.

* * *

PASSA amanhã o terceiro aniversario da magnifica revista *De Teatro*, que é dirigida por Mario Duarte e Pereira de Carvalho, duas intelligencias que têm realizado uma bela obra, naquella interessante *magazine*.

A *De Teatro* oferece amanhã em Sintra um almoço aos seus colaboradores, que assistirão á inauguração de uma lapide com o nome do José Ricardo, numa das ruas daquela vila.

* * *

A SECRETARIA da Guerra forneceu aos representantes da imprensa a seguinte nota officiosa: «O ministro da Guerra officiou ao do Justico, pedindo que lhe seja enviada a lista triplice dos candidatos legais, para preenchimento duma vaga de auditor dos tribunais militares».

* * *

O SR. ministro de Cuba, acompanhado do pessoal da legação e do major sr. Esmeraldo Carvalhal, como delegado do ministerio da guerra, vai amanhã á Batalha, visitar o tumulo do soldado desconhecido.

* * *

REALISA-SE amanhã, pelas 14 horas, no Gimnasio do Liceu Gil Vicente, ao Campo de Santa Clara, um comicio de propaganda eleitoral, em que devem usar da palavra, além doutros oradores, os seguintes srs.: dr. Veiga Simões, dr. Orlando Marçal, dr. José Pinto de Macedo, dr. Gonçalo Casimiro, major Rosa Ventura, Martins Junior, Arnaldo de Carvalho, Cezar da Silva e Eugenio Vieira.

A este comicio outros se seguirão, nos gimnasios de varios liceus de Lisboa, cuja cadencia a Comissão de Propaganda do P. R. R. espera obter do sr. ministro da Instrução Publica.

A DESCOBERTA DO PAIZ

A unica parte de Portugal razoavelmente conhecida pelos nacionais e pelos aspirantes... a finanças é Lisboa.

Esta cidade, situada á beira do Tejo, a poucos quilometros do Oceano—Oh caminho da India, terras do Brasil!—não é hoje uma cidade fluvial e maritima, como dantes afirmavam os nossos navegadores e os cronistas navais.

O pais inteiro caminha para Lisboa, não com a ideia de embarcar-se para Ceuta ou para Gôa—amarragens dos sonhos dos nossos avós—mas sim com a ideia moderna e parasita de comer um jantar no Tavares, depois de inscrever-se no album das glorias nacionais e orçamentivas.

Todos os portugueses, com um curso ou com um discurso nos labios, olham para Lisboa que se pode ver a olho nũ das cidades e aldeias das nossas provincias, desde que os mirones tenham lido alguns folhetins de aventuras e creiam que o *Diario do Governo* foi fundado por Moysés, quando ia para a Terra da Promissão.

De Lisboa é que é muito difficil avistar as serras da Beira, as planicies cerealíferas do Alentejo, o vale do Douro, as lezírias e a Serra de Monchique.

O país, sobretudo, contemplado do Terreiro do Paço, não oferece relevo, nem expressão—é uma gleba cinzenta de que se extrai o imposto que serve para aquecer as convicções dos homens prudentes e irritar os sujeitos cuja vadiagem intellectual ou moral os leva a abraçar ideias revolucionarias para satisfazer appetites reaccionarios.

O voto do eleitor provinciano é tambem uma contribuição devida pelo grande beneficio que a Constituição lhe concedeu, encarregando-o de não ter uma opinião ou aceitar a opinião dos outros.

Os candidatos a deputados e senadores são na sua maioria individuos que, quanto mais avançam para o circulo que os ha de eleger, mais falam em Camões e Vasco da Gama.

Uma vez perguntaram a um mancebo, desenvolto de lingua e sempre pronto a enrouquecer-se na celebração dos nossos barões illustres, por que motivo ele se servia de nomes tão fóra do materialismo da nossa epoca, a fim de conquistar os favores do povo.

A sua resposta foi esta:

—«Embora Vasco da Gama ou Camões nunca tivessem a dita de apreciar o nosso parlamento, eu gosto de me colocar sob a sua protecção, invocando-os nos meus discursos, porque assim os eleitores mostram-se mais animosos e eu dou ás minhas mentiras um ar nobre que não é incompativel com alguns propositos de emenda que ainda me restam».

Este exemplo mostra-nos que as eleições são para a provincia uma maneira feliz e indirecta de conhecer a historia de Portugal e os progressos da arte de furtar... votos.

Titus

NA IGREJA



—Louvado seja Deus! Nem aqui ha agua.

O "DIARIO DE LISBOA,"

O

trabalho nos mercados

para a festa dos dias 17 e 18

Já principiam nos mercados os trabalhos de electricidade e decoração para as Festas dos Mercados.

As comissões dos mercados trabalham entusiasmaticamente.

Uma certa apatia—devemos confessar-le—que no principio se notava, não se desfez, como se converteu no mais franco e imprevisto entusiasmo.

Estão trabalhando

com a comissão, vereadores, mesmo os que não fazem parte da comissão, altos funcionarios municipais, artistas, engenheiros, escriptores, juntas de freguesia, junta geral do distrito, enfim, pessoas de situação e de boa vontade que, compreendendo o desinteresse e a elevação das festas, para elles concorrem com o maior entusiasmo.

Premios! Premios!

A população dos mercados e as Rainhas terão lindas e valiosas recompensas

Os premios que a comissão já tem em seu poder ou está recolhendo são, como temos dito:

Grande Premio da Camara Municipal. Premios: Presidente da Republica, Governador Civil, Ministro do Comercio, Ministro da Agricultura, Junta Geral do Distrito, Associação Commercial de Lisboa, Associação Commercial dos Lojistas, Companhia do Mercado da Praça da Figueira, «Diario de Noticias», «Seculo», «Diario de Lisboa», etc.

Ha a acrescentar hoje o

Premio «Diario da Tarde»

com que concorre o nosso prezado colega vespertino. A comissão espera ainda alguns premios officiaes.

Os premios do Comercio

A comissão começa agora a recolher os premios do comercio de Lisboa. E já pode anunciar hoje magnificos, valiosos premios de arte e de utilidade, dos seguintes estabelecimentos comerciais:

Joalheria Leitão & Irmão
Joalheria Cunha, Limitada
Joalheria Raul Pereira & C.º

cujos premios são qualquer coisa de notavel e oportunamente se exporão. Outras joalherias e ourivesarias, com as quais a comissão ainda não se pôde avistar, já comunicaram a sua colaboração.

Por outro lado, a comissão anuncia hoje os premios das casas, segundo a ordem da sua inscrição:

Armazens Grandella
Armazens do Chiado
Edu. de Martins & C.º
Ramiro Leão
O Ultimo Figurino (Chiado)
Antiga Casa Alexandre
David & David
Casa Havana
Armazens Azevedo
A. Fonseca Limitada
La Bonbonnière
Fabrica de Encerados de João Ferreira Gomes

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

concurso DL

concurso DL

concurso DL

HISTORIA DUMA REVOLUÇÃO VENCIDA

Foi posto

hoje á venda
o livro de Botelho Moniz
sobre o dezoito de Abril

O 18 de Abril—movimento militar que apaixonou todo o país e levou ao banco dos reus alguns dos nossos oficiais mais prestiosos—continua ainda hoje a ser um mistério—apesar do muito que se disse e se insinuou durante os julgamentos da Sala do Risco.

* * *

O tenente Jorge Botelho Moniz—ajudante de Sizenio Pais desde a noite de 5 de dezembro de 1917 até à de 14 de dezembro de 1918, director de diário «A Situação» e um dos mais bravos e dedicados defensores da aspiração sidonista, tomou parte no 18 de Abril—na preparação do movimento e na luta. E, na ansia de esclarecer as origens e os detalhes dessa grave convulsão, fez um livro—um livro que a casa Ventura Abrantes pôs hoje á venda.

* * *

Intitula-se a obra de primeiro ditador das Substancias «O 18 de Abril» (Elementos para a historia duma revolução vencida) e é dedicada «a Homem Cristo, o mais vigoroso jornalista português, e a Gustavo Le Bon, o maior pensador latino».

Numa das primeiras páginas ha uma «Advertencia», escrita em termos duma rara violencia, que termina assim:

«Não tenho medo. E se «eles» se julgarem injustamente atacados por este meu livro, que venham fazer-me o mesmo. De aqui os desafios, torça de assassinos».

* * *

A primeira parte do livro—«A revolta das almas»—é destinada á «justificação da oportunidade do movimento revolucionario».

Conta Jorge Botelho Moniz, a sua acção politica desde o 5 de Dezembro; o assalto a Monsanto—«contra estudantes de carnaval saio»:

«Nunca vi tanta indecência, tanta desordem e tanta indisciplina, como do lado de cá, nesses dois memoráveis dias. Contos largos, larguíssimos».

* * *

Propriamente sobre o 18 de Abril, afirma que na tarde de 16 desse mês, seu irmão Julio o encontrou no escritorio:

«Palavra pucha palavra, conversei sobre isto e sobre aquilo, e no final, muito confidencialmente, ele que é rapaz de poucas falas, contou-me o que sabia do movimento militar que sairia para a rua na madrugada do dia seguinte. Cai das nuvens, tão estranho andava aos sucessos politicos. E ele continuou. Havia ligações garantidas com a grande maioria das unidades de Lisboa. O grupo a cavalo, o batalhão de sapadores de caminhos de ferro, o grupo de metralhadoras e telegrafistas de campanha, estavam certos. O batalhão de 16, excepto o comandante... era de confiança e estava comprometido.

«Em cavalaria 2, infantaria 2 e artilharia 3 havia varios oficiais aliciados. A guarda republicana achava-se falada: certo o batalhão de Campolide, certo o segundo comandante interior, tenente-coronel Cortez. Poucas unidades faltariam, e essas certamente não queriam combater-nos.

«Não me convidava para a revolta. Pedia-me, simplesmente, para eu lhe emprestar o meu automovel, guiado por pessoa de confiança para serviço de esclarecedor, e, possivelmente, afim de conduzir o general comandante da divisão que se deixaria prender, fingido não aderir á revolta, mas não a hostilizando. A isso se comprometera com o delegado dos revoltosos».

* * *

Botelho Moniz descreve o que se passou na Rotunda, desde a eclosão do movimento á rendição. Diz que nesta terra tudo conspira e que «Portugal é um grande moribundo: morre envenenado na esterqueira da politica».

Critica a situação do nosso Exército, citando depoimentos de varios generais, e apontando os seguintes defeitos como os principais:

«Maternamente: Carencia absoluta de armamento, fardamentos, equipamentos, munições, cavalos e viaturas. Falta de material de instrução. Carencia de aquartelamentos em locais apropriados á disciplina e á instrução. Insuficiencia das verbas destinadas á conservação do pouco material existente. Desorganização dos quadros, gastos excessivos com uma super-abundancia de officiais que nada fazem, promoções sem razão de ser, insuficiencias de vencimentos e gratificações, etc.

«Moralmente: A mais completa indisciplina mental, realizada pelas constantes anistias, que transformam o crime de deserção numa comodidade corrente. Falta de camaradagem. Espirito de delação. Politica. Indisciplina nas casernas. Covardia moral, que impede cada qual de manifestar claramente aquilo que no intimo sente. Comodismo. Ausencia de vontade de trabalhar. Falta de confiança nos chefes. Carencia de coragem para resistir ás dificuldades aparecidas na execução do serviço».

A segunda parte, intitulada «A Revolta nas Ruas», historia largamente a preparação e a eclosão do 18 de abril, fazendo curiosas revelações.

O COMITÉ DE DEFEZA DA REPUBLICA

O general

Sá Cardoso

abandonou definitivamente
o exercito e a politica

O sr. dr. Pestana Junior, passeava, em cabelo, no recatado jardim da sua residencia, quando a creada, que veio abrir-nos a porta, nos declarou que o illustre politico da esquerda democratica havia sahido minutos antes. O que nos valeu foi avistarmos-lo ao fundo—e, contra a declaração da creada, resolvemos entrar.

—Sr. doutor: impõe-se uma entrevista sobre o «comité» de defesa da Republica.

—Mas, creia que não tenho nada a declarar.

—As deserções...

—Effectivamente alguns elementos deixaram de fazer parte do «comité». Mas outros elementos virão. O «comité» reorganizar-se-ha dentro de poucos dias.

—Com que elementos poderá contar?

—Não sei ainda. Todavia, pode afirmar que farão parte d'ele velhos republicanos—figuras prestigiosas do regimen, ha muitos anos afastado das lides politicas por reconhecerem que não foi esta a Republica que eles sonharam.

—Ainda a proposito de deserções, como interpreta a attitude assumida pelo general Sá Cardoso?

—Lamento que o sr. general Sá Cardoso tenha levado os seus melindres até este ponto, mas não deixo de reconhecer, na sua attitude, uma certa coerencia de principios. O sr. general Sá Cardoso sentiu-se profundamente maguado com os boatos que circulavam a seu respeito, depois do julgamento de 18 de abril, boatos que afirmavam que ele havia sido «empalmado» pela esquerda democratica—com intuitos de ser levado a efeito um movimento revolucionario—quando é certo que ele se havia oferecido ao governo, como fazendo parte do «comité» de defesa da Republica, para combater os elementos abertistas, que, segundo informação, recebida no «Mundo», do Ministerio do Interior, preparavam um novo movimento. O movimento não saiu e, no dia seguinte, o governo desmentia que tivesse tido entendimentos com o «comité».

—Mas isso bastava para que ele pedisse a demissão de official do exercito?

—O sr. general Sá Cardoso é juiz dos seus actos. Temos que considerar que a sua vontade é inflexivel. Ele declarou parentericamente ao ministro da Guerra que desejava ser passado á reserva. Ponderando-lhe o ministro da guerra que isso implicava com a politica geral do gabinete, sendo necessario comunicar o caso ao presidente do ministerio, o sr. general Sá Cardoso respondeu que estava ao abrigo das disposições da lei do Exército, visto contar 60 anos de idade e 35 de serviço. Além disso que não desejava ter nada com o sr. dr. Domingos Pereira. Como vê, resoluções destas nunca podem ser feitas levianamente. São seriamente pensadas e resolvidas.

—Um general e um politico a menos...

—E' verdade. O sr. general Sá Cardoso deseja manter-se num completo alheamento de tudo. Já esperas o sr. dr. Alvaro de Castro—e será esse o seu ultimo gesto de caracter politico. Declarou até cortar relações com quem lhe fale em politica—a partir desse momento decisivo da sua vida.

—E a attitude dos socialistas? Declararam ha dias que nunca fizeram parte do «comité».

—Effectivamente o «comité» não era constituído por representantes officiais dos varios agrupamentos politicos. O «comité» foi improvisado a uma mesa de café, depois de ser lida, na Sala do Risco, a sentença absolutoria... Dois ou três republicanos expandiram, nesse momento, a sua exaltação republicana. Isto vai mal, isto não pôde continuar assim, é preciso pôr barreiras a este descalabro, foram desabafos que levaram meia duzia de criaturas, entre elas Malva do Vale, Amancio de Alpoim, Sá Cardoso, Leão Azêdo e eu, á constituição do referido «comité». Como vê, nada de caracter official—nada que implicasse com as directrizes dos Directorios de cada um dos partidos da Republica.

—E os radicais?

—Tenho a impressão de que os radicais ficarão no «comité». O dr. Miguel de Abreu abandonou-o, mas abandonou tambem as fileiras do partido a que pertencia—por consequente...

Para terminar:

—Que pensa do acto eleitoral?

—Olhe: é convicção de todo o país que este governo cairá antes de ele se realizar. Effectivamente ninguém se mexe, ninguém pensa em fazer propaganda. Elementos vindos da provincia dizem que o marasmo é absoluto. Se termos muitos ou poucos votos—não me interessa demasiado. O que me interessa é que tenhamos, assentes em bases solidas, os nossos principios. Grupos de ideias definidas—o futuro será muito melhor do que o presente.

Foi mais uma vez preso
o revolucionario Plinio Cardoso

Ontem de tarde foi preso, na rua Barão de Sabrosa, o conhecido revolucionario civil e fiscal do ministerio da Agricultura, Plinio Armando Cardoso, acusado de dar vivas á Monarquia.

Conduzido para a esquadra do Alto do Pinheiro ali vivas á Revolução Social, averiguando-se que o Plinio se encontrava embriagado. Não lhe valeu, porém, de nada esse facto, sendo removido para o Governo Civil.

O «Orfeon de Lisboa»
sae amanhã do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 8. — O Orfeon Académico de Lisboa parte amanhã, a bordo do «Aurigny», estando-lhe preparada uma grande despedida.

Ontem realizou uma grande festa de despedida no Gabinete Português de Leitura. Os estudantes foram afluídos com delirio.

A' noite, levaram a efeito um espectáculo no Teatro Republica em benefício da «Sociedade de Beneficencia Portuguesa».

O successo foi enorme, succedendo-se as aclamações a Portugal e aos orfeonistas —(A.)

É TÃO GIRO TER UM MINI! uma certa maneira de dizer que só o MINI é MINI

A genial concepção do MINI conferiu-lhe uma personalidade cujo poder de atracção não desaparece. "É tão giro ter um Mini" é uma frase simples (com equivalentes noutras linguas) que traduz o que milhões de condutores sentem ao ter o prazer de o guiar. A sua maneabilidade, a economia, a pioneira colocação transversal do motor, e a segurança da tracção á frente fizeram escola. Em equipamento, o Mini 1000 renova-se: tem bancos reclináveis e duplo circuito de travagem. O Mini 1000 Special possui ainda tejadilho forrado a "vinyl", painel de instrumentos em madeira e tampões de rodas desportivos.

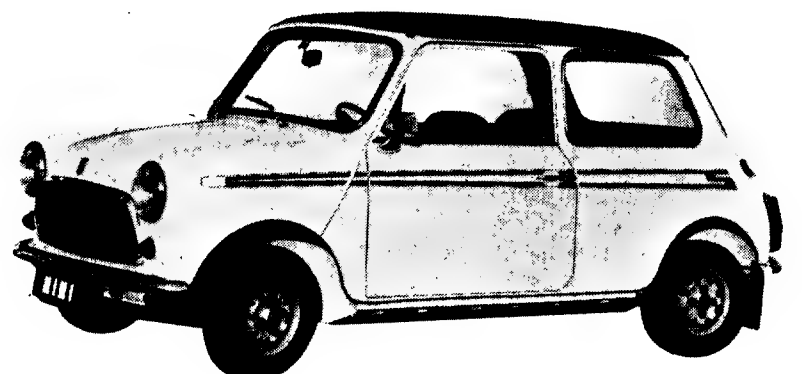
Austin Morris **Mini**

Mini—mais que ter automovel: um modo de ter automovel.

British Leyland de Portugal

Concessionários em todo o País:

Vontade de futuro.



concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

AS ELEIÇÕES

Os nomes

que os nacionalistas
vão apresentar ao sufrágio
e o regresso de Barros Queiroz
à actividade política

O sr. dr. Ginestal Machado, presidente do directorio nacionalista, falou-nos hoje, cedo, dos propositos que animam o seu partido e da atitude que este vai tomando em presença do acto eleitoral. Quem são os candidatos do P. R. N.?

Esta força conservadora do regimen conta nas suas fileiras alguns nomes excelentes para a organização de listas em que não escasseiem nem a competencia, nem o republicanismo.

Encontram-se, porém, essas pessoas dispostas a colaborar na vida activa da Republica, emprestando aos governos e ao parlamento a sua colaboração e, se tanto se tornar necessario, a sua dedicação?

Respondeu-nos a esta pergunta, de maneira categorica, o sr. dr. Ginestal Machado:

— Não tenha duvidas. Quando se tornarem conhecidos os individuos que apresentamos ao sufrágio, mais uma vez o publico terá ocasião de verificar de que lado estão os que merecem a sua confiança e têm direito a ficar com os seus votos.

— Mas o partido vai isoladamente ás urnas?

— Acordos feitos ou sancionados pelo directorio nenhum ha ainda.

— Não os aceitam?

— Ir para as urnas não é o mesmo que ir para o Terreiro do Paço. Nós queremos ser sós a governar, porque para isso temos poderosas razões. Uma delas é de não querermos dividir responsabilidades que porventura venham a pertencer-nos. No acto eleitoral as coisas passam-se diferentemente. Aceitaremos todos os acordos que forem reputados necesarios ou convenientes aos altos interesses do partido.

— Acordos com quem?

— Com republicanos que nos dêem garantias de republicanismo e de seriedade. Não nos repugnava, sob esse ponto de visto, entendimentos com os chamados bonzos, com os catholicos ou com a gente da U. I. E. Escuso de lhe dizer que nada queremos com os esquerdistas do democratismo. A existencia destes consideramo-la perigosa para o regime. Entramos a seguir, noutro capitulo: nomes.

— Temos a certeza de que elegeremos quasi todos os que nos acompanharam na passada legislatura: Cunha Leal, Pedro Pita, Vicente Ferreira, Sousa da Camara.

— Gente nova?

— Alguma virá tambem. Nomes que o grande publico ignora ainda. Talvez por Bragança, Alcobaça, Portalegre, Funchal. Mas sobretudo nomes prestigiosos que estiveram afastados do parlamento que se encerrou ha pouco.

Vae citando:

— Para senadores, os srs. dr. Julio Dantas, o general Alberto da Silveira, o comandante Judice Biker, o comandante Filomeno da Ca-

Atropelamento mortal

Morreu hoje, atropelado por um camion, Antonio Ricafdo, de 58 anos, guarda-freio dos electricos.

mará... Deputados, que me recorde, Tama-guini Barbosa, Matos Cid, Aboim Inglez, Bel-chior de Figueiredo, Raul Portela, Vasconcelos e Sá. Se já o pudermos fazer no dia 8 incluiremos em uma das nossas listas que mais probabilidades de exito tenha o nome do heroico comandante Mendes Cabeçadas.

— Os nacionalistas concorrem ás urnas em Lisboa?

— Isoladamente, não.

— Diz-se que na lista democratica serão incluídos dois nomes de correligionarios seus...

— Quem ha-de indicar esses nomes é o directorio no momento em que para tal fór consultado. Pensamos em Barros Queiroz e Vicente Ferreira.

— Então o sr. Barros Queiroz regressa à politica activa?

— Sim senhor e da melhor vontade e disposto, como sempre, a trabalhar pela dignificação da Republica e do partido.

— Pelo Porto?

— É natural que entre um nome nosso tambem na lista dos democraticos moderados. Ainda como absolutamente certo: — que o sr. dr. Francisco Cruz virá por Elvas e o sr. dr. Pedro Pita por Castelo Branco.

E a seguir:

— Olhe que eu, sem retorica, sem exageros, tenho muita fé nos destinos do meu partido. Regressei hoje mesmo de uma jornada de propaganda no distrito de Evora e posso classificar de brilhante a recepção que lá nos fizeram. Sobretudo, acentua-se, e cada vez mais, a diferença de processos, os que nós empregamos e aqueles que usam os nossos adversarios.

E a ultima interrogação nossa:

— Todo o partido sentiu fundamentalmente o que acaba de se fazer a dois generais e a um juiz, a quem tiraram os logares que exerciam. Mas a nossa simpatia vai, sobretudo, para o general Carmona, que, embora não seja um correligionario, é pessoa por quem temos a mais viva admiração.

A VITORIA

de Tavares Crespo sobre Italo
S. PAULO, 11.

O desafio entre Tavares Crespo e Italo realizou-se no Salão do Casino Antartico, que estava apinhadissimo.

No primeiro «round» os dois adversarios tiveram continuos «corps-corps», com vantagem para o boxeur brasileiro. O segundo foi favoravel ao campeão lusitano, que castigou Italo com golpes curtos no estomago e nos rins. O terceiro esteve equilibrado. Durante o «round» seguinte Italo atingiu Crespo com golpes curtos direitos e esquerdos, castigando-o duramente. No quinto, deram-se «corps-corps» frequentes, mostrando Crespo pequena vantagem. O sexto «round» foi favoravel a Italo. No setimo e oitavo, Crespo alcançou superioridade, atingindo fortemente Italo com golpes curtos nos rins e no estomago. Ao 9.º Italo desistiu, não se tendo iniciado o combate. A multidão aclamou Crespo.

Os pugilistas Debannay e Jacks Marin desafiaram Crespo. — (A).

LITERATURA

A novela

“A’ janela da idealidade,,
do novo livro de Ferreira de Castro
“Sendas de Lirismo e de Amôr,,

Ferreira de Castro, moço e bizarro jornalista e escritor de frases e de imagens audaciosas e originaes, acaba de publicar um novo livro.

Intitula-se *Sendas de Lirismo e de Amor* e é uma série de novelas que se lêem com o mesmo interesse que têm os seus anteriores livros *Sangue Negro*, *O exito facti* e *A Boca da Esfinge*.

A seguir transcrevemos a novela «A’ janela da idealidade»:

Aquella mulher que á hora do crepusculo vinha sentar-se por detrás da sua janela descerrada, tinha para mim um encanto estranho — um profundo e infatigavel mysterio.

Meus olhos extenuados de procurar um amor ideal que dir se ha não existir, que dir se ha progerito de todos os corações, encontraram-na uma tarde meditando junto á janela: — o busto envolto numa aureola romantica; as mãos pallidas, como duas rosas chá esmaecidas, pousadas sobre um livro aberto.

Meditava talvez na conquista duma alma igual á minha — uma alma igual áquella de que lhe falavam os seus livros predilectos.

E desde então, eu que tenho detido meus passos ante as altas janelas que se recortam a vermelho na treva da noite, interrogando-as sobre os segredos femininos que occultam a meus olhos os nhadores que se descerram na quietude da tarde e para trás das quais julgo sempre existirem mulheres nascidas para me compreender e amar, — principiei a interessar-me por aquella mulher que assim me surgia tão bela, durante um dos meus passeios crepusculares.

Não procurei saber quem ela era, não tentei que ela me conhecesse sequer: — minha alma, duma timidez infantil, aguardava pacientemente a aleluia desse amor que já a deslumbrava.

Todos os dias, porém, dirigia-me para a larga e arborizada avenida onde aquella mulher habitava — e ante sua janela eu passava vagarosamente, contemplando-a com discrição.

Estava sempre a ler ou a meditar, em literaticas attitudes: — seu rosto, duma suave palidez, seus olhos profundos e nostalgicos, seus labios exangues, dir-se iam espiritualizados, nascidos das proprias auras do Sonho.

Eu afastava-me então lentamente, levando uma dor voluptuosa — a ansia de volver, para de novo a contemplar.

Por vezes eu chegava demagradamente cedo e sua janela ainda fechada parecia-me a porta dum túmulo, que não mais se descerriaria.

Mas logo que o sol se apressava para a cerimonia da agonia, por detrás dos vidros surgiam dois braços desnudados, brancos, muito brancos — e esses braços esguios corriam nervosamente os fechos da janela e a janela já abria dir-se ia para mim o proprio portico da Idealidade.

Atrai-me para ali um imán oculto e mesmo á noite eu trilhava a larga avenida — e ao aproximar-me da janela tinha a sensação de quem se aproxima dum tesouro escondido.

E quedava-me então a fantasiar o que naquele momento estaria fazendo essa mulher triste que todas as tardes se encolhura na sua janela, como uma princesa oriental saudosa de seus minaretes longinquos.

Muitos dias supus que era já me conhecia, que já notara minha assiduidade áquella avenida larga e silenciosa — muitos dias acreditei que o olhar que por vezes me dirigia não era esse olhar de indiferença que se dirige ao transeunte desconhecido e incarecteristico.

Mas nunca insistira a contemplar-me, nunca para mim em seus labios florira um sorriso, em suas pupilas um lampejo

— e dir-se-ia que ela temia amarme, que temia conhecer-me.

E as garras da Duvida lacravam-me então — e eu maldizia-me de ser para aquela mulher triste apenas um anonimo, sobre cujo coração ninguém desfolhava as rosas do Amor.

E persistia a rondar sua janela, timidamente, indecisamente — mas ela agora já poucas vezes ali se mostrava e quando o fazia já seus labios não vinham esmaecidos, tristes e sim sorridentes; já seu rosto pallido adquirira cores vermelhas, alegres, já não se penumbraava com oculta dor.

E esta subita mudança apresentava-se-me como um mysterio remoto, um hieroglifo preterito, que meus olhos contemporaneos não sabiam decifrar.

Uma noite, porém, eu tudo compreendi, ao encontrar a mulher querida debruçada na janela — dialogando com alguem, que se escondia cá em baixo, na sombra da noite.

Aquella mulher tinha um namorado que não era eu — aquella mulher atraíra-me, talvez inconscientemente, talvez voluntariamente, os sonhos de minha alma romantica.

Sobre sua tristeza a minha fantasia tecera tragedias ignoradas, dramas invisíveis: — tinha a julgado triste, talvez por ser defeituosa, talvez porque a turbulência a fosse devorando lentamente — e afinal ela fóra triste e viera todos os crepusculos ler velhos romances para a janela, apenas porque não tinha um namorado.

Mas porque não fóra eu o eleito — eu que possuía uma alma que decerto a compreenderia, que decerto a amaria com requintada volupia?

Naturalmente aquella homem que se occultava na sombra devia ter sobre mim extraordinaria superioridade: — devia ser belo e esbello, com um espirito mais culto e carinhoso do que o meu, com um cerebro muito mais robusto e fecundo do que o meu cerebro.

Na cumplicidade da noite avancei ao seu encontro — ansioso por conhecer os estranhos dotões que o fizeram triunfar sobre mim, no coração da mulher pallida e triste.

E quando pude vislumbraer seu vulto, ouvir sua voz, verifiquei com assombro e orgulho que o eleito daquela mulher espiritual era o mais prosaico, o mais banal de todos os meus amigos...

Prisão de dois legionarios

A brigada especial do commissariado geral da policia de segurança publica, prendeu hoje os legionarios João de Almeida e Silva, que ha muito era procurado pela policia, por ter tomado parte em varios atentados dinamitistas e ter ligação com o atentado ao sr. tenente coronel Ferreira do Amaral, tendo tambem ha tempos ficado na cadeia do Limoeiro a substituir ali o legionario Soto Maior; e Anibal Augusto Barreiros, trabalhador da Camara Municipal, que é acusado de ter tomado parte no atentado contra a residencia do sr. Freire da Cruz.

O Barreiros já tem um largo cadastro como dinamitista.

NACIONAL RADIO, S.A. REPRESENTANTES PARA O SUL DAS PRESTIGIADAS MARCAS DE ELECTRODOMESTICOS

Candy PROGRESS KING FAGOR GRUNDIG



concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

concurso DL

concurso DL

concurso DL

CASINO RIBAMAR
Magnifico serviço de restaurante
a preços verdadeiramente excepcionais
ALMOÇOS E JANTARES CONCERTOS
Na esplanada — Cinematografo
ENTRADA GRATIS

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE - A'S 8 3/4 - HOJE
A AVÓ
Harold, neto amimado
Uma cine-revista

O "DIARIO DE LISBOA"

O entusiasmo do publico e o que diz a imprensa da festa dos mercados

Cresce o entusiasmo pela Festa dos Mercados, para a qual, tendo o *Diario de Lisboa* contribuido com o lançamento da iniciativa, vê o nosso jornal hoje a seu lado tantas dedicacões.

O manifesto dos vendedores da Praça da Figueira

A prestigiosa Associação de Classe dos Vendedores da Praça da Figueira fez distribuir um manifesto convidando o pessoal deste Mercado para as festas. Nada mais simpatico e simples no dizer. Elogiando o nosso jornal e a imprensa que secundou a iniciativa o manifesto diz a certa altura:

A Festa dos Mercados será, pois, o ponto inicial da melhoria moral e material da profissão que exercemos, e que pela interferença duns e falta de educação de outros, tanto nos tem amesquinhado e envilecido.

E termina:

«Conscia de ser atendida, a comissão local, delegada da Associação dos Vendedores do Mercado da Praça da Figueira, pede com instancia a todos os comerciantes, seus colegas, que lhe prestem o seu concurso, já apresentando os seus lugares nos dias da festa devidamente acedidos e ornamentados, já vestindo trajes quanto possível a caracter do mister que exercem. Por esse modo, a população do primeiro mercado de Lisboa, corresponderá aos desejos das illustres individualidades que tão generosamente se colocaram na vanguarda de proposito tão altamente civilizador.»

Assinam o manifesto os srs. Joaquim Ferro e José Ferreira Cravo, delegados na Grande Comissão, e a Comissão local, srs. Manuel Domingos Machado, João Saraiva Ramiro, Armando Ibañez Esteves, Albino Machado e Manuel Joaquim Nunes.

Com o *Diario de Lisboa*, e com a imprensa da capital podem contar para tudo os simpaticos trabalhadores do nosso mais tradicional mercado.

«O Mundo» e o «Domingo Ilustrado»

O *Mundo* inseria ha dias um magnifico artigo sobre a Festa dos Mercados, no qual este nosso prezado colega se referia em termos lisonjeiros á nossa iniciativa, dando-lhe o seu apoio, e desenvolvendo o noticiario com muito brilho e palavras de incitamento, que agradecemos.

Tambem o magnifico semanario *O Domingo Ilustrado* se referia no seu ultimo numero ás festas, publicando o retrato de uma das concorrentes, que diz a sua candidata, e inserindo palavras muito penhorantes. Do seu artigo a respeito das festas transcrevemos os seguintes periodos:

O nosso brilhante colega o «*Diario de Lisboa*» teve uma gentil ideia: uma grande «festa de mercados». Essa ideia foi entusiasticamente secundada por toda a imprensa. O «*Diario de Lisboa*» é um jornal vibrante e moço, da primeira á ultima linha, e esta sua iniciativa de agora, fazendo uma festa eminentemente lisboeta, bem merece de todos nós.

«O *Domingo Ilustrado*» que já hoje dedica ao grande certo uma pagina de honra, procurará instalar um «stand» onde se exhibirão alguns admiraveis modelos de boncos de arte, representando costumes populares dos nossos mercados.

Com isso prestamos uma desinteressada e laboriosa á iniciativa tão brilhante de o «*Diario de Lisboa*», jornal que tão nobremente se sabe dedicar á nossa cidade justificando eloquentemente as palavras do seu titulo.

As bandas de muslos nas festas

As festas serão abrihantadas pela banda da Escola Agricola de Paiz, pela banda dos Bombeiros, que tocará no Cortejo snuciador de sexta feira, 23, e pelas

Banda dos Marinheiros

Banda da Guarda Republicana

e uma

Banda da Guarnição Militar

cedidas pelos comandos militares, a quem a Grande Comissão está muito grata.

Os premios do comercio continuam a chegar á nossa redacção.

A EVOCAÇÃO DUM GRANDE POETA

Uma irmã de Anthero de Quental deu ha dias entrada no Hospital D. Estefania

O hospital D. Estefania—um hospital claro, bom para a convalescença de doenças espirituais—acaba de acolher, numa das suas enfermarias—a enfermaria de Sant'Ana—uma velhinha de oitenta e dois anos, irmã de Anthero de Quental. A noticia veio nos jornais de ontem—uma noticia laconica, dada pelo primeiro informador. Competia-nos desenvolvê-la—recordando a figura excelsa do grande poeta dos *Sonetos*, através do que a memoria trôpega dessa velhinha pudesse revelar-nos, se quizesse.

Chegámos ao hospital D. Estefania antes da hora da visita. A gentileza duma empregada superior introduziu-nos, porém, na enfermaria de Sant'Ana, antes da hora da praxe.

—A sr.^a D. Matilde de Quental é aquela velhinha, á direita...—indicou-nos uma das enfermeiras de serviço.

Olhámos em direcção ao catre e uma grande impressão de tristeza immobilizou-nos por segundos, uns segundos em que a nossa imaginação apenas era feita de folhas sãs e ruínas. Abandono e miseria. Anthero, adivinhado pela angustia do nosso sentimento, teria aqui, neste quadro de tragedia humana, mais um motivo para maldizer a vida...

Aproximamo-nos vagarosamente da enferma. Tem vestida uma camisola de hospital. Olha veladamente as pessoas—como se as fitasse de além-tumulo. Nem alma, nem corpo... nem ao menos um esqueleto. São oitenta e dois anos—e mais nada.

—irmã de Anthero?—perguntámos, para dizer qualquer coisa.

—Sim. Uma das irmãs.

—Quantos irmãos eram ao todo?

—Sete. Dois morreram pequenos. Vingaram cinco. Vagarosamente, puchando pela recordação tardia, vai citando nomes:

—Anthero, André, Maria Ermelinda, Ana, e eu.

—Vive com algum de familia?

Faz um gesto negativo com a cabeça e responde:

—Vivia com uma criada. A criada adoecou—e o meu sobrinho Jorge—conhece, não é verdade?—aquele que casou outro dia com uma professora—trouxe-me para aqui. Eu vivia bem, se não fosse este inchaço. Ainda podia viver muitos anos. O peor é este inchaço!

—Anthero era uma criatura encantadora?

Serenaente, friamente:

—Encantador.

Compreendemos a frieza. Anthero era um santo—mas era um espirito complexo. Familiarmente devia ter sido uma alma de trato difficil—com a impertinencia propria dos genios e das crianças. E não são ás vezes as pessoas de familia as que menos sabem compreender-nos e respeitar-nos?

Havia uma pergunta a fazer, mas custava-nos. Aquela camisola de hospital—era um indicio de penuria. Talvez a enfermeira soubesse...

—Esta senhora tem alguns meios?—perguntámos, em voz baixa, para que ela não ouvisse.

—Não sei. Mas não entrou para aqui por caridade. E' das doentes que pagam.

Então, aproveitando esta comunicação da enfermeira, dirigimo-nos novamente para o catre—e dissemos:

—As despesas devem ter sido muitas...

—Já nem sei o que tenho. O meu sobrinho Jorge disse-me que não me apoquentasse.

Eu confio muito nele. E' um belo rapaz.

—Recebia alguma pensão das ilhas?

—Recebia, e outra do governo. Foi o presidente...

—Manuel de Arriaga?

—Não. Aquelle que era muito bom. Como é que ele se chamava?

—Sidonio Pais?

—Sim, Sidonio Pais. Foi ele que me deu a pensão.

—De quanto era a pensão?

—Não sei. Não sei como isso está hoje. O meu sobrinho Jorge é que sabe.

—Quando sair daqui...

—Volto para minha casa. O Jorge disse-me que não me apoquentasse. Se este inchaço das pernas desaparecer...

—Tem muitas recordações de Anthero?

—Muitas. Muitas.

Deixámos estes oitenta e dois anos entregues á sua ultima illusão. Cá fóra o sol de trovoadas inundava de claridades roseas o jardim do hospital. E uma passagem de Benavente, arrancada a uma das suas peças, acudiu-nos á memoria: *Dios é tan bueno, que quando empezamos a envejecer nos vuelve de espaldas al camino para que no nos asustemos demasiado, y así andamos por la vida: de espaldas a lo que nos falta que andar hasta la muerte.*

A viagem dos navios a Africa Occidental

Vai ser exonerado, a seu pedido, de commandante de cruzador *Carvalho Araújo*, o capitão de fragata sr. Pedro de Castro.

A divisão de Cruzadores composta daquele vaso de guerra e do *Admirante*, tem ordem para seguir para a Africa Occidental até 4 ou 5 de Novembro proximo.

Colégio Calipolense

Reabrirá todas as suas aulas no dia 7. Continua a receber alunos internos, semi-internos e externos. Rua Eduardo Coelho, 16.—Telefone N. 4199—LISBOA.

O "Aldebaran"

tocará em Lisboa

O governo francez comunicou que o sleep da marinha de guerra daquela nação, *Aldebaran*, na sua travessia de Saigon a Rochefort, tocará em Lisboa no dia 23 de Dezembro proximo.

EM MACAU

O commandante das forças navais surtas em Macau, enviou ao ministerio da Marinha o seu relatório, cuja copia foi remetida ao das Colonias.

OS DEPORTADOS

O "Bela Khun" e o «Avante» estiveram ha poucos dias a bordo do "Guiné"

Os jornais noticiaram ha dias que «Bela Kun» e o «Avante», deportados para a Guiné, haviam já falecido nesta nossa colonia. Por sua vez a P. S. E., em nota officiosa enviada a imprensa, disse não ter comunicação official da morte dos dois deportados.

Esta manhã fomos a bordo do vapor «Guiné», da Companhia Colonial, que se encontra atracado ao cais da Areia, a fim de colhermos alguns informes sobre a actual situação dos deportados.

Tanto o commandante como o commissario, se recusaram delicadamente a falar sobre o assunto. Junto ao portão, porém, um dos tripulantes que havia presenciado a nossa conversa com os officiais, disse-nos: «O senhor quer saber noticias dos legionarios?»

—Quero.

—Todos eles estão bons.

—Mas o «Avante» e «Bela-Kun», ao que se diz, morreram no hospital de Bolama...

—Estão vivos e saos.

—Como sabe isso?

—Olhe, no dia 1 de Outubro, estiveram eles duas vezes a bordo deste navio.

—Isso não será engano?

—Cuida que eu não conheço o «Bela-Kun»? Esteve a falar comigo, vinha até em mangas de camisa e chapéu branco na cabeça.

—O que veio ele fazer a bordo?

—Pedir rancho. Esteve cá por duas vezes, uma de manhã e outra de tarde. Acompanhavam no mais quatro camaradas.

—Tinham fugido da prisão?

—Não, senhor. Eram até acompanhados por um sargento e uma praça.

—E deram-lhes rancho?

—Dêmos.

—Nesse caso é porque passaram fome...

—Isso não sei. Mas rancho quer dizer em linguagem de bordo, generos alimenticios, arroz, batatas, bacalhau, feijão, azeite.

—Só o senhor é que os viu?

—A estada deles a bordo constou logo entre os passageiros e pessoal de bordo, incluindo o commandante e commissario. Toda a gente correu a vê-los.

—E o commandante permitiu que estivessem a bordo?

—Quando eles vieram da segunda vez chamou o 2.^o sargento e manifestou a sua estranheza por ele acompanhar pessoas de tanta responsabilidade a bordo; intimou-o mesmo a abandonar o barco.

—E o sargento o que respondeu?

—Que era costume os presos irem a bordo de todos os barcos que tocavam em Bolama, pedir rancho.

—Não era possível uma fuga?

—Facilissima. Mas o nosso commandante mandou logo fechar os portões e escotilhas do barco, recomendoando aos tripulantes a maior vigilancia.

—Qual o aspecto moral dos deportados?

—Não é tão mau como se diz. Segundo ouvi contar a alguns officiais, eles portam-se tão bem que têm conseguido captar uma enorme simpatia entre as pessoas que lidam com eles. A um official ouvi eu dizer, em conversa com outro: «Lá na metropole têm medo de os julgar e querem que a gente anue cá em carrascos!»

—Eles lamentam-se?

—A dois ouvi dizer: «Só a nossa situação se não resolver brevemente, vamos mandar vir as nossas mulheres». Eles lá governam-se bem. Até um dos presos, por matar uma policia, tem lá a mulher e este faz um negocio em colares de perolas e marfim.

Escolas moveis

Deve ser publicada amanhã a lista da distribuição das escolas moveis para o actual ano lectivo, com a nomeação dos respectivos professores.

concurso DL

concurso DL

concurso DL

Ásia: Diferendo entre a China e o Vietname

Estados Unidos: Ainda o «McCarthyismo»

OUA: Dezassete anos na vida de um continente

África do Sul: A caminho da insurreição popular

A "CIMEIRA" BREJNEV-SCHMIDT Desbloqueadas as negociações Leste-Oeste

A «cimeira» Brejnev - Helmut Schmidt em Moscovo foi um dos acontecimentos mais marcantes da política internacional na semana passada. A ida do chanceler oeste-alemão à capital soviética, encarada com certa reserva, se não mesmo franca hostilidade, pelos EUA e pela NATO, parece ter-se saldado por uma importante vitória diplomática para o governo de Bona e, sobretudo, por um passo decisivo na manutenção do desanuviamento.

Logo que chegou de Moscovo, Schmidt anunciou no Parlamento de Bona, e fez saber a Paris, Washington e Bruxelas (NATO) que o dirigente soviético estaria disposto a encetar negociações sobre os mísseis estratégicos na Europa, sem exigir previamente a ratificação do acordo SALT II nem uma renúncia da Aliança Atlântica a implantar a nova geração dos mísseis nucleares no teatro europeu. Em Washington responderam que os EUA iriam estudar atentamente a alteração da posição soviética, e nas restantes capitais ocidentais parece ter havido uma certa satisfação por este desbloqueamento nas relações Leste-Oeste. A NATO, reunida em conselho extraordinário, reagiu como Washington, declarando-se disposta a examinar atentamente os resultados das conversações Schmidt-Brejnev. Contudo, as ilações tiradas pelo secretário-geral da Aliança, o conhecido «super-falcão» Joseph Luns, levam a crer que a maleabilidade demonstrada por Moscovo não encontra eco na sede da NATO. Na verdade, ao afirmar que a mudança da posição soviética mostra como a NATO teve razão em se mostrar firme e prova que a decisão sobre os «euro-mísseis» deve ser tida como irreversível, Luns abre perspectivas pouco optimistas para as conversações. De momento, parece que os vários negociadores potenciais observam a mais estrita prudência. É isso que explica o

silêncio com que na URSS se acolheram as explicações dadas por Schmidt sobre os resultados da «cimeira» de Moscovo.

No comunicado final a única referência que existe sobre esta questão é a seguinte: «procedeu-se também a uma troca de opiniões sobre os problemas de limitação dos armamentos e o desarmamento. Leonid Brejnev e Helmut Schmidt expressaram as suas posições sobre as armas nucleares de médio alcance».

Outros aspectos menos divulgados desta «cimeira» dizem respeito às relações bilaterais, que conheceram grande impulso com esta visita de Schmidt a Moscovo.

O Comunicado conjunto

O resumo do comunicado conjunto divulgado entre nós pela agência soviética «Novosti» refere que durante a sua estada em Moscovo o chanceler Helmut Schmidt e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, foram recebidos por Brejnev e Kossyguine, tendo sido debatidos «os problemas políticos e económicos relativos à Europa e ao mundo inteiro, e sobre a conjuntura internacional», além de «questões referentes às relações entre os dois Estados e respectivas perspectivas de desenvolvimento».

Abordando de seguida as relações bilaterais, o comunicado assinala que: «Referindo-se à grande importância que revestem, para os dois povos, as relações bilaterais, as partes confirmaram a decisão da sua política comum se basear constante e rigorosamente nos textos do tratado de 12 de Agosto de 1970 e da Declaração Comum de 6 de Maio de 1978. Os representantes dos dois Estados foram também de opinião que as relações económicas correspondiam a interesses comuns, no quadro do acordo a longo termo, de 6 de Maio de 1978.



Brejnev, Kossyguin e Schmidt, em Moscovo

Tendente à execução deste acordo, foi assinado um programa de cooperação a longo termo nos domínios da economia e da indústria.

Os «problemas-chave» da situação mundial são resumidos como se segue. «Tal como anteriormente, as partes consideram o desanuviamento indispensável, tendo sido expressa a sua vontade em contribuir para que ele se alargue e constitua a tendência principal das relações internacionais. Neste contexto, foi analisada a próxima conferência de Madrid, a propósito da qual se comprometeram a desenvolver esforços para garantir o seu êxito. Os representantes dos dois Estados procederam ainda a uma troca de pontos de vista sobre os meios de estender as medidas de confiança na Europa, tendo sido opinião comum que a conferência de Madrid deverá convocar uma outra reunião especial para discutir essas medidas. Procedeu-se também a uma troca de opiniões sobre os

problemas de limitação dos armamentos e o desarmamento. Leonid Brejnev e Helmut Schmidt expressaram as suas posições sobre as armas nucleares de médio alcance. As partes fizeram igualmente o ponto da situação das negociações de Viena sobre a redução mútua das forças armadas e armamentos na Europa Central, tendo afirmado a sua vontade em as fazer progredir».

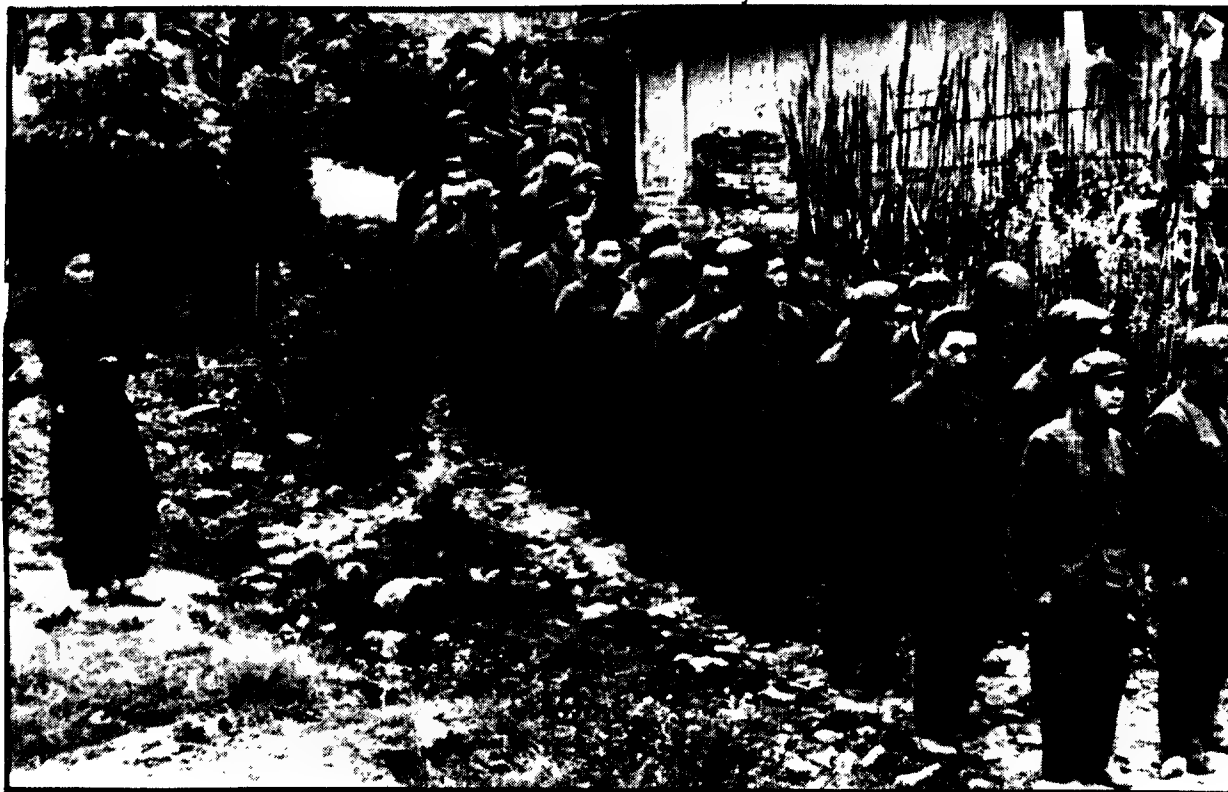
A questão do Afeganistão (sobre a qual Schmidt reafirmou as posições ocidentais) vem referida no comunicado integrada na «situação e problemas actuais de determinadas regiões na Ásia, África e América Latina» e é citada nos seguintes termos: «conscientes da necessidade de se atingir rapidamente uma regularização da situação no Afeganistão, esta questão foi examinada com pormenor e com grande franqueza».

Depois é abordado o problema da economia dos países em desenvolvimento, assinalando-se que «ambos

os dirigentes se comprometeram a tomar parte activa nos trabalhos da próxima sessão especial da Assembleia Geral da ONU sobre as questões económicas».

As questões energéticas são igualmente referidas: «As partes assinalaram que era indispensável realizar esforços comuns mais activos no domínio da energia, a fim de utilizar de maneira mais eficaz os recursos energéticos em presença e rentabilizar os novos. Preconizaram assim o aprofundamento da cooperação bilateral na matéria. Neste contexto, foi considerado desejável o prosseguimento de negociações entre organizações e empresas de ambos os Estados, relativamente a um novo projecto de fornecimento de gás natural soviético».

Por fim, o comunicado assinala o «clima sério e construtivo» em que decorreram as negociações e a «utilidade» e «indispensabilidade» de prosseguir os contactos da «cimeira» e a outros níveis. ■



que se discuta nas conversações a retirada das tropas vietnamitas. Isto é completamente absurdo e irrazoável, porque esse problema não está relacionado com os problemas bilaterais entre a China e o Vietname. A sua intenção é usar as conversações para enfraquecer a solidariedade entre os povos do Vietname e do Kampuchea. Querem coordenar as exigências com a sua assistência contínua ao que ainda resta de Pol Pot — Ieng Sary, a fim de se opor à revolução no Kampuchea. Mas os seus intuitos vão terminar num fracasso completo, porque a realidade mostrou, durante o ano passado, que a República Popular do Kampuchea avança com firmeza e com constância.

Recentemente tratam de utilizar a Tailândia como base de apoio dos reaccionários do Kampuchea, na sua oposição à revolução nesse país. Mais ainda, fabricaram a chamada «ameaça do Vietname» e o «ataque do Vietname» à Tailândia, a fim de criar um choque entre esses dois países.

Mas estamos firmemente con-

por detrás da actual atitude chinesa adiar constantemente as negociações?

DNL — Temos que esperar e ver. Eles utilizam o pretexto de que o chefe da sua delegação está «muito ocupado», para preparar uma reunião. Mas os dirigentes chineses sempre têm tido atitudes pífidas. Na nossa opinião o correcto e ajuizado é buscar, juntamente com o Vietname, um arranjo para os problemas entre ambos os países, através de negociações pacíficas. Essa é a única via correcta para solucionar os problemas das relações entre os dois países. No entanto, se utilizam o atraso ou adiamento nas conversações com o objectivo de preparar outra aventura militar contra o Vietname, terão uma resposta mais forte ao ataque e uma maior condenação do próprio povo chinês e da opinião pública mundial. Agora estamos bem preparados e mais fortes do que o ano passado.

PL: A minha próxima pergunta está relacionada com a sua partida. Significa isso que o Vietname perdeu as esperanças de

ESTADO ACTUAL DO DIFERENDO ENTRE A CHINA E O VIETNAME

■ Carlos Iglésias

□ Prensa Latina

Há mais de um ano a China atacou o Vietname com um contingente militar muito maior do que os efectivos utilizados pelos Estados Unidos durante a guerra de agressão contra esse país do Sueste da Ásia. Entretanto, as conversações que se iniciaram em Hanói no dia 18 de Abril de 1979, para tratar de normalizar as relações entre os dois países, encontram-se paradas. A parte chinesa argumentou, depois do décimo encontro da segunda ronda, que o vice-ministro das Relações Exteriores, Han Nianlong, chefe da sua delegação, se encontra «muito ocupado» e interrompeu de novo unilateralmente as negociações, adiando-as para a segunda metade de 1980, com o propósito evidente de manter a tensão e acelerar os preparativos de outra guerra de agressão contra o Vietname, desta vez em maior escala.

O mundo olha para Pequim com preocupação. A situação é tensa e pode desembocar num novo conflito armado de proporções incalculáveis.

Sentado na nossa frente, muito simplesmente e com toda a naturalidade, está o homem que aceitou responder às nossas perguntas sobre as preocupações da opinião pública mundial, o vice-ministro das Relações Exteriores da República Socialista do Vietname, Dinh Nho Liem Nho Lein, que dirigiu a delegação do seu país durante mais de nove meses, partiria horas depois de Pequim para o Vietname a fim de proceder a algumas consultas e fazer um «check-up» médico.

PL — Há um ano a China deu início àquilo a que chamamos «guerra para castigar» o Vietname. Pode explicar-nos porque utiliza Pequim o termo «lição» ao referir-se a este conflito?

DINH NHOLEIM — Há muito que a China segue uma política de hostilidade contra o Vietname. Isto é claramente explicado no Livro Branco

sobre a verdade das relações entre a China e o Vietname nos últimos 30 anos. «Principalmente desde a libertação e reunificação do Sul do Vietname, que o nosso país se converteu num grande obstáculo para a China, na sua política hegemónica e expansionista no sueste asiático.

A China pensou em todos os meios possíveis para sabotar o Vietname. Através da política, da supressão de auxílio económico, da chamada questão dos «hoa» (cidadãos vietnamitas de origem chinesa), da utilização dos seus titeres Pol Pot e Ieng Sary (1) para lançar uma guerra de agressão contra o Vietname na fronteira sul-occidental. Mas foram devidamente castigados.

O povo do Kampuchea (Camboja) venceu o regime pró-chinês de Pol Pot-Ieng Sary no dia 7 de Janeiro de 1979 e formou-se então a República Popular do Kampuchea, que desde então se converteu num importante factor para assegurar a paz e a estabilidade no sueste da Ásia. Perante tais derrotas, a China lançou uma guerra ofensiva em grande escala contra o Vietname, desde a fronteira norte, e que ocupou 600 mil efectivos.

Disseram que «davam uma lição» ao Vietname porque queriam utilizar essa guerra de agressão em grande escala a fim de o enfraquecer e de o pôr de joelhos, tal como tentaram fazê-lo no passado os imperialistas norte-americanos.

Os Estados Unidos mandaram para o Vietname meio milhão de tropas com grandes quantidades de bombas, canhões e munições, sem esquecer os bombeiros estratégicos B-52, a fim de subjugar o povo vietnamita. Agora a China fez o mesmo, mas, tal como no passado, o povo vietnamita, que derrotou os imperialistas norte-americanos, derrotou agora os agressores chineses.

- Assim, a lição que pretendiam dar

ao povo do Vietname, foram eles que a receberam. Os «mestres» receberam a lição dos «alunos». Por isso, no primeiro aniversário dessa guerra de agressão e, apesar das derrotas sofridas, a China realiza uma grande campanha de propaganda daquilo a que chama «vitória no contra-ataque de defesa própria».

O que fazem é apaziguar a opinião pública chinesa, porque, ao que ouvimos, muitos chineses opuseram-se à guerra de agressão ao nosso país.

PL — Até agora a China e o Vietname tiveram cinco encontros em Hanói e dez em Pequim a fim de discutir os problemas bilaterais. Conseguiram algum êxito? Se não, para quê?

DNL — A nossa posição foi e será sempre defender a independência, a soberania e a integridade territorial do nosso país.

Ao mesmo tempo queremos restaurar a genuína amizade entre os povos chinês e vietnamita e as relações entre os dois países. De acordo com essa posição tomamos a iniciativa de propor que a primeira ronda começasse em Hanói e também que se viesse a Pequim para a segunda.

Desde o décimo quinto encontro que as posições das duas partes são completamente diferentes. Apresentamos a nossa proposta de três pontos para restabelecer a paz e a estabilidade nas áreas fronteiriças dos dois países, a fim de restabelecer as relações normais entre as duas nações na base dos cinco princípios da coexistência pacífica, e resolver os principais problemas respeitantes ao território e à fronteira dos dois países, incluindo terra, mares e ilhas. Recomendamos o fim das provocações armadas ao largo da «fronteira».

No passado dia 1 de Fevereiro propusemos que, durante o próximo Festival do Novo Ano Lunar, isto é, o Tet tradicional dos dois povos, chinês e vietnamita, as duas partes concordem em não efectuar acções militares hostis ou provocações armadas na fronteira comum durante uma semana.

Mas a parte chinesa recusou discutir esta proposta. Refere sempre a questão do Kampuchea e exige



A derrota chinesa no Vietname foi evidente durante os meses de Fevereiro e Março de 1979, mês da agressão repudiada pelos povos do mundo

vencidos de que o povo da Tailândia não deixará que a China utilize o seu território como uma base de ataque contra os povos indochineses tal como os agressores norte-americanos fizeram. Depois do décimo encontro de Pequim, a parte chinesa recusou marcar data para o undécimo, a pretexto de que o chefe da sua delegação está «muito ocupado». Embora tivéssemos proposto muitas datas concretas eles negociam de uma forma hegemónica. Assim, a responsabilidade do fracasso na progressão das conversações cabe totalmente à parte chinesa. Quanto a nós, sempre defendemos e defenderemos as conversações com boa vontade e seriedade, e trataremos de as continuar com o espírito de resolver os problemas entre os dois países.

Também estamos preparados para qualquer eventualidade. Se os elementos belicistas que existem entre os círculos governamentais chineses lançarem outra agressão contra o povo vietnamita, sofrerão maiores derrotas.

Temos a nossa própria força e a dos três povos da Indochina, a assistência da União Soviética, de Cuba e restantes países socialistas, e das forças revolucionárias do mundo.

A justiça está do lado do Vietname.

PL — A minha próxima pergunta

conseguir um entendimento com a China? A situação tornou-se tão difícil que já não há esperanças?

DNL — Embora me vá embora, a delegação continua em Pequim. Só estarei ausente durante um curto período. A delegação chinesa fez o mesmo o ano passado. Por exemplo, o seu chefe Han Nianlong, esteve ausente de Pequim durante um mês, a fim de assistir à Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. É normal que os chefes das delegações que realizam conversações internacionais vão ao seu país para consultas com os respectivos governos. O importante é que agora solicitamos à parte chinesa que proponha uma data para a reunião.

Quando as duas partes concordarem numa data para a próxima reunião, o chefe da delegação vietnamita estará aqui para assistir. A ida ao meu país não tem nada a ver com a situação das conversações.

Sempre que se passa qualquer coisa, a opinião pública mundial entende-a de uma maneira ou de outra mas o importante é a parte chinesa ter recusado uma data para a próxima reunião. Nós propusemo-lapara 28, 29, 30 ou 31 Janeiro e depois para 4 Fevereiro, mas a parte chinesa respondeu que estava muito ocupada para combi-

Terá o 'McCarthyismo' realmente morrido?

■ Novosti

No começo deste ano, os Estados Unidos assinalaram duas datas peculiares. A primeira foi o 30.º aniversário do famoso discurso do senador Joseph McCarthy, pronunciado em Wheeling, no qual ele revelou ter em seu poder uma lista de 200 «comunistas encartados» e de outros elementos que representavam um «risco para a segurança» da administração Truman. A «caça às bruxas» que se seguiu continuou até que o Senado americano condenou, em Dezembro de 1954, o senador McCarthy. Este período ficou conhecido como sendo a «era do McCarthyismo».

A outra, assinalada igualmente de forma bastante discreta, foi o 3.º aniversário do lançamento da «cruzada» da administração Carter em defesa dos direitos humanos.

A imprensa americana não ligou as duas datas. E se nalguns casos o fez, foi apenas para mostrar os «evidentes progressos» da democracia americana, desde os tempos em que os agentes do «Federal Bureau of Investigation» (FBI) faziam «raids» nocturnos nas casas dos «simpatizantes dos vermelhos», se obrigavam os dirigentes sindicais americanos a assinar juramento em que não pertenciam ao Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA), em que os comunistas eram atirados às centenas para as prisões, e milhares de inocentes tiveram de enfrentar o Subcomité Permanente de Investigação, dirigido por McCarthy depois do que podiam ser presas ou electrocutadas, como aconteceu com os Rosenberg.

Estrutura intacta

Hoje pretende-se que as «investigações por actividades antiamericanas», os campos de concentração para «rebeldes», os «simpatizantes dos vermelhos» e outros americanos «desleais», e a «caça às bruxas» são coisas do passado.

No entanto, o referido Subcomité nunca desapareceu, tendo sido rebaptizado de Subcomité Senatorial de Segurança Interna, em 1969. Os campos de concentração, cria-

dos sob o «McCarran Act», adoptado no começo dos anos 50, foram mantidos até chegar a altura de serem usados. Um deles, em Allenwood, Pennsylvania, recebeu, em 1968, os primeiros presos políticos: jovens desertores que protestavam contra a guerra do Vietname. Como afirmou certa vez o antigo embaixador dos EUA na ONU, Andrew Young, milhares de americanos detidos «podem ser classificados como presos políticos».

De facto, o afastamento de McCarthy da vida política não significou o fim da vigilância e perseguição sobre os dissidentes. Em 1956, o FBI tinha nos seus arquivos «dossiers» contendo vasta informação e as impressões digitais de 141.231.733 americanos, dos quais apenas 20 por cento estavam de alguma forma implicados em qualquer tipo de «irregularidade». Os outros 80 por cento, isto é, cerca de 112 milhões de pessoas, quase metade da população dos Estados Unidos, estavam registadas como «riscos para a segurança» e «dissidentes».

Uma investigação levada a cabo por uma Comissão Especial do Congresso dos Estados Unidos em 1975 mostrou que o aparelho central do FBI tinha cerca de 500 mil indivíduos fichados, como informação secreta interna.

A CIA, a organização que leva a cabo missões de recolha de informação e subversão além-mar, apesar da proibição das suas actividades no país, mantém arquivos secretos sobre milhares de americanos e mais de 100 organizações. Entre 1953 e 1973, a CIA abriu e fotografou cerca de 250 mil cartas e compilou, como resultado disso, uma lista de 1,5 milhões de «suspeitos». Lista similar é mantida pela ultra-secreta «National Security Agency» (NSA) americana, que intercepta os telegramas pessoais dos americanos. De 1960 a 1970, o serviço de informações do «U Army» compilou fichas pessoais de 100 mil cidadãos.

Fim das proibições

Os gemidos e lamentos sobre o escândalo de Watergate e as «vio-

lações da democracia» que acompanharam a ascensão política de Jimmy Carter das plantações de amendoim da Geórgia para a Casa Branca destinavam-se apenas a acalmar a opinião pública norte-americana e a restaurar a sua fé no sistema de «livre empresa» nos Estados Unidos e nas instituições políticas e governamentais que criou. Por algum tempo as agências usaram de maior discrição nas suas actividades. Mas nada mudou. Não admira que no final do ano passado o «Washington Post» escrevesse que os serviços secretos norte-americanos se comportam como se não houvesse escândalos nas suas actividades dos últimos dez anos.

As novas «regras» que hão-de passar a reger o FBI e a CIA, apresentadas na Primavera deste ano, dar-lhes-ão mãos livres, embora, ao que parece, estas organizações já tivessem suficiente liberdade. O espezinhamento dos direitos civis pelo FBI foi já tão longo quanto se pode calcular pela chantagem que foram alvo congressistas e senadores, quando agentes do FBI lhes entregaram «luvas» da parte de falsos «xeques» árabes, durante a movimentada campanha eleitoral para a renovação do Congresso em 1979-80. A «luz verde» foi dada pelos sucessores de McCarthy e Hoover, que autorizaram buscas em casa dos «suspeitos», a instalação de mecanismos de escuta e espionagem.

As «numerosas restrições» que limitavam a acção da CIA foram reduzidas a nada, em Maio deste ano, pelo Senado. Até a «proibição» de recrutar padres, cientistas e jornalistas para espionagem, foi levantada, como anunciou pública e triunfalmente à Imprensa o próprio director da CIA, Stansfield Turner.

Este último passo dá-nos a certeza de que, nos Estados Unidos, o «McCarthyismo» não morreu com McCarthy.

Modificou-se, modernizou-se, mas mantém-se no essencial como parte inalienável do «american way of life», profundamente enraizado nos círculos dominantes americanos e nas agências repressivas por eles estabelecidas. ■

China e Vietname

nar a data da reunião. Quando nos disserem que têm tempo e derem uma data fixa, o chefe da delegação estará aqui. Agora a bola está do lado chinês, e não do lado vietnamita. Na minha ausência fica em funções um chefe de delegação.

PL — Tem algo a transmitir à opinião mundial através da Prensa Latina?

DNL — Gostaria de sublinhar que na situação internacional, a pretexto dos êxitos no Kampuchea e no Afeganistão os dirigentes expansionistas chineses e os imperialistas norte-americanos estão a actuar em conjunto para se opor à comunidade dos países socialistas.

As acções dos dirigentes expansionistas chineses, dos imperialistas

americanos e de outras forças reacçãoárias são simples contra ataques desesperados, pelos triunfos revolucionários no Afeganistão e no Kampuchea.

No discurso do secretário-geral Le Duan no 50.º aniversário do Partido Comunista do Vietname, sublinha-se que as três correntes revolucionárias do mundo estão agora na ofensiva. As forças da União Soviética, os países socialistas e os sectores progressistas da humanidade são maiores do que nunca.

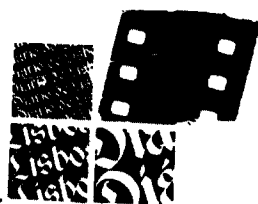
Desde as derrotas em Cuba, no Vietname e noutros lugares, os imperialistas americanos estão mais fracos que nunca. Assim, a coligação entre os imperialistas norte-americanos e a China baseia-se na fraqueza.

Como verdadeiros marxistas - leninistas e revolucionários temos o direito de ser optimistas e ter con-

fiança em que a revolução no mundo vai continuar a avançar de um ou outro revés temporal. Temos que analisar os acontecimentos mundiais sob um ponto de vista científico. O tempo está por nós e não com os reacçãoários pequineses ou os imperialistas norte-americanos. Durante a nossa estada aqui temos tido uma grande colaboração de muitos amigos, o que representa uma fonte de grande apoio moral para nós nas conversações com a parte chinesa, porque achamos que, na frente diplomática não só cumprimos o nosso dever nacional, como também o internacional. ■

(1) Ieng Sary foi o vice - primeiro - ministro encarregado das Relações Exteriores durante o reime de Pol Pot

FOTO
EXCLUSIVO



AS CINZAS DE SANJAI



Embora se esforçasse por não mostrar publicamente a sua dor pela morte, num desastre de aviação, de seu filho Sanjai, considerado o delfim, o primeiro-ministro indiano, Indira Gandhi não conseguiu reter as lágrimas ao ver o corpo de Sanjai e, mais tarde, a sua cremação. Foi o segundo filho de Indira, Rajeev (sem vocação política), a acender a pira funerária

ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFI

Dezassete anos na vida de um cont

A Organização da Unidade Africana, que festejou este ano, em 26 de Maio, o seu décimo sétimo aniversário, conta hoje 50 membros. O Estado mais jovem da OUA — o Zimbábue — participa este ano pela primeira vez na «cimeira» anual ordinária de chefes de Estado e de Governo que se reuniu em Freetown (Serra Leoa) na semana passada. Embora nem sempre se tenha mostrado capaz de definir uma linha de acção comum, a OUA continua a ser uma aspiração à unidade, o pulsar da África e uma tribuna.

A questão da República Árabe Saaraui Democrática mais uma vez causou uma situação de perigo de ruptura na cimeira da OUA. Vinte e seis Estados membros — entre os quais o país anfitrião — pronunciaram-se a favor da entrada da RASD como membro da Organização. Tecnicamente tanto bastava para que finalmente a independência e a soberania da RASD fossem reconhecidas na OUA. Contudo, o perigo de ruptura foi tão grande que uma vez mais se decidiram os 50 Estados membros por uma solução de compromisso: convocar para daqui a três meses uma sessão extraordinária da Organização que estudará os resultados de um inquérito feito entretanto por uma comissão de conciliação.

■ Jean-Claude Pomonti

□ Le Monde

A OUA tem apenas dezassete anos de existência, mas, no entanto, as suas «cimeiras» anuais parecem obedecer a ritos imutáveis. O país anfitrião — os Estados membros são-no por rotativismo — tem-se esforçado, na maioria dos casos, por honrar durante um ano a presidência da organização pan-africana e acolher, durante dois ou três dias, uns vinte chefes dos 50 Estados membros que é preciso alojar e escutar e cuja segurança levanta por vezes problemas muito complexos.

Aberta à Imprensa e aos diplomatas, a sessão inaugural raramente «aquece». O presidente cessante apresenta o seu relatório; o secretário-geral das Nações Unidas lê uma longa mensagem — em tom muito monocórdico desde que o cargo é ocupado por Kurt Waldheim; e invariavelmente pela mesma ordem um arabófono, um anglófono, um francófono, um lusófono tomam a palavra; por fim, há que contar ainda com a mensagem dum chefe de movimento de libertação que se exprime em

nome dos outros, antes de se passar à eleição, por aclamação, do novo presidente da OUA. Em geral preparado por um conselho de ministros com grande cópia de resoluções, a «cimeira» prossegue então à porta fechada.

Não é de surpreender que a OUA dê uma dupla impressão contraditória de verdura e certo cansaço. Por um lado, o continente africano não terminou ainda a sua descolonização, e cada nova vitória nesse plano desperta emoções muito frescas. Assim aconteceu em Freetown (Serra Leoa) quando Robert Mugabe, primeiro-ministro do Zimbábue, penetrou na sala de conferências. A África tem o sentido do momento histórico: o nascimento do Zimbábue marcou, sem dúvida, uma nova etapa no combate que o continente prossegue (tantas vezes em filas dispersas) contra o **apartheid** na África Austral.

Mas a libertação quase total do continente é uma coisa e aquilo em que as independências se transformam é outra. Balcanização herdada da colonização, querelas de fronteiras, subdesenvolvimento administrativo e económico, diferendo afro-árabe, falta de solidariedade entre Estados que se dizem «irmãos»: a África independente sofre de todos esses males, males que o grande sopro das independências (esse sopro que fez nascer a vontade de unidade e o seu produto: a OUA) deixou na sombra durante algum tempo.

A OUA passa hoje a maior parte do seu tempo visível a pregar a mediação em conflitos armados

entre Estados membros (Marrocos-Argélia; Etiópia-Somália; Uganda-Tanzânia; Zaire-Angola, para só citarmos alguns exemplos recentes) e a união face ao gigante sul-africano. Contudo ela sabe que as suas probabilidades de êxito são mínimas.

Como o espírito de Bandung, dez anos mais velho, também o pan-africanismo, corporizado na primeira «cimeira» da OUA de Adis-Abeba em 1963, padece devido às divergências de interesses por vezes profundas entre os seus seguidores. O problema da defesa da África foi levantado logo em Dezembro de 1964 com a primeira reunião de uma comissão encarregada de estudar um sistema de defesa comum. De então para cá, essa questão volta regularmente a ser posta em debate — nos últimos tempos sob a forma de um projecto de força de intervenção pan-africana — sem nunca chegar a bom termo.

Quanto à primeira «cimeira» sobre as questões económicas, reunidas em Lagos em Abril, limitou-se a produzir um vago «plano de acção» sem relação com o projecto de reabsorver o subdesenvolvimento do continente no final deste século.

Principal veículo do pan-africanismo, a OUA tinha necessariamente de reflectir as debilidades de um continente que foi vítima primeiro da escravatura e depois do colonialismo. As duas correntes nascidas no crepúsculo desta era (após a Segunda Guerra Mundial, portanto) eram, sem dúvida, previsíveis. Uns mostra-

vam-se sobretudo preocupados — por temperamento, interesses ou razão — com a manutenção do já adquirido. Outros começaram por reagir em função de uma identidade velada e intensamente procurada. «Moderados» contra «progressistas»? «Reformistas» contra «radicais»? Nesta linha divisória, que nunca foi a mais importante, a experiência histórica teve também o seu papel: face à obstinação do regime salazarista que não queria desfazer-se das suas colónias, os africanos lusófonos estavam evidentemente em muito boa condições para se tornarem rebeldes e depois revolucionários. A África francófona é sobretudo banhada por um clima de divisões regionalistas e de radical-socialismo porque acedeu quinze anos mais cedo à independência sem ter tido necessidade de recorrer à guerrilha no mato.

A diversidade das experiências africanas constitui, pois, igualmente um **handicap** para uma organização pan-africana nascida de um entusiasmo de generosidade. O certo é que até agora nenhum Estado se decidiu a abandoná-la. Há quem a encare com certa sobrançeria, quem se mostre amuado com ela, mas ninguém retira. Durante treze anos, o presidente Seku-Turê da Guiné-Conakry não participou numa única «cimeira» da OUA. Desde que em 1977 a Monróvia foi adoptada numa resolução condenando a sua política no Sará Ocidental, o rei Hassan II do Marrocos ignora a OUA, acentuando assim uma política de «cadeira vazia» que já lhe

Respeito pelas fronteiras

Entre os princípios enunciados na Carta da OUA (artigo 3.º) figuram o da «não ingerência nos assuntos internos dos Estados» e o do «respeito pela soberania e pela integridade territorial de cada Estado». Estes dois princípios têm sido, sem dúvida, os mais discutidos e os menos respeitados.

A Somália, cujas populações extravasam largamente para os territórios de Djibuti, Etiópia e Quênia, nunca reconheceu formalmente as fronteiras dos seus vizinhos, e, após duas derrotas militares no Ogaden, continua a incitar nesta parte meridional da Etiópia uma guerrilha muito activa. Este é só um dos tantos casos do género.

Um outro princípio, que figura na Carta, é o da «condenação severa do assassinio político e bem assim das actividades subversivas exercidas por Estados vizinhos ou quaisquer outros Estados». Também este não tem sido nada respeitado... ■

As etapas fundamentais percorridas pela

1963

● **26 de Maio** — A Carta da Organização da Unidade Africana é assinada na final da primeira «cimeira» pan-africana, reunida em Addis-Abeba e na qual participaram trinta Estados independentes. Decide-se que seja instalado na capital etíope um secretário geral, enquanto uma comissão de libertação, encarregada de apoiar a luta dos povos africanos ainda sob domínio colonial, terá a sua sede em Dar-es-Salam (Tanzânia).

● **3 de Dezembro** — Constitui-se uma comissão especial de arbitragem para tentar restabelecer a paz entre Rabat e Argel (na sequência dos confrontos armados que em Outubro haviam oposto marroquinos e argelinos). O Marrocos tinha assinado em 20 de Setembro desse ano a Carta da OUA.

1964

● **14 de Fevereiro** — Apelo da OUA ao cessar-fogo entre a Etiópia e a Somália numa altura em que a primeira guerra do Ogaden está no auge. Presidente em exercício da OUA, o imperador Hailé Selassié dá ordem às suas tropas vitoriosas de deterem o avanço em território somaliano. Mogadíscio não chega a ser atacada.

● **21 de Julho** — No final da segunda «cimeira» pan-africana são

decididos o boicote de comunicações com a República da África do Sul e bem assim o boicote económico contra Portugal. Diallo Telli (Guiné) é eleito secretário-geral.

● **22 de Setembro** — Jomo Kenyatta, presidente da comissão de conciliação da OUA, pede aos EUA que cessem todo o auxílio militar ao Congo-Leopoldville, futuro Zaire, devastado pela guerra civil. Duas semanas antes, a OUA tinha pedido a Mosés Tchombé que deixasse de recrutar mercenários.

1965

● **20 de Outubro** — Malogro de uma tentativa da OUA para reconciliar os dois movimentos nacionalistas da Rodésia, a ZANU (de Sithole e Mugabe) e a ZAPU (de Nkhomo).

● **3 de Dezembro** — Na sequência da rebelião dos colonos brancos da Rodésia, que haviam proclamado unilateralmente a independência (11 de Novembro), a OUA recomenda aos seus Estados membros que rompam as relações diplomáticas com Londres, no caso de a rebelião não vir a ser esmagada. Trinta e seis Estados membros acatarão esta recomendação.

1966

● **6 de Março** — a OUA deplora o reforço das trocas comerciais entre



Prisioneiros marroquinos feitos pela Polisá

certos Estados membros e a República da África do Sul.

● **4 de Novembro** — A Organização Pan-Africana pede a Paris que conceda a autodeterminação ao arquipelago das Comores.

1967

● **14 de Setembro** — A «cimeira» anual reclama a saída dos merce-

nários do Congo (Zaire) e condena a secessão do Biafra, na Nigéria, bem como a ocupação por Israel dos territórios árabes.

1968

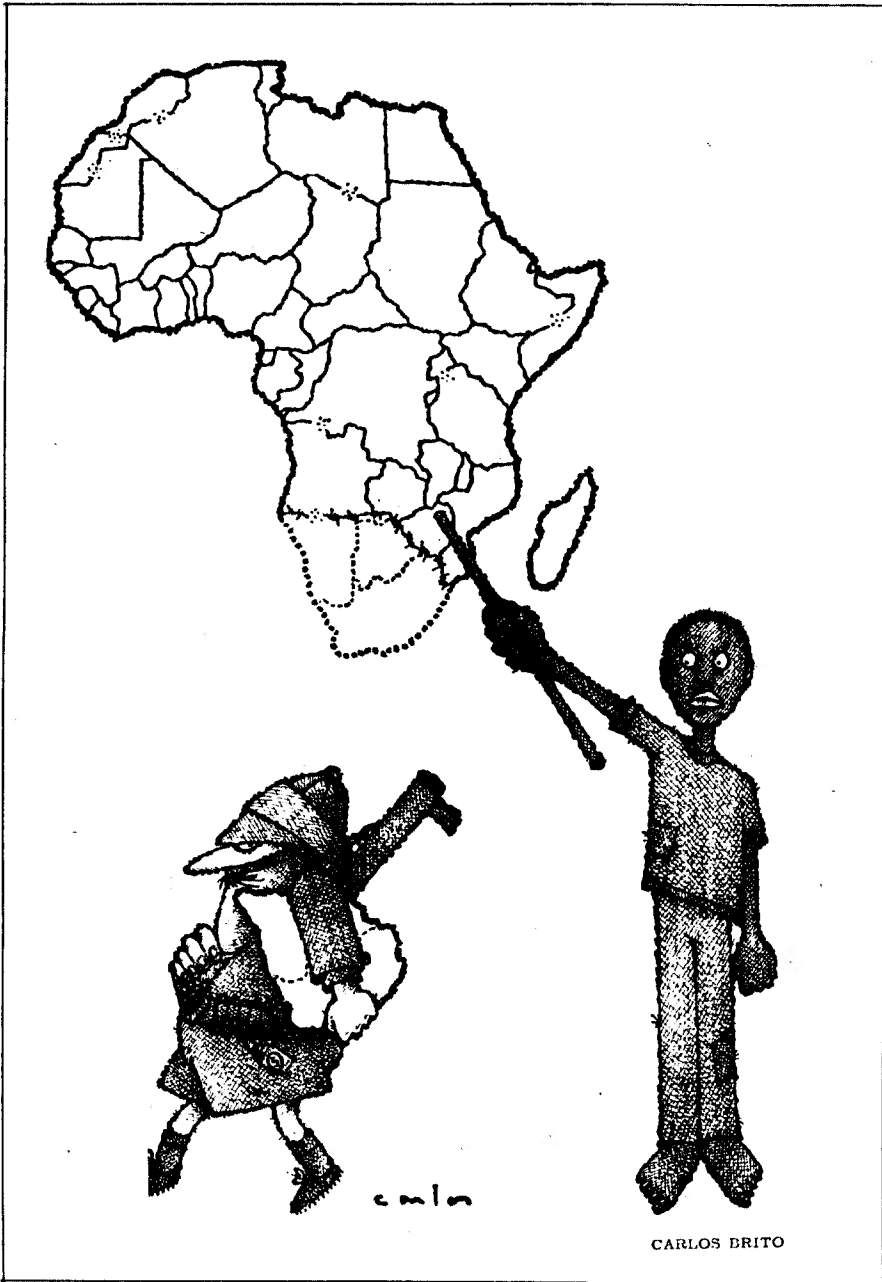
● **16 de Setembro** — A despeito do reconhecimento do Biafra por quatro Estados membros (Tanzânia, Gabão, Costa do Marfim e

AFRICANA (OUA) tinente

foi bem prejudicial no passado. Mas o Marrocos continua a ser membro da Organização.

A Tribuna, local de encontro, a OUA é, na verdade, o pulsar da África. As «cimeiras» consagram na maioria das vezes reconciliações espectaculares — que, embora espectaculares, muitas vezes não têm qualquer seguimento — ou profundas divisões que se tentam ocultar, iludindo-as. Embora tenha tratado um dia a OUA por «cartel de chefes de Estado» (quando a Organização se recusou a condenar em 1978 a agressão de Idi Amin contra o território tanzaniano) o certo é que o presidente Nyerere não deixou de comparecer nesse ano à cimeira de Lagos. A Somália manifestou sempre reservas quanto à carta da OUA — afirma a intangibilidade das fronteiras herdadas da colonização — mas isso não impediu que Mogadíscio tivesse acolhido, em 1974, quando chegou a sua vez, a «cimeira» anual presidida pelo general Siad Barre.

Desta vez, em Freetown, os trinta do início tiveram mais 20 a acompanhá-los. Como sempre, houve algumas zangas e graves negociações de bastidores para evitar o pior. Sobreviverá sempre, graças a essa tenaz vontade de evitar a ruptura e a essa consciência de que a Organização Pan-africana, com as suas hesitações e essa Carta um tanto ultrassada, com as suas contradições e imperfeições, continua a ser o instrumento menos mau de que o panfricanismo da primeira era podia ter-se dotado.



Os últimos sobreviventes

Dos vinte e oito chefes de Estado ou de Governo que participaram na primeira «cimeira» da OUA em Addis-Abeba em Maio de 1963, só oito estão ainda vivos. Cinco deles continuam no poder: os presidentes Ahidjo dos Camarões, Houphouët-Boigny, da Costa do Marfim, Senghor, do Senegal, Nyerere da Tanzânia e Binguwa da Tunísia.

Os outros três tiveram um destino bem diferente. Expulso do poder em 1965, Ben Bella (Argélia) foi «libertado» no ano passado, após 14 anos consecutivos de detenção. Vítima do contragolpe de Estado de «S. Silvestre» (31 de Dezembro de 1965) cometido pelo tenente-coronel Bokassa, Dacko conheceu a prisão antes de se tornar conselheiro do ex-imperador centro-africano e de reencontrar a presidência depois da operação «Barracuda» levada a cabo pelo exército francês contra Bangui em Setembro de 1979. Finalmente, derrubado pelo coronel Idi Amin, em 1971, Obote viveu oito anos no exílio na Tanzânia, e, desde a queda do ditador, é candidato à presidência do país.

Dos grandes «países funda-

dores» do pan-africanismo já nada mais resta se não vagas sombras. As duas grandes figuras do nacionalismo lusófono, Eduardo Mondlane, de Moçambique, e Amílcar Cabral, da Guiné-Bissau, foram assassinados antes de os seus países ascenderem à independência. Nkrumah, expulso do poder no Ghana em 1966, morreu de doença no exílio dez anos depois. O presidente Julius Nyerere, porta-voz dos cinco Estados que apoiaram a luta armada dos zimbabwianos, continua a ser de certo modo a «má consciência» do continente africano, com o seu falar franco, mas o reverso da Tanzânia — nomeadamente no tocante ao seu desenvolvimento — e a sua intervenção política e militar no Uganda ensombraram um tanto a imagem de Mwalimu (mestre-escola) de Dar-Es-Salam.

A segunda era da África independente não produziu dirigentes carismáticos. De momento, o entusiasmo parece quebrado. A revolução etíope continua isolada. O Zimbábue dá os seus primeiros passos inseguros. Nenhuma personalidade domina agora os debates da OUA — como em tempos o fizeram Nasser ou Nkrumah.

a organização



aprova o «manifesto do Lusaka» (sobre a libertação da África Austral) e exprime a sua solidariedade com a República Árabe Unida contra Israel.

1970

● **21 de Abril** — A Organização da Unidade Africana condena os fornecimentos de armas à República da África do Sul (por países ocidentais) e apoia a luta armada nas colónias portuguesas.

● **3 de Setembro** — Na sequência do malogro da secessão do Biafra, a OUA ratifica a reconciliação entre a Nigéria e os Estados membros que tinham reconhecido o Biafra. Pede a Israel que retire as suas tropas dos territórios árabes ocupados.

1971

● **20 de Junho** — A política do «diálogo» com a República da África do Sul, proposta pela Costa do Marfim, é rejeitada. Decide-se adoptar diligências junto dos países membros da NATO para que estes cessem de fornecer armas a Portugal.

1972

● **15 de Junho** — A décima «cimeira» (em Rabat, sob a presidência de Hassan II) consagra a reconciliação entre o Marrocos e a Argélia. Nzu Ekangaki, dos Camarões, é eleito secretário-geral.

1973

● **103 g1s0116X 21 de Novembro** — A OUA lança um apelo à ruptura das relações diplomáticas com Israel.

1974

● **16 de Junho** — Eteki Mbumua, dos Camarões, é eleito secretário-geral na XII «Cimeira» durante a qual Ekengaki pede a demissão.

1975

● **18 de Julho** — Em Kampala, quatro Estados membros (Botswana, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia) recusam-se a assistir à sessão do Conselho de Ministros para protestarem contra a imagem que o presidente em exercício da OUA, Idi Amin Dada, dá da África.

● **1 de Agosto** — Durante os trabalhos da décima-terceira «cimeira» (em Kampala, sob a presidência de Idi Amin) o general Gowon, presidente da Nigéria, é derrubado por um golpe de Estado. A «cimeira» recusa-se a reclamar a expulsão de Israel da ONU.

1976

● **13 de Janeiro** — Uma «cimeira» extraordinária sobre o problema angolano sublinha a profunda divisão da OUA entre partidários do MPLA e da coligação UNITA-FNLA, apoiada pelos ocidentais e pela África do Sul. A «cimeira» separa-se sem ter tomado qualquer decisão.

● **11 de Fevereiro** — A OUA reconhece o governo do presidente Agostinho Neto (MPLA) que acaba de alcançar a vitória em Angola.

● **27 de Fevereiro** — Após a retirada das últimas tropas espanholas do Saará Ocidental (12 de Janeiro) o Marrocos e a Mauritânia dividem a região entre si, e a Polisário proclama a República Árabe Democrática Saaraui (RADDS).

● **1 de Junho** — Na ausência do Marrocos e da Mauritânia um conselho de ministros da OUA recomenda a autodeterminação dos Saaraui.

● **6 de Julho** — A XIV «cimeira» anual (em Port-Louis, sob a presidência de «sir» Seewosagur Ramgoolam, primeiro-ministro das Maurícias) termina justamente quando os israelitas lançam com êxito um «raid» sobre Entebbe para libertarem os reféns do Airbus da Air France que tinha sido desviado por um comando pró-palestino para aquele aeroporto ugandês, com a alegada cumplicidade de Idi Amin. Durante os trabalhos o presidente sudanês, Nimeiry, anuncia ter desmantelado um golpe de estado em preparação.

1977

● **28 de Fevereiro** — O Conselho de Ministros da OUA condena o «raid» mercenário contra Cotonu (Benim) montado com o auxílio do Gabão e do Marrocos. Este último

país decide boicotar os trabalhos da OUA até nova ordem.

● **9 de Março** — Uma «cimeira» afro-árabe adopta a «declaração do Cairo» (programa de cooperação) e consagra a reconciliação entre Yasser Arafat, dirigente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), e o rei Hussein da Jordânia.

● **5 de Julho** — Na XV «cimeira» anual (em Libreville sob a presidência de Omar Bongo) o Marrocos está presente. Fica decidida a convocação de uma «cimeira» extraordinária sobre o Saará Ocidental.

1978

● **24 de Fevereiro** — O Conselho de Ministros adopta uma resolução de apoio ao movimento para a independência das Canárias.

● **21 de Julho** — Na «cimeira» de Cartum a política africana da França é vivamente criticada (em consequência da intervenção da Legião Estrangeira em Kolwezi). Kodjo do Togo sucede a Eteki Mbumua no secretariado geral. Como reflexo da influência dos países ditos moderados, uma resolução lembra o «direito inalterável» de cada Estado membro fazer apelo ao auxílio externo.

1979

● **3 de Março** — O Conselho de Ministros da OUA reconhece o malogro

O ATAQUE ÀS FÁBRICAS DE PETRÓLEO:

Uma dura lição para a África do Sul

■ David Coetzee

□ Gemini News Service

Os ataques bombistas simultâneos contra as três fábricas sul-africanas de extracção de petróleo a partir do carvão no Transvaal destruíram combustível e tanques de armazenamento no valor de aproximadamente 256 mil contos. Estes alvos foram escolhidos «devido à sua posição estratégica fundamental para o conjunto da economia da África do Sul», no dizer de Oliver Tambo, presidente do Congresso Nacional Africano, que reivindicou a responsabilidade pelos atentados.

Falando em Dar es-Salam uns dias após os ataques pelas suas guerrilhas do CNA — que devastaram os depósitos de combustível da fábrica SASOL I e da refinaria Nattref e que causaram sérios prejuízos na fábrica SASOL II (a cerca de 325 quilómetros de Joanesburgo), Oliver Tambo disse que a sabotagem tinha sido também realizada devido «ao embargo de petróleo que a comunidade internacional decretou contra a África do Sul.»

Contudo seria erróneo encarar os ataques («s sofisticados» no dizer do ministro da Energia, F.W. de Klerk) como uma tentativa essencialmente destinada a prejudicar os fornecimentos petrolíferos da República da África do Sul.

A sabotagem destruiu combustível e tanques de armazenamento

no valor aproximado de 5,8 milhões de rands (isto é, cerca de 256 mil contos), mas o regime, cujas reservas estrangeiras ficaram altamente valorizadas com a recente subida do preço do ouro, tem muito boas condições para superar essas faltas.

Por outro lado, o ataque, concentrando-se no calcanhar de Aquiles da África do Sul, demonstrou, uma vez mais, à minoria branca que governa o país como toda a sua estrutura industrial é vulnerável a actos de sabotagem.

Tratou-se também de um ataque altamente simbólico: a gigantesca coluna de fumo e chamas que se ergueu da fábrica SASOL I e da refinaria próxima de Nattref era visível a milhas de distância e não podia ser desmentida pela propaganda governamental.

Os ataques ocorrem sob um pano de fundo de manifestações de estudantes e greves no mês do levantamento de Soweto em 1976, e, para os brancos, todas estas coisas combinadas parecem anunciar os graves problemas que o futuro reserva. Em Junho, passou também o 25.º aniversário da assinatura da Carta da Liberdade pelo Movimento do Congresso na década de 50, antes de o CNA ter sido proibido.

As guerrilhas do CNA tinham até agora concentrado os seus ataques

noutros símbolos da repressão, as esquadras de Polícia. No seu ataque à esquadra de Booyens, perto de Joanesburgo, em Abril passado, utilizaram foguetes de fabrico soviético e desapareceram na noite sem deixar rasto.

Agora, por entre generalizadas recriminações contra a «falta de segurança» nas instalações estratégicas industriais, o governo está a propor a intensificação do uso de militares na vigilância desses locais e traça um quadro dos milhares de alvos que uma sociedade desenvolvida industrial proporciona — especialmente naqueles pontos em que o grosso dos trabalhadores é constituído por negros hostis.

Mas o mais sensível de todos os objectivos é a linha vital do petróleo. A primeira fábrica SASOL foi construída em 1954 com financiamento do Estado numa tentativa de obter certa independência em relação às grandes companhias e ao mundo exterior no tocante ao fornecimento de petróleo.

Foi uma tentativa racional de utilizar as enormes reservas de carvão do país (onde, devido aos salários muito baixos, a extracção do carvão se consegue ao preço mais barato do mundo) para produzir fuel oil e outros subprodutos químicos.

A técnica é dispendiosa, e a fábrica só começou a funcionar realmente em pleno depois do embargo petrolífero árabe de 1973 e do aumento dos preços da OPEP em 1974. Nessa altura, o Estado deci-

diu levar avante uma segunda fábrica em Secunda, instalada junto dum imenso depósito de carvão com reservas que, segundo se calcula, darão para 70 anos. O custo desta fábrica avalia-se em cerca de cem mil contos e contava-se que iria produzir dez vezes mais que a SASOL I. Abriria no fim deste ano.

No ano passado, depois que o governo revolucionário do Irão decidiu suspender todas as suas exportações de petróleo para a África do Sul (que dependia do Irão em 90 por cento do petróleo consumido), o regime decidiu construir outra fábrica no mesmo local para duplicar a capacidade da SASOL II.

Ainda que aceitemos como certos os números mais optimistas da produção das fábricas SAOL, a África do Sul continuará ainda a depender do petróleo importado para 50 por cento das suas necessidades em combustível líquido.

O governo tenta enfrentar esta situação de três modos para lá do recurso à produção das fábricas SASOL: trabalhos de prospecção na esperança de salvação graças a alguma descoberta gigantesca de petróleo; armazenamento; compras no mercado livre utilizando os fundos adicionais que a sua economia, assente no ouro, lhe proporciona.

E como o êxito em qualquer destas áreas é de crucial importância para a sua vida económica, tem proibido os jornalistas nacionais de publicarem dados sobre a situação petrolífera do país. Portanto, muitos números são estimativas mais ou menos fundamentadas, mas todas elas com grande margem de erro.

O regime começou a fazer a sua armazenagem em 1966, em grande parte em minas de carvão que se encontravam fechadas no Transvaal Leste. É provável que disponha de reservas para 12 ou 18 meses. Ao mesmo tempo, as grandes companhias petrolíferas internacionais que operam no país, passaram a ser obrigadas a guardar um mínimo de produtos petrolíferos (incluindo fuel) equivalente a três meses de fornecimentos.

A prospecção de depósitos petrolíferos até agora não tem dado resultados. Foi intensificada depois do embargo de 1973 e da subida de custo do petróleo da OPEP, e desde a revolução iraniana têm-se renovado esforços neste campo.

Mas neste momento, a maioria das companhias internacionais abandonaram já a prospecção, que está a ser levada a cabo pela companhia estatal Soekor, a qual procura sobretudo jazidas offshore. Apesar dos grandes gastos já efectuados e a efectuar, até agora só foram descobertos alguns depósitos de gás. O Governo está a examinar a possibilidade da conversão em larga escala deste gás em metanol.

Contudo, a maior parte do petróleo da África do Sul continua a ser fornecida pelas grandes companhias internacionais — British Petroleum, Total, Shell, Caltex e Mobil. Todas as refinarias da África do Sul

foram implantadas ou por estas companhias ou pela SASOL.

Calcula-se que a África do Sul importa 330 mil barris por dia e que o consumo actual seja de 240 mil diários. Estas necessidades são satisfeitas pelas grandes companhias internacionais. No desastre ano de 1979, quando o ex-xá caiu e as importações sul-africanas de petróleo diminuíram de 40% no primeiro trimestre, a África do Sul comprou a maior parte do petróleo no mercado livre pagando por vezes mais 20 dólares que o preço da OPEP. Desde então, têm vindo a ser celebrados contratos a longo prazo.

No que se refere às fábricas SASOL, quando as novas estiverem a operar em pleno só conseguirão satisfazer metade das necessidades do país em petróleo. E de acordo com um perito da Anglo-American Corporation, o país precisaria de mais dez fábricas SASOL, para ficar auto-suficiente no fim do século, quando as necessidades sul-africanas rondarem os 500 mil barris diários. Para tal o investimento requerido seria o equivalente a 22 por cento do Produto Nacional Bruto.

Significa isto que a África do Sul está muito longe de ser auto-suficiente, a despeito das fábricas SASOL, a despeito das suas riquezas de ouro, e a despeito da prontidão com que as grandes companhias lhe vendem petróleo contra os desejos dos países produtores.■

PETRÓLEO DE CARVÃO

A SASOL I da África do Sul é a maior fábrica comercial do mundo de extracção de petróleo a partir do carvão. Criada em 1954, calcula-se que produza 4.000 a 5.000 barris por dia — 8% das necessidades da África do Sul.

A SASOL II ainda em construção estará operacional este ano.

A SASOL III, também em construção, terá uma capacidade produtiva equivalente ao dobro da da SASOL II.

Está em projecto a SASOL IV, que utilizará um novo processo.



A África do Sul importa 305 mil barris de petróleo por dia. O consumo é de cerca de 240 mil barris por dia. Calcula-se que o consumo diário de petróleo ascenda no ano 2000 na África do Sul aos 500 mil barris por dia.

Bourguiba tem sucessor?



A sucessão de Bourguiba preocupa de há muito os responsáveis tunisinos. A grave doença que em Fevereiro atingiu o primeiro-ministro Hedi Nouri, agravou essas preocupações, e levou à recente nomeação do seu substituto; Mohamed M'Zall (na foto Keystone). Será que o velho e contestado Bourguiba encontrou finalmente o seu herdeiro político?



O jornal sul-africano *Oggenblad* comentou com esta caricatura o incêndio da refinaria de petróleo e dos depósitos de combustível de maneira sugestiva que vemos: o fumo saído do fogo tem, como seria inevitável, a forma da foice e do martelo. Para o regime sul-africano, os negros não se revoltam devido às condições de opressão a que estão sujeitos, mas sim porque estão sob o domínio ideológico da foice e do martelo... (Caricatura publicada em *South African Digest*, revista da imprensa sul-africana distribuída pela Embaixada da RAS no nosso país)

ÁFRICA DO SUL

A caminho da insurreição popular?

«(...) A realidade nua e crua é que, depois de mais de dez anos de esforços, não há ainda indícios de qualquer tipo de luta militar no país. (...) Mas não pode haver dúvidas de que a transformação espectacular ocorrido na África Austral eliminou um dos mais sérios obstáculos existentes no caminho da insurreição popular».

(Joe Slovo, in «África do Sul: um só caminho»)

Estas palavras do advogado Joe Slovo, escritas em finais da década de 70, suscitam uma imediata interrogação perante os últimos acontecimentos que se estão a registar na África do Sul: será que o movimento de libertação conseguiu alcançar já as condições estratégico-políticas que lhe permitam o lançamento da luta armada? A verdade é que nos anos que mediarão entre o massacre de Soweto (600 mortos em Junho de 1976) e as sangrentas comemorações do seu quarto aniversário, muita coisa tem acontecido na África do Sul. Por um lado, o governo racista procura «limpar a face» do *apartheid*, adocando certos aspectos da discriminação racial, enquanto, por outro lado, a luta se vai alargando aos mestiços, e os negros vão repetindo os seus atentados contra alvos simbólicos da repressão. O atentado que lesou gravemente uma refinaria e depósitos de armazenagem de combustível foi a acção mais espectacular até hoje levada a efeito pelos combatentes nacionalistas (v. texto junto). Representará esse atentado contra o «calcanhar de Aquiles» do regime de Pretória um ponto de viragem, a mudança qualitativa há dez anos esperada? Isso só o futuro o poderá esclarecer. Mas tudo indica que as condições internas e externas, que no já referido livro, Joe Slovo indica como imprescindíveis para uma alteração de Poder serão os primeiros a dar-se conta de que os cerco aperta. Mas qualitativa da luta nacionalista na África do Sul, ou estão já reunidas

ou não demorarão a produzir-se.

Toda a gente se apercebe do acelerado evoluir da situação. Muito provavelmente os que ocupam o não o revelam. Preferem apresentar a sua versão pessoalíssima dos acontecimentos, «denunciando» uma «vasta maquinação» que tem por pólos principais a URSS (era inevitável) e nada mais nada menos que o nosso citado autor, Joe Slovo.

Segundo refere a revista norte-americana «Newsweek», este advogado branco, de 54 anos, que desde 1963 preferiu o exílio e se encontra agora no Maputo é o «inimigo público n.º 1» que o regime de Pretória «descobre» como o frio cérebro dos atentados contra a refinaria e as fábricas SASOL.

Filho de uma emigrada lituana, Matilda, de 84 anos, considerada uma das primeiras militantes do Partido Comunista da África do Sul, membro do CNA, Slovo tornou-se uma figura de grande notoriedade na década de 50, pelo seu activismo político e defesa dos direitos civis da população negra. Desde então e até à data do seu exílio foi metodicamente perseguido pelas autoridades racistas, que o mantinham, ora na cadeia, ora proscrito. Casado com uma jornalista também mundialmente conhecida, Ruth First, decidiram ambos sair do país em 1963.

Segundo as autoridades de Pretória, Joe Slovo é agora o cérebro de um grupo de guerrilhas do Congresso Nacional Africano (CNA) que ele recruta e cujos treinos dirige em Moçambique onde comanda

as acções de sabotagem, coordenando a sua estratégia com... Moscovo.

Para o Congresso Nacional Africano, esta «eleição» de um branco, como cabecilha das guerrilhas e inimigo público número 1 do regime, é ainda uma manifestação de racismo. Eis o que uma fonte da CNA declarou a este propósito à «Newsweek»: «Acusando Slovo de estar a comandar as operações, os sul-africanos, no fundo, o que querem dizer é que os negros precisam que um branco os dirija».

A verdade é que para Pretória será impossível assumir publicamente a dureza dos factos, confessar que as sementes de Soweto deram o seu fruto e que os tempos da «matança dos cordeiros» passaram para todo o sempre.

Os observadores ocidentais, esses, não parecem deixar-se iludir com as expulções vãs de Pretória. Para muitos, a hora da mudança chegou já. Aos actos de sabotagem dispersos e de heroica resistência que caracterizaram a luta do povo sul-africano nos últimos vinte anos, sucedeu agora a fase da guerra económica contra o regime. Fase que abrirá para uma guerra de guerrilhas de dimensões sem paralelo.

O livro de Joe Slovo, publicado há dois anos em Portugal, passou praticamente despercebido. Obra fundamental para a compreensão do que neste momento se passa numa das zonas-chave do globo, bom seria que os leitores portugueses não continuassem a ignorá-la. Para se aperceberem do real valor da luta emancipalista dos sul-africanos, da importância crucial do 25 de Abril, e da capacidade analítica e «profética» do «inimigo público número 1» dos Bothas sul-africanos. — A. N.

A ECOLOGIA POLÍTICA

LE MONDE

A corrente ecológica, cuja organização se concretizou com a criação do Movimento de Ecologia Política (MEP), considera essencial apoiar a sua acção política no trabalho que é levada a cabo localmente pelos grupos antienergia nuclear, as associações de defesa do ambiente, assim como outros movimentos que põem em causa diversos aspectos da organização social.

Na Bretanha (uma região afectada pela maré negra provocada pelo «Tanio»), as manifestações e os incidentes aumentam em relação ao projecto da central nuclear em Plogoff, tendo um inquérito público, a seu respeito, sido concluído no dia 14 de Março.

Em toda a história política e social muito poucos conceitos se têm afirmado com a rapidez e a força da ecologia. Os factos comprovam que não se trata apenas de uma simples moda. Na realidade, a ecologia afirma-se como resposta à crise da nossa sociedade industrial, dominada pela técnica e pela produtividade. Desequilíbrio entre o Norte e o Sul e ameaças de guerra, desemprego, destruição da natureza e criminalidade urbana constituem, a diversos níveis, os sinais de uma crise fundamental, estrutural, muito além do acontecimento.

Ora, paradoxalmente, esta crise é o prémio dos nossos sucessos. Esta vontade de poder, este espírito pioneiro, este desenvolvimento da inteligência e de talentos que nos trouxeram crescimento e prosperidade, põem actualmente em perigo o conjunto da biosfera, esta delgada película de vida que cobre o globo e de que nós somos uma parte integrante e indissociável. Tornando-se o seu próprio fim, o crescimento atinge o nível de ideologia e ameaça o frágil equilíbrio da vida. Mas, para a maioria dos nossos políticos, a época de forte crescimento torna-se uma espécie de paraíso perdido cujo «suave desenvolvimento» não seria senão uma compensação para o tempo de crise.

A partir daí, o sentido do combate ideológico é claro.

Ao pôr-se em causa o sistema de produtividade baseado numa falsa ideia do progresso, a ecologia está igualmente a pôr em causa as análises ultrapassadas a seu respeito.

O produtivismo de direita, egoisticamente canalizado para o lucro, reduz o homem a um papel de peça de uma grande máquina produtora ou consumidora. O produtivismo de esquerda abafa o indivíduo sob o materialismo e a burocracia totalitária. E pode-se perguntar qual é esta curiosa noção de justiça que leva Geroges Marchais a tomar a defesa do Concorde, meio de transporte subvencionado, reservado a uma minoria de privilegiados; que estranha concepção da liberdade incita Valéry Giscard d'Estaing a criticar a intervenção soviética no Afeganistão, quando ele próprio conduz a sua política africana à força de grupos de intervenção e de outros «boinas verdes». Em nome de quê senão da «autoridade que porporciona o sucesso», estes políticos teriam o tranqüilo impudor de pretender ensinar-nos as soluções da crise? Será verdadeiramente sensato preconizar uma completa orientação no sentido da sociedade nuclear após se ter atolado numa sociedade dependente do petróleo? Quem poderá ainda ter confiança em «dirigentes» que administram ao fim-de-semana ou técnicos que

falsificam os seus relatórios?

Poder-se-á simultaneamente lutar em prol de um suave desenvolvimento e acelerar o programa nuclear civil e militar? Poder-se-á criticar o colonialismo e não ver o aumento de desemprego que um desenvolvimento acelerado, inevitavelmente baseado na pilhagem e alienação do Terceiro-Mundo provocará? Poderemos ter esperanças em sociedades ocidentais ou de leste, mais interessadas nas viagens no espaço do que na correcta orientação do nosso planeta?

Decidir com «perfeito conhecimento das consequências»

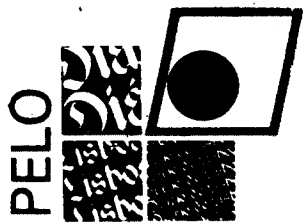
As contradições suicidas da sociedade industrial ficaram a partir de agora postas a nu: abriu-se um enorme vazio no espaço político, no principal sentido que tem o termo: gestão da cidade, funcionamento da sociedade. O cidadão e os grupos sociais devem procurar para além dos impasses tradicionais a nova via da sua expressão, a chave da sobrevivência e do direito à felicidade.

Para os ecologistas, a simples alternativa direita-esquerda está definitivamente ultrapassada, pois não apresenta solução para os novos problemas, nem mostra sequer compreendê-los. De acordo com Romain Gary: «O século vinte não preparou o século vinte e um; limitou-se a dar satisfação ao século dezanove». Ou com Michel Bosquet: «O capitalismo em desenvolvimento está morto. O socialismo em desenvolvimento, que se lhe assemelha como se fossem irmãos, apresenta-nos a imagem deformada, não do nosso futuro, mas do nosso passado».

A crise levanta um conjunto de problemas existentes, mas ignorados e não resolvidos pelo liberalismo ou pelo marxismo. A crise da relação do indivíduo com a economia, a crise do trabalho, a crise da nossa relação com a natureza com os nossos corpos, com o sexo oposto, com a sociedade, com os nossos filhos, com a história; crise da vida urbana, do «habitat», da medicina, da escola, da ciência.

Mas que são, então, os ecologistas, que propõem eles, que se pode esperar do seu recente aparecimento na cena política?

O ecologismo aspira a um mundo novo onde o indivíduo, consciente dos seus deveres e dos seus direitos, procuraria viver em harmonia com os seus semelhantes e o ambiente. Um mundo onde as decisões, livremente discutidas e maduramente analisadas por todos, seriam tomadas com perfeito conhecimento das consequências e não com conhecimento de causa. Um mundo em que se deixaria de explorar a desgraça do homem e os seus recursos naturais na produção de armas ou invenções que matam os corpos e alienam os espíritos. Um mundo em que o trabalho deixaria de ser considerado como um fim ou uma obrigação, mas como um meio — atenuado pelo verdadeiro progresso científico e técnico — de elaborar os bens indispensáveis ao desenvolvimento individual, segundo as suas próprias qualidades. Um mundo em que seria ultrapassado o mito do desenvolvimento, individual ou colectivo, e que finalmente acabaria por se considerar os objectivos. Um mundo em que novos critérios de gestão e as novas relações sociais substituiriam os dogmas político-económicos, ilusórios e fáceis, que nos conduzem à nossa perda. ■



MUNDO

Presidente
por um ano

O esquema sucessório que o marechal Tito delineou foi escrupulosamente seguido na Jugoslávia, após o falecimento do velho dirigente. Para este primeiro ano do «após-titismo» a escolha recaiu, como se sabe, sobre Evijetin Mijatovic, de 67 anos, representante da Bosnia-Herzegovina, no Conselho da Presidência. Na foto Keystone: o sucessor de Tito.

OUA
As etapas
percorridas

5

gro da sua mediação no conflito uganda-tanziano.

● **21 de Julho** – Em Monróvia, a «cimeira» da OUA adopta, pela maioria requerida de dois terços, uma recomendação a favor de um cessar-fogo e de um referendo no Saará Ocidental, o que constitui uma grave derrota para a diplomacia marroquina.

● **5 de Dezembro** – Na ausência do Marrocos, que se recusou a participar nos seus trabalhos, um comité de honens da OUA, reunido em Monravia, convida Rabat a retirar as suas tropas do Saara Ocidental.

1980

● **20 de Abril** – No final da primeira «cimeira» extraordinária da OUA consagrada à economia é adoptado «um plano de acção» em prol do desenvolvimento da África. A delegação do novo regime libe-rano (saído do golpe de estado de 12 de Abril) não foi autorizada a participar nos trabalhos pela Nigéria, país anfitrião ■

A LINGUAGEM DO PAPA NO BRASIL

A viagem que João Paulo II iniciou na passada semana ao Brasil, prossegue perante o mesmo entusiasmo que logo nos primeiros dias tomou os milhões de brasileiros que o têm visto e ouvido. Esta visita que certamente fará história e terá importantes repercussões, não só no Brasil, como em muitos dos locais em que as oligarquias políticas e económicas teimam em manter sujeitos a uma exploração desenfreada centenas de milhões de seres humanos, continua também a suscitar as mais variadas reacções. Por um lado, o patronato brasileiro e as forças políticas próximas do governo lamentam a clareza das palavras do Papa que indirectamente os põem em causa e temem pelas consequências futuras das posições por ele assumidas. Por outro lado, a oposição política e sindical e a generalidade da igreja católica congratulam-se com as suas múltiplas tomadas de posição em favor da justiça social e dos direitos dos trabalhadores.



EXCLUSIVO

N.º 28/80

